



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

Combate ao *Bullying*
Promovendo o Sucesso através da Imagem e da Palavra
na Aula de Inglês

Susana Natividade de Almeida Ferrinho

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Estudos Didáticos, Culturais, Linguísticos e Literários
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutora Paula Elyseu Mesquita

Covilhã, Outubro de 2010

Agradecimentos

Este trabalho não teria sido possível sem a imprescindível ajuda e colaboração de vários Professores a quem muito agradeço todo o apoio prestado durante as várias etapas de desenvolvimento e elaboração desta tese.

Agradeço à Orientadora da Tese, Professora Doutora Paula Elyseu Mesquita, todo o seu empenho, dedicação e disponibilidade, bem como a competente ajuda e incentivos prestados ao longo de todo o processo, desde a idealização do trabalho até à sua consecução.

Ao Professor Luís Nunes, Director da Bristol School da Covilhã e do Instituto de Línguas do Fundão, e Professor na Escola Secundária do Fundão, onde é responsável pelo Gabinete de Gestão de Conflitos, agradeço o estímulo, o interesse e a atenção disponibilizada, e todos os elementos fornecidos, que permitiram a realização deste trabalho.

À Direcção da Escola Secundária do Fundão, agradeço a colaboração prestada e os dados dispensados através do Gabinete de Gestão de Conflitos.

À Direcção da Escola Secundária Frei Heitor Pinto, agradeço todo o interesse manifestado e o facto de me ter permitido a participação e recolha de dados através da aplicação de um questionário e a leccionação de uma aula.

Agradeço à Professora Maria Ana Cabral toda a cooperação revelada e a possibilidade de me ter autorizado a entrar e intervir na sua aula, e aos seus alunos e alunas do 8º B agradeço o interesse em fazer parte deste trabalho, as informações prestadas através da resposta a um questionário, a efusiva participação na aula, bem como o facto de terem aceitado participar na campanha “STOP BULLYING”, tornando-se a primeira turma a zelar por uma convivência salutar no recinto escolar.

Agradeço à minha mãe e à minha querida avó, todo o incentivo, compreensão e auxílio prestados, que me permitiram a realização deste trabalho e à minha bebé, Laura, que me deu força e ânimo para continuar.

Resumo

O conceito de *bullying* começa a ser mais audível na sociedade portuguesa, à medida que as pessoas vão ganhando maior consciência da sua envolvência, e ao mesmo tempo que vão sendo gradualmente destronadas ideias de que este fenómeno faz parte do universo de crescimento das crianças e jovens. Porventura a maior frequência e a maior exposição que é conferida aos casos existentes nas escolas portuguesas, que têm vindo a público através dos órgãos de comunicação social, têm contribuído para a alteração da percepção que a generalidade das pessoas tem deste fenómeno, colaborando assim para que as situações de *bullying* deixem de ser aceites como brincadeiras inofensivas e normais nas crianças. Ainda assim, e apesar das melhorias significativas na compreensão e discussão dos casos, há ainda um longo caminho a percorrer e um trabalho conjunto a desenvolver, que envolva toda a comunidade educativa, já que é nas escolas que o *bullying* adquire maior expressão, bem como a comunidade local onde ela está inserida. Toda a sociedade, mas em particular os pais, professores e educadores, enquanto elementos chave do processo de desenvolvimento e aprendizagem de cada um dos jovens, têm um papel preponderante na consciencialização e alerta para o *bullying*, bem como no seu combate. Desta forma, e para que o seu papel possa ser desempenhado de uma forma eficaz, é necessário que todos os intervenientes tenham conhecimento do que é o *bullying* e o *cyberbullying*, onde ocorre, de que forma se manifesta, quem são as potenciais vítimas, quais são os sintomas que apresentam, quem são habitualmente os *bullies*, o que motiva os seus comportamentos e como agir face a eles, ao mesmo tempo que têm consciência de que no *bullying* há um desequilíbrio de forças, mas que tanto vítimas, como *bullies* precisam de ajuda. Porque a prevenção é o melhor remédio, escolas e professores, enquanto agentes de mudança, devem ser capazes de unir esforços e nas suas aulas transmitir a ideia de que os comportamentos de *bullying* não são aceitáveis, nem tão pouco podem ser tolerados, apelando a uma consciencialização dos jovens e desencorajamento dessas atitudes. Várias são as estratégias que a comunidade escolar e local pode adoptar para prevenir e combater o fenómeno, mas o professor de inglês e porque falamos de um anglicismo, poderá ter um papel decisivo através da introdução e elaboração (também em conjunto com os alunos) de materiais didácticos anti-bullying nas suas aulas que visem o despertar para estes comportamentos agressivos.

Palavras-chave

Bullying, *bully*, vítima, vitimização, *bullycide*, estratégias, materiais, consciencialização, escola, sala de aula, família, pais, professores, comunidade escolar.

Abstract

The term *Bullying* has become commonplace in Portuguese society, as more people are now aware of its prevalence, while at the same time these ideas have gradually come to form part of the growing pains of children and adolescents. Perhaps the greater frequency and exposure that is given to existent cases of bullying in Portuguese schools that have come to the public's attention through social media, have contributed to the change in the perception that most people have of this phenomenon, contributing as such that bullying is no longer accepted as normal and inoffensive horseplay among children. Nevertheless, despite the greater clarity in the understanding and discussion of these cases, there is a long way to go and a cooperative effort to undertake, that involves the entire educative community, given that it is in the schools that bullying is most present, as well as the local communities in which schools are located. Society on the whole, but parents, teachers and educators in particular, as key elements in the developmental and learning processes of each and every child, have a predominate role to play in both in raising awareness of and combating bullying among children. In this way, and so that its role may be carried out in an effective way, it is necessary that all that intervene are aware of bullying and cyberbullying, where they occur, in which form they are manifested, who are the potential victims, which are the symptoms that they present, who are usually the bullies, what motivates their behaviour and how to react to them, at the same time are aware that inherent in bullying is an unequal power relationship, and that the victims and the bullies themselves need help. Because prevention is the best cure, schools and teachers, as agents of change, should be capable of uniting forces and in their classrooms transmitting the idea that bullying behaviour is not acceptable, nor will it be tolerated, calling for awareness and discouragement of such attitudes among the youth. Many strategies are available for adoption by local and scholastic communities to prevent and combat the phenomenon, but English teachers, and because we are talking about an Anglicism, can have a decisive role through the introduction and development (as well as in conjunction with students) of anti-bullying educational materials in their classrooms where they see the rise of this aggressive behaviour.

Key Words

Bullying, bully, victim, victimization, bullycide, strategies, materials, awareness, school, classroom, family, parents, teachers, scholastic communities.

Índice

Introdução	xi -xii
Capítulo I - O conceito de bullying e sua envolvimento	
1. O que se entende por <i>bullying</i> ?	13 - 15
2. Quando e onde ocorre o <i>bullying</i> ?	16 - 24
3. Diferentes tipos de <i>bullying</i>	25 - 27
4. Uma nova forma de <i>bullying</i> - O <i>cyberbullying</i>	28 - 31
5. Os agressores e suas motivações	32 - 36
6. Alvos preferenciais - A escolha das vítimas.....	37 - 39
7. As sequelas para além do silêncio da violência.....	40 - 41
8. <i>Bullies</i> e suas vítimas - criados por uma mesma sociedade.....	42- 45
9. Como agir face ao <i>bullying</i>	46 - 48
Capítulo II - Medidas, estratégias e materiais de combate ao <i>bullying</i>	
1. Um projecto educativo global e inclusivo - A política anti- <i>bullying</i>	49 - 50
2. O papel decisivo dos professores	51 - 54
3. <i>Bullying</i> escolar - Estratégias de intervenção	55 - 66
4. Combater o <i>bullying</i> através do currículo	67 - 105
Capítulo III - Uma aplicação prática	
1. Relatos de uma pequena intervenção	106 - 109
2. Resultados da análise do Questionário <i>Bullying na Escola - O que sabemos e podemos fazer</i>	110- 116
Conclusão	117 - 118
Referências Bibliográficas	119 - 123
Anexos	
ANEXO 1 - Direitos e Deveres dos vários elementos da Comunidade educativa (excertos);	125 - 128
ANEXO 2 - Entidades que garantem a segurança nas escolas	129 - 130

ANEXO 3 - Medidas, programas e projectos destinados a garantir ou reforçar a segurança nas escolas.	131 - 132
ANEXO 4 - Actividade do Programa Escola Segura no Ano Lectivo 2007/2008 e o Relatório de Segurança Escolar 2008/2009 do Observatório para a Segurança Escolar.	133 - 136
Anexo 5 - Relatório da UNICEF (excertos).	137 - 140
Anexo 6 - Autorizações Escola Secundária Frei Heitor Pinto; Questionário BULLYING NA ESCOLA - O QUE SABEMOS E PODEMOS FAZER	141 - 146

Anexos em CD

FICHEIROS ÁUDIO

Anexo 1 - *Ugly*, by Sugababes

Anexo 2 - *Jeremy*, by Pearl Jam

FICHEIROS VÍDEO

Anexo 0 - *Powerpoint: What is bullying?*

Vídeo 1- *Wanda's song*, dos The Readings, com a letra;

Vídeo 2- *Wanda's Song*, dos The Readings, com imagens;

Vídeo 3 - rap *BULLYING ESCOLAR - Bigui Best*;

Vídeo 4 - *A Conversation with Dr Dan Olweus About the Olweus Bullying Prevention Program*;

Vídeo 5 - *Bullied to death - They committed suicide because of bullying*;

Vídeo 6 - *Suicide note*;

Vídeo 7 - *I'm Being bullied*;

Vídeo 8 - *'Mom, Dad I'm Scared'*;

Vídeo 9 - *'Who Will Stop This?'*;

Vídeo 10 - *Anti Bullying ad*;

Vídeo 11 - *Anti Bullying Campaign Advert - Beat Bullying*;

Vídeo 12 - *Anti Cyber Bullying Commercial*;

Vídeo 13 - *Cyber bullying - Cinema Commercial*;

Vídeo 14 - *Cyber Bullying - Lets fight it Together*;

Vídeo 15 - *Children See, Children Do*;

Vídeo 16 - *LOOK AT YOURSELF AFTER WATCHING THIS*;

FICHEIROS FILM TRAILER

Anexo 1 - The ant bully Trailer

Anexo 2 - Big Bully Trailer

Anexo 3 - Bully Trailer

Lista de Esquemas e Figuras

Esquema 1 - Especificidades do bullying; Traços identificadores e distintivos de outras formas de violência	14
Esquema 2 - Diferentes tipos de <i>bullying</i> e suas formas de agressão e humilhação	26 -27

Figura 1 - Protótipo de uma braçadeira para a campanha “Stop bullying”	59
Figura 2 - Exemplo de exercício sobre conceitos chave relacionados com o <i>bullying</i>	68
Figura 3 - Questões a explorar para promover na aula a discussão sobre o <i>bullying</i>	68
Figura 4 - Poema sobre <i>bullying</i> na primeira pessoa	70
Figura 5 - Jogo de Dominó sobre bullying composto por 24 peças.	71 - 75
Figura 6 - Jogo ‘Resolve conflicts’, composto por 11 cartões com situações problema.	77
Figura 7 - Jogo ‘How do you feel?’, composto por 42 pequenos cartões.	78
Figura 8 - Balões de pensamento fotocopiáveis para realização do jogo ‘When I feel angry...’	80
Figura 9 - Cartões do jogo ‘When I feel angry...’ com sugestões de actividades.	81
Figura 10 - Cartões do jogo ‘What should you do?’, com situações problema.	83
Figura 11 - Passos a seguir e frases estratégicas que a vítima deve dizer quando estiver a ser importunada.	85
Figura 12 - O que a vítima deve e não deve fazer numa situação de bullying.	85
Figura 13 - Texto exemplificativo de uma situação de <i>bullying</i> para organização de um debate.	86
Figura 14 - Exemplificação de como as citações podem ser ponto de partida para um debate.	87
Figura 15 - Modelo de um documento a criar pelos alunos com os seus direitos e deveres face ao <i>bullying</i>	88
Figura 16 - Modelo de um documento a criar pelos alunos em que se apresentam características tanto do perfil das vítimas como dos agressores, incentivando-os a pedir ajuda.	89
Figura 17 - Apresentação do jogo ‘Natural Consequences’ na versão <i>matching</i>	90
Figura 18 - Sugestão de actividades sobre a leitura da história <i>Henry’s Violin</i>	91
Figura 19 - Letra da canção <i>Ugly</i> , das Sugababes, Anexo 1 dos ficheiros áudio.	93
Figura 20 - Letra da canção <i>Jeremy</i> , dos Pearl Jam; Anexo 2 dos ficheiros áudio.	94
Figura 21 - Artigo de Jornal sobre a morte de Jeremy Delle.	96

Figura 22 - Aspecto do vídeo da canção <i>Wanda's song</i> , dos The Readings, com a letra; Vídeo 1 em anexo nos ficheiros vídeo.	96
Figura 23 - Aspecto do vídeo da canção <i>Wanda's Song</i> , dos The Readings, com imagens; Vídeo 2 em anexo nos ficheiros vídeo.	97
Figura 24 - Aspecto do vídeo informativo / rap <i>BULLYING ESCOLAR - Bigui Best</i> ; Vídeo 3 em anexo nos ficheiros vídeo.	97
Figura 25 - Aspecto do vídeo da entrevista <i>A Conversation with Dr Dan Olweus About the Olweus Bullying Prevention Program</i> ; Vídeo 4 em anexo nos ficheiros vídeo.	98
Figura 26 - Aspecto do vídeo <i>Bullied to death - They committed suicide because of bullying</i> ; Vídeo 5 em anexo nos ficheiros vídeo.	98
Figura 27 - Aspecto do vídeo <i>Suicide note</i> ; Vídeo 6 em anexo nos ficheiros vídeo.	99
Figura 28 - Aspecto do vídeo <i>I'm Being bullied</i> ; Vídeo 7 em anexo nos ficheiros vídeo.	99
Figura 29 - Aspecto do vídeo <i>'Mom, Dad I'm Scared'</i> ; Vídeo 8 em anexo nos ficheiros vídeo.	99
Figura 30 - Aspecto do vídeo <i>'Who Will Stop This?'</i> ; Vídeo 9 em anexo nos ficheiros vídeo.	100
Figura 31 - Aspecto do vídeo <i>Anti Bullying ad</i> ; Vídeo 10 em anexo nos ficheiros vídeo.	100
Figura 32 - Aspecto do vídeo <i>Anti Bullying Campaign Advert - Beat Bullying</i> ; Vídeo 11 em anexo nos ficheiros vídeo.	100
Figura 33 - Aspecto do vídeo <i>Anti Cyber Bullying Commercial</i> ; Vídeo 12 em anexo nos ficheiros vídeo.	101
Figura 34 - Aspecto do vídeo <i>Cyber bullying - Cinema Commercial</i> ; Vídeo 13 em anexo nos ficheiros vídeo.	101
Figura 35 - Aspecto do vídeo <i>Cyber Bullying - Lets fight it Together</i> ; Vídeo 14 em anexo nos ficheiros vídeo.	101
Figura 36 - Aspecto do vídeo <i>Children See, Children Do</i> ; Vídeo 15 em anexo nos ficheiros vídeo.	102
Figura 37 - Aspecto do vídeo <i>LOOK AT YOURSELF AFTER WATCHING THIS</i> ; Vídeo 16 em anexo nos ficheiros vídeo.	102
Figura 38 - Aspecto geral do <i>powerpoint What is bullying?</i> ; Anexo O nos ficheiros vídeo.	107
Figura 39 - Aspecto da braçadeira entregue aos alunos para darem seguimento à campanha <i>STOP BULLYING</i>	108
Figuras 40-46 - Fotos ilustrativas da aula leccionada na Escola Secundária Frei Heitor Pinto.	109

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Idades dos alunos que responderam ao questionário.	110
Tabela 2 - Como é para os alunos estar na escola.	110
Tabela 3 - Como é para os alunos o relacionamento com os colegas de turma.	111
Tabela 4 - Como são os alunos tratados pelos colegas de escola.	111
Tabela 5 - O grupo de amigos dos alunos.	112
Tabela 6 - As formas de contacto dos alunos com a temática do <i>bullying</i>	112
Tabela 7 - Número de alunos que conseguiram identificar as situações de <i>bullying</i>	113
Tabela 8 - Número de alunos que negaram ou afirmaram já ter sido vítimas.	113
Tabela 9 - Actos de <i>Bullying</i> que os alunos dizem ter sofrido.	114
Tabela 10 - Características do agressor.	114
Tabela 11 - Lugares onde aconteceu o <i>bullying</i>	115
Tabela 12 - A quem relataram as vítimas a situação de <i>bullying</i>	115
Tabela 13 - “Serás tu um <i>bully</i> ?”	116

Introdução

Presentemente espera-se dos centros escolares e seus dirigentes, bem como de todos os seus intervenientes, muito mais do que o tradicional desenvolvimento e progressão nos propósitos académicos. Espera-se que a escola seja capaz de educar e intervir para que as várias gerações sejam capazes de coabitar num espaço mais seguro e acolhedor, para além de preparar para a vida numa vertente científica e profissional.

Esta preocupação torna-se mais evidente com a crescente divulgação nos meios de comunicação de casos de violência no contexto escolar, quer entre pares, quer entre pais ou filhos em relação a professores e/ou funcionários. Começa a ganhar força e visibilidade o conceito de *bullying* no contexto escolar português, infelizmente devido aos trágicos incidentes ocorridos ultimamente. Embora este tema tenha vindo a ser abordado ao longo dos últimos anos, não se evitou que um professor e mais um aluno se suicidassem em Portugal, acordando o país tardiamente para a realidade que se vive nas escolas. Apenas recentemente o *bullying* começou a ganhar destaque na discussão pública nacional. É assinalável, aliás, que não exista em português um termo que designe esta violência humilhante exercida sobre o outro, porventura porque nunca se tenham levado muito a sério os comportamentos agressivos no seio das escolas ao longo dos anos.

Apesar de todos os bons momentos que evocamos quando relembramos a nossa infância e adolescência, todos nós recordamos alguma atitude ou gesto mais infeliz que presenciámos ou mesmo vivemos enquanto palmilhávamos corredores, pátios e salas nos nossos tempos de escola. Há sempre alguma circunstância menos positiva que por muito que tentemos apagar, teima em permanecer bem viva na nossa memória. Isto apenas vem demonstrar que a realidade do *bullying* não é recente. Sempre existiu e provavelmente existirá. No entanto, cabe-nos a nós, pais, educadores e professores tudo fazer para que este fenómeno seja erradicado ou pelo menos minimizado. Não é admissível que continue a ser considerada uma questão menor, sem que nenhuma resolução seja tomada na nossa sociedade. Primeiramente é necessário compreender o *bullying*, definir estratégias para o prevenir ou combater, e identificar e sinalizar situações específicas para posteriormente actuar.

A escola tende a centrar a sua acção nas crianças mais agressivas e perturbadoras que afectam negativamente o clima da turma e da escola. No entanto, as medidas que vêm sendo implementadas para reduzir ou impedir situações de risco não se têm revelado eficazes. Para além das vítimas, que sofrem muitas vezes em silêncio a dor de um regresso diário à escola e um convívio com os agressores, toda a comunidade escolar acaba por ser envolvida e sofrer

com o mal-estar que se gera. Em vez de medidas correctivas urge tomar medidas preventivas. Para conseguirmos prevenir ou reduzir o *bullying*, isto é, todas as práticas agressivas intencionais e persistentes entre pares, é fundamental que a comunidade educativa reconheça o problema e seja diagnosticada a realidade para se definirem estratégias de intervenção.

Desta forma, na primeira parte deste trabalho proponho-me definir os conceitos de *bullying* e *cyberbullying* e apresentar a sua envolvência, as suas causas, consequências e manifestações. Já na segunda parte revelarei algumas estratégias ou técnicas que visem conter a propagação do *bullying* e apresentarei alguns materiais ilustrativos deste fenómeno, passíveis de ser usados na sala de aula, mais especificamente na aula de Inglês, com um intuito consciencializador e de formação ética, de forma a desencorajar e desincentivar comportamentos de *bullying*. O objectivo é portanto avançar para a intervenção como forma de prevenção e redução das práticas agressivas na escola. Por fim, na terceira e última parte desta dissertação, exemplificarei e comentarei a aplicação de alguns desses materiais em contexto específico, e que poderão sugerir pistas para trabalhos futuros na área.

Capítulo I

1. O que se entende por *Bullying*?

A palavra *bullying* é um termo inglês derivado do verbo *bully*, que pode ser compreendido em português como ameaçar, violentar, intimidar, vitimar, agredir, humilhar, maltratar, oprimir. Contudo, por não haver em português uma palavra que encerre satisfatoriamente todo o seu sentido, tornou-se comum o uso do termo inglês. Desta forma, a palavra *bullying* é usada para descrever actos de violência física ou psíquica, intencionais e repetidos, são praticados por um indivíduo (o *bully*) ou por um grupo, com o objectivo de intimidar, diminuir ou agredir outro indivíduo ou grupo, que se revela incapaz de se defender. Normalmente, não existe motivação aparente para tal comportamento; contudo, ele ocorre num contexto em que há um desequilíbrio de forças a favor dos agressores, e onde são evidentes as relações desiguais de poder.

Dan Olweus, investigador reconhecido e pioneiro no estudo sistemático do *bullying*, além de criador do *Olweus Bullying Prevention Program*, no seu livro *Bullying at School: What We Know and What We Can Do*, sumariza nos seguintes termos um fenómeno bastante complexo: "A person is bullied when he or she is exposed, repeatedly and over time, to negative actions on the part of one or more other persons, and he or she has difficulty defending himself or herself."¹

O *bullying* engloba portanto, características ou padrões de comportamento anormais ou pouco usuais, um uso deliberado da agressão com a intenção de provocar sofrimento, através de dor física ou perturbação emocional. Esta agressão física, verbal ou psicológica não tem uma frequência esporádica; pelo contrário, projecta-se durante um período considerável de tempo e apresentando um carácter repetitivo, não se reduzindo a um incidente isolado. Nestes termos, *bullying* significa sempre terror, controlo territorial e humilhação sistemáticos, infligidos por alguém mais forte em relação a alguém mais fraco: "(...) O agressor tem mais poder porque é mais velho, mais forte, de uma classe social diferente ou de outra etnia. Quer exercer danos e tirar prazer dos prejuízos (físicos ou psíquicos) causados. Não existe uma piada exagerada que feriu sem intenção, nem um empurrão dado por acaso, numa confusão de pátio. Sabe que vai voltar a agredir, a utilizar a violência para intimidar e manter o domínio territorial. Não se trata de um descontrolo momentâneo, ou de uma zanga ocasional, é raiva sistemática utilizada com intenção. (...)” (Sampaio, 2009)

¹ Disponível em <http://www.olweus.org/public/index.page> e <http://www.olweus.org/public/bullying.page> (accedidos a 20/02/2010)

Desta forma, são substancialmente três as características que **distinguem o bullying** de outras formas de violência ou comportamentos agressivos:



Esquema 1 - Especificidades do *bullying*; Traços identificadores e distintivos de outras formas de violência

O facto de a vítima ser repetidamente exposta a humilhações e agressões torna-a um indivíduo mais frágil, que interioriza essa vulnerabilidade. Devido ao efeito surpresa dos comportamentos maldosos que sofre, fica sem reacção, culpabilizando-se frequentemente por não ter resistido e reagido de forma semelhante. Desta forma, a vítima destas opressões físicas e/ou psicológicas pode conduzir à percepção de que por algum motivo é “inferior”, é mais frágil, menos capaz e ou com menores competências: “(...) A criança vítima, ao ser apanhada de surpresa, tem um poder limitado de reacção. O tempo de reacção (uns segundos) é suficiente para garantir maior poder ao atacante. (...) A criança vítima sente que podia ter reagido e que não o fez, conduzindo a uma situação de mal-estar e medo (...)” (Pereira,2006;46)

O *bullying* pode ocorrer em qualquer contexto de interacção humana, tal como a família, a vizinhança, o local de trabalho, a universidade, mas é nas escolas que encontra o

seu território mais propício. É indubitavelmente um exercício de violência perpetrada por pares e continuada no tempo, manifestando-se enquanto comportamento adquirido e passível de ser modificado, pelo que é imperioso estudar o fenômeno com vista à prevenção dos seus efeitos socialmente nefastos.

2. Quando e onde ocorre o *Bullying*?

Ao longo do mais comum percurso escolar, as crianças presenciam ou participam em situações de *bullying*, assumindo o papel de vítima, agressor, observador passivo ou interveniente.

São cada vez mais visíveis e frequentes registos de situações ocorridas em contexto escolar. Pela persistência e pelos níveis de violência física e psicológica que envolvem, constituem factores de risco que ameaçam gravemente o desenvolvimento e o bem-estar das crianças e jovens. No entanto, é importante que à crescente exposição mediática do fenómeno corresponda uma resposta concreta e eficaz das políticas educativas. Apesar de, por excelência, a escola constituir um contexto de aprendizagem de normas, valores e respeito pelo outro, surge neste âmbito como um dos palcos principais da violência exercida entre jovens, contrariando o modelo do espaço escolar enquanto contexto pacífico e seguro, de uma juventude observadora das mais elementares regras de convívio social.

A ocorrência de casos de *bullying* está intimamente associada ao contexto escolar, pois a sua manifestação acontece tanto na sala de aula como nos corredores da escola, ou mesmo no caminho entre a casa e a escola. No entanto, este fenómeno tem especial incidência na faixa entre os 7 e os 14 anos e ocorre predominantemente durante os recreios escolares, altura em que as vítimas se encontram mais desprotegidas por não se encontrarem permanentemente sob a supervisão directa de um adulto que as possa prontamente socorrer. (Sharp e Smith, 1994; Pereira, 1997)

Este factor, aliado ao facto de muitas vezes as vítimas de agressão, por medo ou vergonha, não contarem aos pais ou professores a violência a que são expostas, dificulta em muito o diagnóstico e a resolução dos casos. Porventura, a generalidade dos professores reconhece facilmente quem são os alunos perturbadores. No entanto, tem sérias dificuldades em identificar os alunos vítimas dos colegas.

No primeiro ciclo do Ensino Básico é habitual a presença dissuasora de um ou mais funcionários e/ou professores nos recreios, que prontamente podem assistir, intervir e pôr fim a qualquer potencial situação de violência. Porém, no segundo e terceiro ciclos a realidade é bem distinta. Para além de os jovens estarem dotados de capacidades mais sofisticadas para infligir violência psicológica ou física sobre outros, os átrios escolares não são tão vigiados e os adolescentes têm uma maior liberdade de movimentos.

Não é tão comum a existência de casos de *bullying* nas escolas secundárias e é menor ainda a incidência a nível universitário. Todavia, os efeitos que se abatem sobre as vítimas perduram no tempo e são visíveis mesmo na vida adulta: “(...) a frequência de ser vítima decresce com a idade. As vítimas deixam de o ser, mudados os contextos, parecendo normalizar quando jovens adultos. Há contudo uma relação entre o ter sido vítima na escola e uma certa depressão na vida adulta. (...)” (Pereira, 1997; 24)

É esta dimensão que merece ser também repensada na sua verdadeira complexidade pela comunidade escolar. A escola não deve apenas preocupar-se com a exposição de matérias e o cumprimento dos programas. É também uma das suas atribuições apostar na formação cívica dos indivíduos, de futuros cidadãos adultos com consciência do seu papel interactivo enquanto seres sociais. Não haverá uma sociedade sã no futuro se não houver actualmente empenho social e institucional na edificação cívica dos jovens no presente. Um professor não deve pensar que transferir ou ignorar o problema é a solução. Um aluno problemático pode ficar retido, ser transferido de turma ou escola, ficar com outro professor, mas o problema acompanhá-lo-á. Apenas mudará de mãos. Assim, o importante é que o “problema” seja abordado eficazmente, e para isso, é necessário ir ao âmago da questão - compreender por que é que a criança ou adolescente *bully* age de determinada forma e levá-lo a agir noutra sentido.

A violência é transversal a classes sociais e a escolas, pelo que para prevenir o *bullying* é fundamental repensar inúmeras situações; para além de apostar na supervisão, é necessário de alguma forma reinventar a escola e o seu funcionamento. Esta instituição tem-se deparado com diversos problemas e desafios sociais e nem sempre a sua acção tem a celeridade ou o alcance desejável. Por vezes, mesmo, torna-se inoperativa e ineficaz. Por outras palavras, os agentes envolvidos nem sempre abordam proactivamente os problemas ou se empenham eficientemente em minimizar a ocorrência de *bullying* nas escolas.

Pontualmente, e sempre que é denunciado na comunicação social mais um caso de *bullying* com contornos graves, há sinais de envolvimento social e novos esforços convergem para a resolução dos problemas de *bullying*. Organizam-se debates, procura-se a opinião de especialistas. Porém, volvido algum tempo, por esquecimento ou porventura banalização do fenómeno, muitas escolas caem novamente numa rotina de inércia neste âmbito.

É certo que se fala hoje significativamente mais do que no passado nos direitos da criança, na sua envolvência familiar e nas questões de maus tratos. No entanto, a violência escolar é um pouco remetida para segundo plano (por ser habitualmente considerada relativamente banal) e são tidos em conta sobretudo os maus tratos familiares. “(...) A questão da violência na escola, embora não sendo nova, parece ter assumido maior visibilidade devido a uma conjuntura mais voltada para os direitos da criança. (...) A violência entre pares é um problema pouco partilhado e discutido que se reflecte na falta de concertação e na procura de soluções. (...)” (Pereira, 2006; 50-51)

Não basta focar o problema apenas quando ele surge nos *media*. É, sim, urgente fomentar um projecto de intervenção sobre o *bullying* e para isso é necessário que as comunidades escolares reconheçam e partilhem o problema, e o definam como prioridade a nível do projecto educativo. Há muito que pode ser feito ao nível de escola, considerando os agentes que mais directamente lidam com o problema, enquanto não é criada legislação adequada ou são promulgados despachos relevantes. Aliás, a inacção não pode ser justificada pela falta de legislação específica sobre *bullying*, pois em todas as escolas existe um Regulamento Interno que, com base na lei 30/2002, na lei 3/2008 e no despacho

nº30265/2008², que definem os procedimentos disciplinares, bem como os direitos e deveres de toda a comunidade escolar: alunos, professores, pessoal não docente, e pais/encarregados de educação. A todos se solicita que zelem pelo bom ambiente da escola, que respeitem para serem respeitados e que intervenham de forma a assegurar o bom funcionamento da comunidade escolar.

Se tomarmos como exemplo os excertos, em anexo, do Regulamento Interno da Escola Secundária Frei Heitor Pinto³, na Covilhã, podemos comprovar que se espera que todos os elementos da comunidade escolar promovam e contribuam para a salvaguarda dos direitos e deveres, para a preservação da segurança e integridade física e moral de todos os que participem na vida da escola. Embora a palavra *bullying* não seja uma única vez referida no regulamento, os docentes sabem que ele faz parte da realidade escolar, e que também faz parte das suas funções estar atento, identificar e combater os casos de *bullying* presentes na sua escola, garantindo o desenvolvimento pleno e a integração na escola de todos os alunos.

Já a pensar na segurança dos alunos e das escolas, mas igualmente sem referência explícita ao termo *bullying*, nasceu em 1992 o programa Escola Segura, um protocolo entre o Ministério da Administração Interna e o Ministério da Educação que visava dotar as escolas da presença policial em permanência junto à entrada, para que fosse garantida a tranquilidade dos espaços interiores das mesmas. Em 1996 o programa foi reestruturado, tendo sido fornecidos veículos automóveis às forças policiais para fazerem o patrulhamento das áreas escolares e já em 2005/2006 uma reavaliação do mesmo estipulava os seguintes objectivos prioritários:

- “Promover uma cultura de segurança nas escolas”
- “Fomentar o civismo e a cidadania, contribuindo deste modo para a afirmação da comunidade escolar enquanto espaço privilegiado de integração e socialização”;
- “Diagnosticar, prevenir e intervir nos problemas de segurança das escolas”;
- “Determinar, prevenir e erradicar a ocorrência de comportamentos de risco e/ou de ilícitos nas escolas e nas áreas envolventes”;
- “Promover, de forma concertada com os respectivos parceiros, a realização de acções de sensibilização e de formação sobre a problemática da prevenção e da segurança em meio escolar”;

² Consultar os Decretos-Lei supramencionados em http://www.ige.min-edu.pt/upload/Legisla%C3%A7%C3%A3o/Lei_30_02.pdf e http://www.min-edu.pt/np3content/?newsId=1570&fileName=lei_3_2008.pdf (accedidos a 20/02/2010)

³Ver ANEXO 1, Direitos e Deveres dos vários elementos da Comunidade educativa (excertos); Documento integral disponível em <http://www.esec-frei-heitor-pinto.rcts.pt/portal/pdf/reginterno.pdf> (accedido a 20/02/2010)

- “Recolher informações e dados estatísticos e realizar estudos que permitam dotar as entidades competentes de um conhecimento objectivo sobre a violência, os sentimentos de insegurança e a vitimação na comunidade educativa.”⁴

A leitura destes objectivos comprova que ao longo dos últimos anos se tem demonstrando preocupação com a segurança interna das escolas e das suas imediações, o que é já muito positivo. Para além do programa Escola Segura foram sendo também criadas em Portugal diversas entidades para garantir a segurança nas escolas. Entre elas destacam-se o Gabinete Coordenador da Segurança Escolar, que desenvolve a sua actividade em articulação directa e permanente com as direcções regionais de educação e com as direcções dos agrupamentos de escolas, e o Observatório para a Segurança Escolar⁵, um organismo de carácter científico que funciona de forma autónoma, na Escola Superior de Educação de Santarém. Este organismo foi criado em 2005 com o objectivo de estudar fenómenos relacionados com a segurança dos estabelecimentos de ensino e de fornecer indicadores técnicos e cientificamente aferidos.

No entanto, e apesar deste empenho visível em torno da construção e preservação de um ambiente salutar nas escolas, textualmente, em nenhum dos despachos publicados⁶ aquando da criação destas entidades e programas é mencionada a palavra *bullying*. É verdade que ao lermos os objectivos supracitados encontramos referência à violência e vitimação nas escolas. No entanto, a análise dos relatórios anuais de actividade do programa Escola Segura⁷ (que até dão conta de uma diminuição nas ocorrências registadas), revela que é dada ênfase a outras situações que não o *bullying*, que é claro ser tido em conta pelos agentes policiais envolvidos, já que não há qualquer alusão directa ou indirecta ao problema.

Da leitura destes objectivos e relatórios, que não deixam de ser pertinentes, fica patente que a o problema que se procura minimizar com o programa assenta sobretudo em questões relacionadas com a segurança pública - entenda-se assaltos ou intrusão de elementos estranhos na escola, a existência de drogas nas escolas, ou a ocorrência de outros

⁴ Objectivos prioritários do Programa Escola Segura publicados no Despacho Conjunto n.º 25650/2006 de 29 de Novembro, acessíveis em http://minedu.pt/np3content/?newsId=1271&fileName=despacho_25650_2006.pdf (acedido a 04/04/ 2010)

⁵ Ver ANEXO 2 com Entidades que garantem a segurança nas escolas e ANEXO 3 com as Medidas, programas e projectos destinados a garantir ou reforçar a segurança nas escolas.

⁶ Despachos acessíveis em http://min-edu.pt/np3content/?newsId=1271&fileName=despacho_25650_2006.pdf
http://min-edu.pt/np3content/?newsId=1269&fileName=despacho_222_2007.pdf
http://min-edu.pt/np3content/?newsId=3638&fileName=decreto_lei_117_2009.pdf
http://min-edu.pt/np3content/?newsId=4350&fileName=despacho_23340_2009.pdf (acedidos a 04/04/2010)

⁷ Tomemos como exemplo o ANEXO 4 sobre a Actividade do Programa Escola Segura no Ano Lectivo 2007/2008 e o Relatório de Segurança Escolar 2008/2009 do Observatório para a Segurança Escolar composto por 20 páginas, disponível em http://www.minedu.pt/np3content/?newsId=4902&fileName=Apresenta_o_ME_MAI_08_09_7_de_Maio_de_.pdf (acedido a 04/04/2010)

“pequenos ilícitos”. Embora se registem furtos (que muitas vezes são uma forma de *bullying*), os mesmos são considerados enquanto procedimento criminal, não se procurando averiguar o que está por detrás de tal comportamento. Parece por isso tratar-se de uma abordagem fundamentalmente criminal, que acaba por não desencorajar concretamente este tipo de conduta anti-social. Por não ser indicado explicitamente o conceito de *bullying*, parece ser entendido como uma questão de menor dimensão e importância.

Para agravar esta situação, outros recursos, com uma função de extrema importância, como a Linha SOS Bullying, SOS Professor e SOS Alunos e Famílias (para casos de *bullying*) cessaram entretanto a sua actividade. Como é preocupante, também, que a linha SOS Bullying, criada em Maio de 2008 pela Associação Nacional de Professores, tenha sido desactivada num tão curto espaço de tempo, quando a UNESCO advertia em 2008 que em Portugal 40% das crianças eram vítimas de *bullying*, e que só no ano anterior, “57,5% dos estudantes com idades entre os 11 e os 16 anos estiveram envolvidos em comportamentos provocatórios.”⁸

No âmbito deste trabalho, foi contactada a Associação Nacional de Professores na para obter informação sobre as causas do encerramento destas linhas; prontamente foi dito que não tinham encerrado, apenas mudado de número, sem serem adiantadas quaisquer explicações para a alteração. O serviço está agora disponível através de um e-mail ou de um número de telemóvel, que por várias vezes se tentou contactar sem obter resposta. Não se pode esperar que um número de telemóvel tenha a mesma adesão que um número único (por exemplo, 808 962 006 - anterior linha SOS *Bullying*), que é taxado como uma chamada local. Uma vítima que liga uma ou duas vezes para um número móvel, mais dispendioso, e não atendido garantidamente talvez não se mova a ligar uma terceira vez. Durante a execução deste estudo, nunca foi obtida resposta, nem as chamadas foram devolvidas. À falta de resposta, pode especular-se que a linha SOS *Bullying* tenha encerrado devido à fraca utilização, a ter em conta os dados publicados, que dão conta de nove contactos.

A Linha de Apoio a Alunos e Famílias, para situações de *bullying*, recebeu, entre 12 de Maio de 2008 e 19 de Junho de 2009, exceptuando a interrupção das férias lectivas: seis contactos de mães, dois de alunos vítimas e um de um pai. Relativamente aos elementos do agressor, verificou-se que a maioria é do género masculino e actua em grupo, fisicamente e de forma dissimulada, em locais públicos. A agressão verbal - como humilhar, ofender, insultar, ameaçar - constitui grande parte dos casos relatados. A agressão física ocupa o segundo lugar.

É no recreio e na entrada da escola onde mais ocorreram as situações de *bullying*, embora se tenham também registado casos na cantina e bar e nas áreas lectivas. E é sobretudo nos intervalos que os casos mais acontecem, seguindo-se o período durante as aulas e a hora de saída da escola. E como reagem as vítimas que contactaram a

⁸ *Expresso* de 12 de Maio de 2008, disponível em <http://clix.expresso.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=ex.stories/318733> (acedido a 14/03/ 2010)

linha? A maioria chorou, cinco vítimas, três pediram ajuda, dois pediram ao agressor para parar e outros dois fugiram. Sete casos apresentaram sintomas psicológicos como tristeza, perda de apetite, perturbações de sono depois das agressões. Isolamento social e alteração do rendimento escolar foram também consequências observadas nas vítimas. Quatro contactos foram feitos de Lisboa e dois do Porto. (...)º

Porventura por falta de tradição neste tipo de assistência, foram poucos os contactos recebidos, o que não significa de todo que não haja por todo o país vítimas deste tipo de violência que talvez não saibam como recorrer a este tipo de ajuda.

Para muitos, o *bullying* continuará a não passar de “brincadeiras de criança”, que “irão passar com o tempo”. Para outros tantos importa, de facto, combater flagelos como o álcool ou as drogas, tentando afastá-los o mais possível do interior das escolas, esquecendo-se por vezes que mesmo não existindo dentro da escola, são tentações que acessíveis num outro qualquer lugar. Apesar disso, afigura-se-me mais proveitoso *educar* as mentes, dotar os adolescentes de uma capacidade de escolha, de uma sensibilização relativamente aos problemas da sociedade, consciencializando-os em relação a estes comportamentos anti-sociais. Seria porventura mais eficaz, numa fase prévia e com carácter preventivo, levar os alunos a perceber o porquê de não dever agir de certa forma, em vez de posteriormente, e de forma a corrigir uma situação, simplesmente os punir após terem enveredado por más escolhas. É importante que se pense também nos pormenores, em muitas coisas que passam por insignificantes sem o serem, pois por tantas vezes serem descuradas acabam por ter efeitos nefastos e deixar sérios traumas psicológicos. O *bullying* não pode continuar a ser encarado como um aspecto secundário da vida das escolas.

De qualquer forma, embora nos últimos anos tenham sido desenvolvidos esforços governamentais com o objectivo de garantir a segurança nas escolas, com a introdução do programa Escola Segura, agora menos comentado, e a criação dos Gabinetes Coordenadores da Segurança Escolar, é imprescindível um esforço suplementar que vá para além da legislação. É necessária a implementação de medidas concretas no interior de cada escola que tenham em vista a diminuição da ocorrência destes fenómenos e levem a uma mudança de mentalidades.

É urgente agilizar os procedimentos dentro da escola. Devem tornar-se menos burocráticos e mais favoráveis para as partes intervenientes, em especial para as vítimas. É fundamental que tanto estas como os possíveis apaziguadores não se sintam constrangidos, mas sim motivados e compelidos a agir, de forma a que os conflitos possam ser irradiados ou resolvidos, sem recurso a medidas extremas e evitando que a situação evolua ou culmine da pior forma. Não é razoável que após a formalização de uma queixa quer por parte de um

º Ver notícia completa em <http://www.educare.pt/educare/Actualidade/Noticia.aspx?contentid=7534C6A4ADF9418BE0400A0AB800263D&opse=1&channelid=0> (acedido em 02/05/2010)

aluno, quer de um professor, a escola permaneça inactiva, sem salvaguardar os direitos e bem-estar das vítimas.

Não é também benéfico que se continue a pensar que a ocorrência de *bullying* não é significativa em Portugal, e que esta problemática faz parte de outras realidades, de outros países, de contextos distantes. É verdade que a crescente mediatização de casos de *bullying* não traduz, nem comprova um aumento do fenómeno pois pode ser apenas isso mesmo, uma exposição mediática, que mais não é que uma consequência dos dias da comunicação que se vivem hoje numa sociedade de informação. Contudo, não é menos verdade que o *bullying* sempre esteve e continua a estar presente na rotina diária das nossas escolas, mas continua a ser invisível para muitos olhos que ainda não despertaram para esta realidade.

Contactados vários organismos e entidades públicas portuguesas, não foi possível obter dados estatísticos concretos sobre o *bullying* nas escolas em Portugal. O INE (Instituto Nacional de Estatística) disse não possuir dados sobre esta temática e remeteu para o Departamento de Estatística do Ministério da Educação. Por sua vez, o Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação disse também não ter qualquer dado, reencaminhando para o Observatório de Segurança Escolar, que facultou os últimos relatórios do Programa Escola Segura, aos quais aludi anteriormente e que já tinham sido previamente acedidos; neles, como referi, a palavra *bullying* nunca é mencionada. Foi ainda contactado o Instituto de Apoio à Criança, na expectativa de conseguir dados mais concretos sobre as vítimas de *bullying*, mas mais uma vez o esforço foi infrutífero, já que novamente foi dito que não possuíam dados sobre *bullying*. Afirmaram da parte deste organismo que por entre as chamadas que recebiam muito poucas eram sobre *bullying* e que não era feita qualquer triagem ou separação no registo destas chamadas, não havendo dados específicos que me pudessem facultar.

Posto isto, e não tendo encontrado números sobre o *bullying* a nível nacional, coloca-se a hipótese de que os dados disponíveis resultam de estudos de organizações internacionais (como a UNESCO, supra-citada ou a UNICEF¹⁰) ou de observações e investigações realizados a título individual, num universo de escolas limitado, por peritos que partilham a preocupação com este fenómeno, como acontece no estudo de Beatriz Oliveira Pereira no âmbito de um programa de doutoramento.

(...) Este estudo está integrado no 'Projecto *bullying*, a agressividade entre crianças no espaço escolar'. Foram 18 as escolas que colaboraram no diagnóstico da situação, sendo 12 do 1º ciclo e 6 do 2º ciclo. Das escolas do 1º ciclo metade são do conselho de Braga e a outra metade do concelho de Guimarães. Das escolas do 2º ciclo, duas são do concelho de Braga e quatro do concelho de Guimarães. Colocamos como critério geral de selecção que a escola tenha administrado o questionário aos alunos, sobre o *bullying* em Junho 1994.(...) (Pereira, 1997; 209)

¹⁰ Ver Anexo 5 com excertos (pg 33 - 35) do relatório da UNICEF que está integralmente disponível em http://www.unicef.pt/docs/rc7_aw3.pdf (acedido a 22/05/2010)

Embora não estando contabilizados o número de casos de *bullying* existentes em Portugal, esta investigação sugere que o *bullying* é uma realidade transversal nas escolas portuguesas. O *bullying* está presente quer em escolas primárias e básicas, quer em secundárias, tanto nas escolas do meio rural, como nas do meio urbano, e tem sido visível não só no litoral, mas também no interior de norte a sul de Portugal (Pereira, 1997).

As barreiras que o tempo e a distância outrora impunham estão hoje significativamente reduzidas. Com a introdução das tecnologias de informação, o mundo tornou-se uma aldeia global onde tanto os bons como os maus exemplos podem ser rapidamente disseminados à escala planetária. Os fenómenos depressa se propagam, sem muitas vezes conseguirmos aferir a sua proveniência. É por isso fundamental agir no sentido de evitar que os fenómenos violentos vão ganhando força, sem que sejam travados no seu rumo:

(...) For a long time we thought that school shootings were a problem only at American schools. However, the situation changed towards the end of the 1990s when we started to hear news about serious and intentional shootings sprees at schools in countries like Saudi-Arabia, Brazil, the Netherlands, Sweden and Germany. Recently two school shootings upset Finland. In Finland, we have had two similar incidents at schools within a relatively short time. The first shooting incident took place in Jokela on 07 November 2007. A young male shot eight persons to death at his school and finally killed himself. Similarly, in Kauhajoki on 23 September 2008, a young man shot ten persons to death at his school and then killed himself.(...) (Paatero, 2009; 42-43)

A crença de que determinados comportamentos não ocorre em território nacional não é exclusiva de Portugal. Como se percebe pela afirmação acima mencionada, na Finlândia também se identificavam os tiroteios escolares como uma realidade particular dos Estados Unidos da América. No entanto, agora, para além de ser uma realidade presente noutros países do mundo, é também, infelizmente, já uma certeza em território Finlandês.

Estes incidentes fomentam no público um sentimento de insegurança generalizado e causam grande preocupação às autoridades a nível mundial.

Apesar de não ser conhecida a existência de casos semelhantes em Portugal, parece ter sido ainda feito pouco para prevenir ou evitar que tais situações possam ocorrer em território nacional. É crucial acompanhar os jovens ao longo de todo o seu processo escolar e académico, estar alerta a sinais que possam evidenciar alguma perturbação ou revelem alguma intenção violenta, e criar mecanismos e planos de contingência para que se necessário haja uma estratégia delineada que permita uma rápida e eficaz intervenção.

Em Portugal, de um modo geral o modo de actuação das escolas tem sido no sentido de abordar as consequências, em vez de se apostar na prevenção para que não se avançasse

para o passo seguinte, o da concretização das acções. Recentemente, em Abril de 2010, a GNR realizou nas instalações de Queluz um curso de formação para preparar agentes a intervir em casos de armas nas escolas, incluindo uma simulação de tiroteio numa escola. Esta iniciativa envolveu representantes dos vinte e sete destacamentos do território continental e ilhas, com o fim de preparar os seus operacionais para qualquer eventualidade. Não deixa de ser uma acção plausível, justificada e que deve ser equacionada, tendo em vista uma melhor e mais eficaz capacidade de resposta dos agentes. Porém, por que não utilizar também a experiência e conhecimentos das forças de segurança para intervir directamente no espaço escolar, promovendo acções de sensibilização especificamente de combate ao *bullying* (ou outros comportamentos violentos) para toda a comunidade, a desenvolver na escola ou mesmo em contexto de sala de aula?

3. Diferentes tipos de *bullying*

É fundamental salientar que o *bullying* não se limita apenas à agressividade física directa, englobando na verdade um contínuo de comportamentos agressivos: desde o chamar nomes, espalhar rumores e enviar recados desagradáveis e insultuosos, o fechar numa sala ou casa de banho, o excluir ou isolar socialmente ou do grupo de amigos, o molestar ou violentar sexualmente, o danificar bens, o ameaçar, atormentar, incomodar ou perseguir, até à agressão física propriamente dita.

A ideia automaticamente associada à violência escolar remete-nos para o “bater” e o “lutar”. Contudo, estes são meios largamente usados pelas faixas etárias mais baixas (crianças entre os 7 e 12 anos) e apenas as faces mais visíveis de um problema muito mais profundo. Frequentemente, certos comportamentos que são até tolerados e aceites, considerados menores ou insignificantes, revelam-se ulteriormente causadores de profunda angústia para as vítimas, deixando marcas no seu desenvolvimento pessoal e mais tarde até na sua interacção social: “O chamar nomes e dar um nome insultuoso a um colega, nome que o pode marcar ao longo de todo o percurso escolar é uma prática muito generalizada entre as crianças, sendo muitas vezes aceite como algo contra o qual não vale a pena lutar”. (Pereira, 2006; 48)

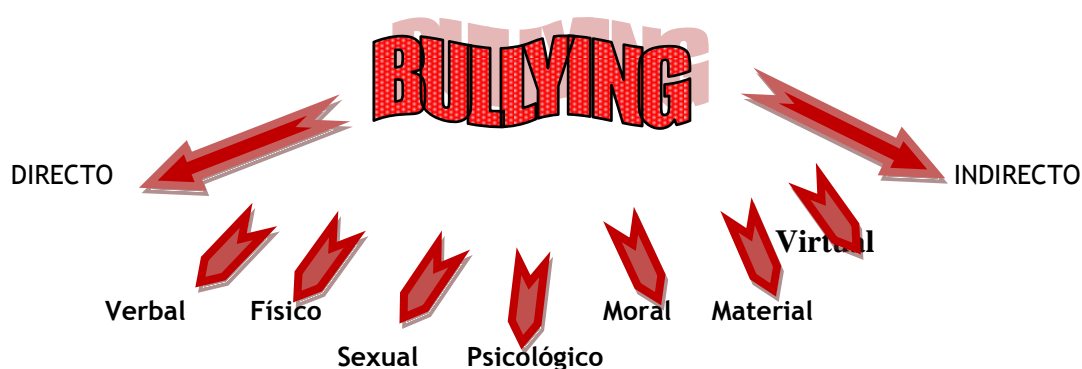
É urgente combater este tipo de raciocínio e abordagem. É necessário mudar mentalidades e estar mais atento para que os sinais de alerta possam ser compreendidos e identificados. Os pais, educadores, professores e demais intervenientes no processo de crescimento e desenvolvimento dos jovens não devem desvalorizar certas atitudes, por mais insignificantes que possam parecer, pois essa reacção pode conduzir o educando para um “beco sem saída”, um futuro comprometido. O *bullying* pode marcar a personalidade do jovem para sempre, tornando-o débil na capacidade de comunicação e incapaz de se afirmar em termos sociais, profissionais e até amorosos. “Ongoing bullying leads to low self-esteem, criminal activity, domestic violence, suicide, and other self-destructive behaviours as well as distrust in the ability of authority to create and maintain a safe educational environment (...)” (Breakstone, Dreiblatt, Dreiblatt; 2009, xi)

Por este motivo, todos os que acompanham o jovem no seu processo de desenvolvimento devem antes estar aptos a identificar todo e qualquer sinal que se destaque no comportamento ou linguagem do jovem, que possa demonstrar que algo não vai bem com ele. Se o jovem sentir que não está a receber a atenção de que precisa, e que os sinais de mal-estar que apresenta estão a ser minimizados ou mesmo ridicularizados, poderá não voltar a expressar as suas inquietações, o que irá contribuir ainda mais para a sua destruição interior, para o agravamento da sua baixa auto-estima e o aprofundamento de um estado depressivo que o pode encaminhar para o suicídio. Comentários de alguma forma primitivos - “Se te baterem, bate também!”, “Não fiques se troçarem de ti” em nada dignificam ou

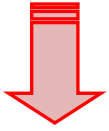
contribuem para a resolução de conflitos. Infelizmente, este é um discurso muito enraizado, que continua a incentivar a uma cultura de violência e de agressividade, em vez de se incitar à pacificação e amenização das contendas. Não podemos ser utópicos pensando conseguir extinguir os conflitos, que irão sempre existir originados por diferentes gostos, interesses, ideais. Contudo, o discurso da sociedade deveria já ter mudado, uma vez que há outros modos de resolver conflitos que não passam pela violência: a assertividade, o diálogo e a argumentação. Deveria ser claro para qualquer educador que a violência apenas gera ainda mais violência, contribuindo assim muitas vezes para o crescendo e o descontrolo das situações, e para o incremento de relações assentes na inimizade, no ódio e no mau estar.

No caso específico do *bullying*, a agressão não resulta de uma provocação; é regular e não ocasional; os agressores são mais fortes ou em maior número; a vítima não se encontra em posição de se defender. Como foi referido anteriormente, as diversas atitudes consideradas formas de *bullying* têm semelhanças entre si, pois têm em vista um fim comum - a intimidação, a diminuição e a humilhação do outro. Porém, desenvolvem-se em diversos âmbitos, podendo ser tipificadas de acordo com a esfera em que são praticados. Pode distinguir-se entre *bullying* directo e indirecto, também frequentemente designado por agressão social, *bullying* de carácter verbal, físico, sexual, psicológico, moral, material e até virtual, o denominado *cyberbullying* (a tratar mais adiante). Nenhum tipo deverá ser considerado mais grave que os outros, uma vez que todos acarretam danos para as vítimas. Independentemente da tipologia do *bullying* sentir-se-ão pelo menos emocionalmente fragilizadas, como resultado da intencionalidade e agressividade sistemática de que foram alvo.

Considere-se a seguinte sistematização do fenómeno do *bullying*:



Verbal



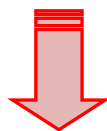
- ☞ Agressão verbal
- ☞ Insultar, chamar nomes, troçar e acusar a vítima
- ☞ Faltar ao respeito e envergonhar a vítima perante terceiros
- ☞ Depreciar a vítima: fazer comentários desdenhosos sobre a sua aparência, orientação sexual, religião, etnia, nacionalidade, família ou local de residência

Físico



- ☞ Agressão física
- ☞ Bater, empurrar, pontapear, puxar cabelos, beliscar, ferir...
- ☞ Ameaçar e agredir com armas brancas
- ☞ Realizar praxes violentas

Sexual



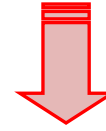
- ☞ Agressão sexual
- ☞ Insinuar, assediar, abusar, violar sexualmente

Psicológico



- ☞ Meter medo, ameaçar
- ☞ Ignorar, excluir, humilhar, intimidar, perseguir, aterrorizar
- ☞ Inventar e disseminar histórias humilhantes
- ☞ Espalhar rumores negativos sobre a vítima
- ☞ Rejeitar e isolar socialmente a vítima

Moral



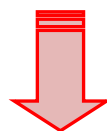
- ☞ Difamar, caluniar, discriminar, oprimir, escravizar, violentar
- ☞ Coagir a vítima a fazer o que ela não quer, obedecendo às ordens do *bully*
- ☞ Fazer chantagem
- ☞ Mentir para implicar o colega

Material



- ☞ Pedir dinheiro, coagindo
- ☞ Roubar
- ☞ Danificar ou destruir pertences materiais e pessoais (roupa, objectos escolares...)
- ☞ Enviar bilhetes ameaçadores ou fazer graffiti depreciativos

Virtual



- ☞ Discriminar, difamar, insultar, humilhar, ofender através do uso das tecnologias de informação, nomeadamente a Internet e telemóveis
- ☞ Fazer montagens e criar páginas falsas sobre a vítima em sites de publicação de fotos, de relacionamento ou mesmo de prostituição

Esquema 2 - Diferentes tipos de *bullying* e suas formas de agressão e humilhação

4. Uma nova forma de *Bullying* - O *Cyberbullying*

No seu exercício de poder e controlo sobre os outros, os *bullies* vão frequentemente muito além dos ataques físicos e da agressão verbal. Usam uma combinação de intimidação e humilhação, com insultos, ameaças, chantagem, acusações, rumores negativos sobre a vítima, socorrendo-se das novas tecnologias de informação para atacar os seus alvos. Com o desenvolvimento e a constante evolução das novas tecnologias, que oferecem uma alargada panóplia de funcionalidades e permitem atingir qualquer ponto do globo com um simples clique, o *bullying* ganhou outros contornos, novas fronteiras e dimensões.

Nas diversas formas de agressão, muitas vezes silenciosas, a Internet e os telemóveis revelam-se poderosíssimas armas de *bullying*, sendo por isso chamado de *cyberbullying*. Para além de atingirem e humilharem a vítima, muitos dos *cyberbullies* por vezes procuram uma plateia para as suas “incurções teatrais”. A Internet permite aos agressores ampliar os seus horizontes, ridicularizando e humilhando as suas vítimas numa escala muito maior, perante milhares ou mesmo milhões de internautas. “Technology has provided another way to bully and embarrass people. Sometimes that embarrassment is so intense it leads to depression and finally suicide. (...) Cyberbullying is not a minor silly teenage problem. Some kids become so upset from the bullying that they kill themselves over it. Cyberbullying or electronic bullying is becoming a major problem for many young people and it can be so hurtful that some have even resorted to suicide to stop the pain. (...)” (Nowak e Williams)

Os constrangimentos antes restritos aos momentos de convívio na escola, passam agora a ser permanentes no tempo e no espaço, pois a tecnologia permite que a agressão se repita indefinidamente. O espaço do medo é ilimitado. As vítimas não se sentem seguras em momento algum, em lugar algum.

Cyber bullying has some rather unique characteristics that are different from traditional bullying. As bad as the “bully” on the playground may be, he or she can be readily identified and potentially avoided. On the other hand, the child who cyber bullies is often anonymous. The victim is left wondering who the cyber “bully” is, which can cause a great deal of stress. Most children who use traditional ways of bullying terrorize their victim at school, on the bus, or walking to or from school. Although bullying can happen elsewhere in the community, there is usually a standard period of time during which these children have access to their victims. Children who cyber bully can wreak havoc any time of the day or night. (...) (Olweus)¹¹

¹¹ Disponível em http://www.olweus.org/public/cyber_bullying.page?menuheader=1 (acedido a 22/05/2010)

Enquanto que no *bullying* tradicional bastava sair do recinto escolar e estar com os amigos de verdade ou os familiares mais próximos para sentir algum conforto e protecção, para no fundo se sentir seguro, agora, ao serem vítimas do espaço virtual deparam-se com a sua intimidade invadida, vinte e

quatro horas por dia, sete dias por semana. As vítimas de *cyberbullying* sentem que não têm descanso, estão sujeitas a uma perseguição contínua e desgastante. Para além de experienciarem essa intrusão permanente no seu espaço, sentem-se constrangidos pelo peso de pensamentos negativos, por vezes culpabilizantes, que dominam o seu tempo, e ainda pelo facto de se sentirem centro de atenção constante de um público alargado. A vítima sente-se observada em qualquer lugar para onde vá, em qualquer gesto que faça, pois sabe que os espectadores deixam de ser apenas os colegas de turma ou escola, podendo passar a ser toda uma zona residencial, a comunidade local, todo um país ou mesmo todo o mundo, tendo em conta os milhares de utilizadores que diariamente acedem à Internet em qualquer parte do planeta. Todos estes pensamentos ajudam a criar na vítima um estado de profunda infelicidade, angústia, depressão e desinteresse pela vida.

É com frequência que os jovens vítimas de *cyberbullying* vêem os seus blogues ou as suas páginas pessoais nas redes sociais da Internet adulteradas, ou os seus contactos ou fotos associadas a sites de relacionamento, de pornografia ou pedofilia. Por vezes são até realizadas fotomontagens ou vídeos em que a vítima, o interveniente e personagem principal, é filmada num humilhante acto de *bullying*, posteriormente colocado on-line, em sites de partilha de vídeos que funcionam como plataformas de encontro para os jovens, muitos deles ansiosos por ver novos vídeos, são tanto mais apelativo quanto mais ultrajantes. Volvidos mais de dois anos, ainda hoje se recorda e se continua a comentar o mediatizado vídeo “postado” no You Tube em Março de 2008, onde uma professora de uma escola do Porto é agredida por ter retirado um telemóvel a uma aluna, enquanto a restante turma assiste passivamente a um espectáculo do “9º C em grande”.¹²

Desta forma, podemos compreender o quão longe os jovens conseguem ir no momento de ridicularizar os outros, uma vez que não se detiveram em filmar todo o episódio e de o expor no mundo virtual, sabendo que poderia ser visualizado por qualquer pessoa e trazer para implicações práticas imediatas. Não houve por parte daqueles elementos da turma a preocupação com o mal que estariam a causar aos intervenientes, o que revela grave

¹² “9º C em grande” foi o título atribuído ao vídeo colocado no You Tube pelos alunos da turma que gravaram a agressão à professora. História e vídeo acessíveis em http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/agressao-a-professora-na-sala-de-aula-filmada-e-reproduzida-na-net_1323264 (acedido a 19/04/2010)

inconsciência social e irresponsabilidade. O importante, pareciam considerar, era filmar e mostrar ao mundo como a turma era ‘simplesmente brutal’.

Poderemos então deduzir que se com a presença de um professor (que por ser mais velho se poderia esperar ser mais respeitado) ninguém se coíbe de agir desta forma e de dar provas públicas dessa atitude, como se inibirão muitos jovens de praticar *cyberbullying* contra os seus pares, quando existe já à partida a intencionalidade de magoar alguém através do uso das tecnologias?

Para além da produção de vídeos e da divulgação de fotografias e situações comprometedoras para as vítimas, a prática do *cyberbullying* concretiza-se também com o envio de e-mails e mensagens escritas ofensivas, injuriosas e difamatórias quer para a vítima, quer em cadeia para todos os amigos e colegas de escola da vítima. Assim a vítima sente-se ainda mais diminuída pelo facto de saber que grande parte das pessoas que a rodeiam tem conhecimento dos vexames que sofre, o que dificultará ainda mais o desabafo e o pedido de auxílio por parte da vítima. A vitimação efectuada por via de *e-mail*, nos chats (salas de conversação online), no *messenger* ou pelo telemóvel começou por ser um fenómeno com ocorrências entre menores. Porém, como se demonstra no caso mencionado, já se estendeu também a professores.

Relacionado com a diversificação das ferramentas tecnológicas disponíveis e com o tempo (muitas vezes excessivo) que os jovens passam online, o *cyberbullying* emerge e avança, contribuindo para a massificação do problema. Para além dos veículos que lhe permitem a expressão, o *cyberbullying* difere do *bullying* tradicional pelo facto de as vítimas não estarem frente a frente com os agressores, não chegando em algumas ocasiões sequer a conhecer os autores dessas agressões; por vezes estas ocorrem apenas como forma de entretenimento, sem que os agressores conheçam as vítimas. Contrariamente ao *bullying* físico, que tem um rosto e que se caracteriza por haver um mais forte contra um mais fraco, na Internet muitas vezes o agressor se esconde no anonimato, não sendo possível conhecer o seu perfil e características.

Com a Internet, a exposição face ao *bullying* tornou-se um risco crescente, que acarreta ainda maiores danos. No entanto, com toda essa exposição é também mais fácil para a sociedade em geral reconhecer, sinalizar e alertar para os casos existentes, de forma a que possam ser intervencionados.

Uma forma de travar este fenómeno crescente pode, por exemplo, passar também pela responsabilização dos sites de partilha de vídeos e imagens, que deveriam desenvolver programas de barramento de conteúdo de cariz ofensivo mais eficazes, à semelhança do que acontece com os conteúdos pornográficos. Também os pais e educadores deveriam dar mais atenção aos hábitos dos seus filhos ou educandos, acompanhando mais de perto as suas incursões no maravilhoso, mas também perigosíssimo mundo da Internet, fornecendo sempre o suporte informativo, afectivo, ético e moral, que lhes permita fazer as opções correctas nas diversas situações da sua vida, tendo sempre por base o respeito pelos outros.

“Careful planning can reduce bullying behavior among students, but it is unlikely that these behaviors can be totally eliminated. Therefore, every school and every teacher must have a strategy for intervening when bullying occurs. (...) It is important to involve both students and parents or guardians in the process and to maintain open lines of communication with all parties involved. Victims can be empowered by learning techniques for responding to bullying and by documenting incidents. Bullies can learn to identify situations in which they will be tempted to bully and to enlist help from adults to stop. Parents can be educated about the signs and causes of bullying and what can be done at home to prevent it. Everyone has an important role to play.”(Barton, 2006; 91)

Todos podem desempenhar um papel activo na sociedade e contribuir para a resolução de casos de *bullying*, ou *cyberbullying*, bastando para isso ser interventivo face a situações de vitimização. O empenho de todos pode conduzir a mudanças efectivas ao nível comportamental, tanto na prevenção como na resolução destes casos.

5. Os agressores e suas motivações

O conflito com a sociedade, as normas e valores vigentes, o desafio à autoridade, as contendas com outras gerações e a necessidade de afirmação pela diferença são comumente evocados na descrição da adolescência. São fases de um processo de conquista de autonomia, exploração e questionamento do mundo e de si mesmo. Frequentemente conduzem a uma ruptura ou afastamento, geralmente temporários, imprescindíveis para a construção da identidade de cada indivíduo.

O grupo dos pares assume uma importância extrema, constituindo uma referência para o jovem adolescente em termos da sua identidade, numa altura em que alguma incerteza se instala na sua mente. Desta forma, a necessidade de identificação com o grupo, o receio de ser excluído e/ou criticado, ou o risco de ver a sua auto-estima fortemente atingida, promovem o conformismo em relação aos seus pares, que por pressão (directa ou indirecta) incitam muitas vezes a atitudes perturbadoras. Muitas dessas condutas do jovem são explicadas por uma necessidade de aprovação ou de ganhar estatuto nesse mesmo grupo. Associada aos factores de desenvolvimento sociocognitivo, condicionam as estratégias que o jovem usa na resolução de conflitos, e que neste período se baseiam sobretudo na força física em detrimento da capacidade de negociação.

Porque o comportamento agressivo é também socialmente aprendido, a violência difundida pela televisão tem efeitos nocivos sobre os espectadores, que são ainda mais notórios se estes forem crianças. Por outro lado, “a agressividade e hostilidade por parte dos jovens pode ser o resultado da exposição a certas atitudes e comportamentos em casa, nomeadamente, o uso habitual da punição física, que ensina que a agressividade é um modo aceitável de resolução de conflitos.” (Costa e Vale, 1998; 29) A agressividade intrafamiliar, conjugal, entre pais e filhos e entre irmãos, bem como a falta de afecto e envolvimento parental, a indiferença ou mesmo uma atitude demasiado permissiva e tolerante em relação a episódios de violência, podem também estar na génese do desenvolvimento da agressividade.

“(…)Children and teens that come from homes where parents provide little emotional support for their children, fail to monitor their activities, or have little involvement in their lives, are at greater risk for engaging in bullying behavior. Parents' discipline styles are also related to bullying behavior: an extremely permissive or excessively harsh approach to discipline can increase the risk of teenage bullying. (...)” (Olweus, 1993; pp. 39-43)

Educar um jovem no século XXI tem-se tornado um desafio difícil de concretizar de forma plena, devido à fluidez de modelos e de referenciais educacionais. Os pais de ontem mostram-se perdidos na educação das crianças de hoje. Estão cada vez mais ocupados com o

trabalho e dispõem de pouco tempo para dedicarem à educação dos filhos, que vai sendo delegada a outros, ou no caso das famílias com menor poder aquisitivo, os filhos são muitas vezes entregues à própria sorte.

As famílias não conseguem educar seus filhos emocionalmente, nem se encontram habilitadas para resolver conflitos por meio do diálogo e da negociação de regras. Acabam por optar muitas vezes pela arbitrariedade do não ou pela permissividade do sim, não oferecendo um referencial de convivência baseado no afecto e pautado pelo diálogo, pela compreensão e pela tolerância.

Para além da influência familiar e do grupo de pares, dos factores associados ao desenvolvimento sociocognitivo e da personalidade, também a herança genética, as práticas educativas, o meio onde se insere, o estatuto social, o contexto imediato e a percepção das consequências de uma situação são factores apontados como estando intimamente relacionados com a predisposição e o desenvolvimento de violência. Contudo, é necessário não fixar generalizações, pois um indivíduo pode viver numa área degradada, ser proveniente de uma família desestruturada, demasiado permissiva ou hostil, com dificuldades económicas, ter amigos iníquos e conviver com alguma agressividade, e ainda assim não desenvolver ele mesmo essa agressividade. O oposto é também possível: pode um jovem estar integrado num contexto social favorável, pertencer a um estatuto elevado, socializar e frequentar ambientes selectos e, no entanto, devido a algum fracasso ou adversidade, passar a exercer quaisquer formas de violência sobre outrem. (Costa e Vale, 1998)

Frequentemente, um aluno que é considerado agressivo ou violento surge-nos estereotipado como é impopular e covarde, alguém que agride porque é inseguro. No entanto, características reconhecidas aos agressores e vulgarmente apresentadas pelos professores são reduzidos auto-controlo e capacidade de concentração. Os agressores são de igual forma usualmente descritos como fisicamente fortes e com tendências agressivas, quer em relação aos seus pares, quer aos adultos, não revelando qualquer afinidade pelas vítimas e reduzidos sentimentos de culpa face aos seus actos: “Bullies are generally physically aggressive, with pro-violence attitudes, and are typically hot-tempered, easily angered, and impulsive, with a low tolerance for frustration. Bullies have a strong need to dominate others and usually have little empathy for their targets. Male bullies are often physically bigger and stronger than their peers. (...)” (Olweus, 1993; pp. 34-43)

Podem ser uma ou várias pessoas ou vários grupos de pessoas em momentos diferentes. No entanto, tendencialmente são jovens adolescentes do género masculino e de perfis socioeconómicos diversificados, pelo que se torna mais difícil padronizar as características do agressor, correndo-se o risco de incluir ou excluir características presentes noutros tipos de agressor. De qualquer forma, há alguns elementos que parecem ser comuns e que permitem traçar um perfil psicológico do agressor.

Frequentemente, as formas de agressão utilizadas estão intimamente associadas ao género. As raparigas estão mais ligadas às agressões indirectas, como a revelação de segredos e o disseminar de rumores, ao passo que os rapazes preferem envolver-se em confrontos

directos, normalmente físicos: “While male youth target both boys and girls, female youth most often bully other girls, using more subtle and indirect forms of aggression than boys. For example, instead of physically harming others, they are more likely to spread gossip or encourage others to reject or exclude another girl.” (Olweus, 1993; 19)

The most common perpetrators of bullying behaviour are individual boys or groups of several boys. Girls tend to bully in groups, often using indirect bullying which can be more difficult for teachers to detect. Boys are more likely to use more direct, physical forms of bullying. It is usual for pupils involved in bullying to be in the same class or year group as the pupil they are bullying. (...) When there is an age difference, the bullying pupils tend to be older than their victims. (...) (Sharp e Smith, 1994; 4)

O factor idade tem também um papel condicionante na escolha da forma de violência. Na infância e adolescência os casos de *bullying* têm maior prevalência e são mais expressivos e contundentes. As crianças mais novas recorrem particularmente à agressão directa; porém, com o aumento da idade e conseqüente desenvolvimento global e a aquisição de competências, os casos de agressão tendem a diminuir. Os que se verificam adquirem contornos mais rebuscados e graves. A idade e o desenvolvimento da criança está intimamente ligado aos mecanismos que ela utiliza para atingir os seus fins, sejam eles positivos ou negativos, e nos casos mais graves e em que não haja uma intervenção com vista à alteração das atitudes, os comportamentos desviantes e perturbações de conduta vão permanecer e agravar-se ao longo dos anos.

Os *bullies* actuam tendo por base e como influência diversas motivações que vão desde os estilos de vida e comportamento parental, à violência que diariamente irrompe em suas casas através da televisão, da Internet ou dos videojogos. De uma forma geral, as crianças ou jovens agressores não apresentam remorsos pelas suas condutas porque sentem que elas são justificadas. A impulsividade, a revolta e a energia características destas idades surgem aliadas a uma raiva interior, à frustração, à baixa auto-estima, ou mesmo ao medo, já que muitas vezes são eles próprios (*bullies*) violentados em casa ou marginalizados em diversos círculos sociais, circunstâncias que justificam na sua perspectiva todos os comportamentos.

Essa inversão de papéis fora da escola contribui para que o *bully* procure desempenhar um papel de domínio no interior da escola, nem que para isso tenha de exercer violência para com os seus colegas. A exposição contínua a essa violência, seja ela familiar ou veiculada pelas novas tecnologias ou pelos meios de comunicação social, cria no *bully* uma habituação que transforma a agressividade num elemento natural e constantemente presente na sua vida. É o modo que ele conhece para resolver os problemas e que utiliza para chamar à atenção para si e para o seu mundo. Pelo facto de muitas vezes não se sentir valorizado no círculo familiar, social e até escolar, o *bully* sente necessidade de fazer os outros sentir-se

amesquinhadados, para que ele próprio se possa evidenciar: “The crucial thing to understand is that bullies are intrinsically weak and vulnerable people who need to ridicule, intimidate and belittle their victims to make the world around them aware of their existence.” (*The Teacher’s Magazine*, nº 57) Trata-se de um ser vulnerável, muitas vezes com carências afectivas, subvalorizado, que acaba por partilhar com as vítimas algumas características. Muitos efeitos são semelhantes para quem ataca e é atacado. Tanto a vítima como o vitimizador apresentam frequentemente défice de atenção, falta de concentração e desmotivação para os estudos, embora para a vítima estes factores possam surgir apenas como consequência do acto de *bullying*.

O insucesso escolar e as retenções surgem frequentemente associadas ao contexto de *bullying*, e tradicionalmente ao ponto de vista da agressão. O estereótipo indica que quantos mais os anos de reprovação, maior a probabilidade de se ser agressor. Contudo, por vezes é a situação contrária que sucede. Os alunos retidos são muitas vezes as vítimas de agressão e não os perpetradores dessa violência. Muitas vezes o *bully* age porque quer ser mais popular, sentir-se poderoso e obter uma boa imagem de si mesmo. É habitualmente alguém que não aprendeu a transformar a sua fúria em diálogo, e para quem o sofrimento do outro não é motivo para deixar de agir. Pelo contrário, o *bully* manifesta satisfação e regozijo com a reacção do agredido e por estar a conseguir atingir os seus objectivos. Esta sublimação pessoal cria-lhe uma maior auto-estima, o que o leva a manter esse comportamento por longos períodos. Muitas vezes, já adulto, continua a desvalorizar os outros para chamar a atenção. Tal como o agressor, também a vítima tem dificuldade em sair do seu papel e retomar valores esquecidos ou formar novos.

Usualmente, os *bullies* actuam durante os intervalos ou actividades livres, quase sempre em áreas não vigiadas, por não se atreverem a mostrar-se abertamente. Frequentemente, fazem-se representar pelos seus amigos íntimos e cúmplices, que executam o “trabalho sujo” por eles, pois apesar de serem crianças impulsivas e agressivas, são mais populares do que as vítimas, que revelam uma atitude oposta. O *bully* é rebelde, insolente, desafiador, mas, ao mesmo tempo, extremamente popular pelo medo que inspira nas suas vítimas.

Muitos alunos que têm conhecimento de situações de *bullying* optam por não as denunciar, não interferir e por adoptar uma atitude de espectadores passivos, ou então acabam mesmo por ser coniventes, reforçando a agressão, rindo ou balbuciando palavras de incentivo, acabando regularmente como co-autores das agressões, com o receio de se tornarem eles próprios vítimas de *bullying*: “ (...) Ao lado da vítima e do agressor, ficam os outros alunos. Nunca são testemunhas inocentes: ou fazem de conta, porque receiam passar a vítimas, ou disfarçam o medo com alianças pontuais com os mais fortes. (...)” (Sampaio, 2009)

É esta atitude de passividade ou de conivência tanto por parte de alunos, como de qualquer outro elemento da comunidade escolar ou do âmbito familiar que é necessário alterar. “(...) Numa escola sensibilizada para o problema, em que o clima é adequado, a vítima pode receber apoio dos adultos e dos pares, em vez de ser ridicularizada. Nesta

escola, a larga maioria das crianças, observadores passivos de práticas agressivas, poderá ter uma atitude mais positiva e de alguma forma ajudar as crianças que estão a sofrer agressões em vez de tomarem uma atitude de indiferença de ‘não é nada comigo’ ”. (Pereira, 1997; 3)

É importante que toda a comunidade escolar se consciencialize de que é responsável pelo bem-estar de todos alunos e pela denúncia de situações que possam causar dano e comprometer esse bem-estar. Todos podemos contribuir para que as vítimas superem os seus traumas, e os agressores tenham a percepção dos malefícios que estão a causar ao outro.

6. Alvos preferenciais - A escolha das vítimas

É no silêncio dos recreios barulhentos que são reiterados os comportamentos de *bullying*, que, muitas vezes, por serem confundidas com brincadeiras de criança, se tornam quase invisíveis aos olhos dos adultos, perpetuando-se assim no tempo e no espaço. Aproveitando a ausência de reacção e as fragilidades das vítimas, o *bully* vai investindo e debilitando cada vez mais a auto-estima e auto-confiança dos seus alvos. Por seu lado, as vítimas vão-se sentindo cada vez mais isoladas e impotentes, face às agressões e humilhações. O agressor exerce a sua supremacia através da força física, pelo facto de ser mais velho, de ter mais popularidade na escola e de ter um grupo de pares mais alargado. Contrariamente, a vítima é, de uma forma geral, um aluno mais negligenciado, mais rejeitado e com menos amigos que o defendam. Por se encontrar numa situação de vulnerabilidade e com uma rede social menos alargada, a vítima é agredida e insultada mas não reage. A partir do momento em que a vítima se fecha em si mesma e não se queixa - por ter vergonha ou pelo medo de retaliação - torna-se um alvo fácil e as agressões vão sucedendo no tempo.

(...) Bullying happens. Regardless of policies, programs, or threat of consequences, some students will bully, or attempt to bully others. The people they choose to bully are people they believe will not or cannot stand up for themselves. Bullies commonly look for students who may be considered weird or different, or who don't fit in. These students usually lack the knowledge, confidence, or skills to assertively stand up to a bully and stop the bullying behavior. They are not good at spontaneously reacting to a bullying episode, and sometimes, when they do attempt to stand up to a bully, their style actually makes the bullying worse. (...) (Breakstone, Dreiblatt, Dreiblatt, 2009; 89)

Children and youth who are bullied are typically anxious, insecure, and cautious and suffer from low self-esteem, rarely defending themselves or retaliating when confronted by students who bully them. (Olweus, 1993; pp 31-33)

De uma forma geral, as vítimas são crianças ou jovens pacíficos e não agressivos comportamentalmente, que se manifestam contra a violência e estratégias violentas. Os factores que estão significativamente associados à vitimação são o género e classe social. São mais os rapazes agredidos e das classes sociais extremas, a mais elevada e a mais baixa. As vítimas são habitualmente alunos novos na escola, ou alunos que são mais solitários, tímidos, demasiado submissos ou que por qualquer razão são “diferentes” da maioria, por preconizarem outras ideologias, adoptarem outros visuais (estilo de roupas ou penteados), por

terem diferentes preferências musicais e actividades de tempos livres, por apresentarem um desempenho académico muito baixo ou muito elevado, serem de uma aparência mais frágil, muito magros ou mais gordos, de outra raça ou etnia, de diferente orientação sexual ou religiosa, ou ainda por revelarem alguma deficiência física, mental ou necessidades educativas especiais.

No que se refere à tipologia da agressão, os rapazes são usualmente os mais agredidos fisicamente (e de forma mais violenta) ou através de ameaças, ao passo que as raparigas sofrem sobretudo com a violência psicológica e verbal, pois são elas que geralmente são excluídas do grupo de pares e são alvo de rumores desagradáveis ou comentários incómodos.

Consequentemente, as crianças ou jovens rejeitados pelos seus pares tendem a isolar-se estabelecendo poucos laços de amizade, não desenvolvendo capacidades relativas ao relacionamento social, ficando assim mais expostos à rejeição e agressão social. Sentem vergonha por ter sido vítimas e receiam queixar-se, por ter medo de represálias: « (...) “Nesta sociedade de hoje, nas crianças ser bom aluno é mau. Para eles, o fixe é fumar e beber cerveja aos 14 anos. Quem tem boas notas é um ‘nerd’.” (...)».¹³

Já foi referido anteriormente o quão importante é para um adolescente ser aceite pelos seus pares e pertencer a um ou mais grupos, de acordo com os seus interesses, para que a formação da sua identidade e o seu processo de crescimento decorram de forma não problemática. Assim, se uma criança ou adolescente encontrar em algo ou em alguém um entrave na prossecução desse desenvolvimento, podem ser despoletados mecanismos debilitantes. O facto de se ser ‘diferente’, de não se ser ‘como os outros’, de ter hábitos ou gostos distintos, e sobretudo se se preconizar uma vida saudável e sem riscos, revelando comportamentos e atitudes ditos “perfeitos”, sem ceder a influências negativas de outrem, há uma maior probabilidade e predisposição para se ser vítima de *bullying*.

Crianças que são tímidas, cumpridoras e sinceras, estudiosas, que demonstram uma capacidade acima da média e um bom relacionamento com os adultos, que revelem alguma identificação e proximidade com o professor; adolescentes que são mais dependentes, que pedem frequentemente ajuda, que pertencem a uma minoria étnica, que apresentem um outro código linguístico, alguma dificuldade a nível da dicção, locução ou pronúncia (por exemplo, gaguez), ou que de alguma forma sejam mediatizados, são elementos mais propícios ao desenvolvimento de *bullying*.

(...) “Most pupils will experience bullying in some form at some stage in their school lives, but some children may be more at risk of persistent *bullying*. Pupils who lack close friends in school and who are often alone or who find it difficult to be assertive with their peers are more likely to be bullied. Those pupils who are perceived as being ‘different’ from the majority of other pupils in some way can also be at risk. (...) Children with special educational needs are much more likely to be bullied than other

¹³Testemunho de um aluno presente em MATEUS, Bruno Contreiras; “*Bullying, a violência entre iguais*”, in *Revista Domingo, Correio da Manhã*, edição de 01 de Março de 2009

pupils. (...) Some of the most charming and helpful pupils can be quite vicious to their peers; some of the most able and socially competent pupils can be experiencing regular bullying and be quite fearful of their tormentors.” (...) (Sharp e Smith, 1994; 4)

Conhecidos alguns dos traços identificadores do perfil psicológico das vítimas, importa estar atento e intervir atempadamente. Antes de cometer suicídio no Rio Tua¹⁴, em Março de 2010, Leandro, o menino de 12 anos de Mirandela tinha já formalizado queixas na PSP, revelado vários sinais de que não estava bem, para além de ter estado internado no hospital devido a agressões. O professor de Música de Sintra¹⁵, 51 anos, sociólogo de formação, não aguentou o convívio diário com a violência e atirou-se ao rio Tejo, para não mais enfrentar os alunos que o humilhavam. Antes do acto fatídico, em Fevereiro de 2010, tinha já formalizado 7 queixas e reportado os abusos de que era alvo. Dois casos, duas vítimas, idades diferentes, posições distintas - a mesma morte, consequência de uma mesma atitude - uma violência e um desrespeito constantes pelo outro.

Considerando este desfecho, importa sublinhar que, se no caso de Leandro se pode falar em comportamentos de *bullying*, onde a violência foi exercida directamente entre iguais, entre indivíduos de uma mesma faixa etária, no caso do professor há uma disparidade de elementos que permitem perceber que muitos jovens, habituados de tal forma a conviver com a agressividade, não se coagem de extravasar essa mesma violência muito para além do grupo de pares. Face a este procedimento, considero que não restam dúvidas de que para além do desenvolvimento intelectual, é urgente que cada escola aposte mais no crescimento psicológico, ético, moral, emocional e social de cada aluno, para que situações como estas possam ser evitadas.

¹⁴ Reportagem da morte de Leandro motivada pela prática de bullying e fortemente mediatizada disponível por exemplo em <http://aeiou.expresso.pt/mirandela-testemunhos-confirmam-agressoes-a-leandro=f569722>

¹⁵ Cf. reportagem da morte do professor de música também largamente comentada; acessível por exemplo em <http://www.ionline.pt/conteudo/50698-professor-musica-atira-se-ao-rio-nao-enfrentar-os-alunos>

7. As sequelas para além do silêncio da violência

Na algazarra dos recreios escolares, atropelam-se crianças que sofrem em silêncio os maus tratos praticados pelos colegas. As vítimas de *bullying* raramente oferecem resistência, e, perante os abusos infligidos, apenas respondem calados, com medo da vingança que a contestação lhes possa trazer. Para além dos ferimentos causados pela agressividade dos ataques físicos, permanecem sim, essas por muito mais tempo, as feridas psicológicas, que se perpetuam por trás de um silêncio.

O carácter persistente do *bullying* acarreta implicações marcadamente negativas para as vítimas, directa e indirectamente angustiadas no seu quotidiano, tanto a nível imediato como a longo prazo (sofrem danos físicos, psíquicos, morais e materiais). Muitas crianças desenvolvem uma baixa auto-estima, manifestada em diversas vertentes.

As children, victims tend to have greater difficulty making friends with same-age peers. (...) Victims report low self-esteem, likely because of repeated exposure to victimization. Depression and loss of interest in activities are common, as are anxiety, tension, and fear. As a result of bullying, suicidal ideation is high among victimized children. Long-term effects of victimization are evident. Individuals formerly bullied were found to have higher levels of depression and poorer self-esteem... (Barton, 2006; 17)

Estas crianças apresentam fracas competências de socialização, uma tendência para a introversão, pouca apetência para a cooperação ou a partilha; sentem-se excluídas, sem amigos em quem confiar e com quem possam desabafar as suas angústias e preocupações. Grande parte experiencia graves dificuldades de concentração no trabalho escolar e vê o seu desempenho e rendimento escolar afectados, e mais tarde ou mais cedo tende a cair em momentos de depressão. Muitas vítimas de *bullying* sentem-se doentes e indispostas, relatam sentir stress, dificuldades em adormecer e pesadelos frequentes. Todo esse mal-estar, aliado a uma tristeza profunda e a uma depressão que se vai agravando, pode acarretar graves transtornos psicológicos e no extremo conduzir ao suicídio, indubitavelmente a consequência mais perigosa dos actos de *bullying*, resultado directo ou indirecto da vitimação constante, até ao limite da sua capacidade para suportar as agressões. Para além destas consequências, o *bullying* provoca aumento da vulnerabilidade, desmotivação e desinteresse. Estes levam ao absentismo, à quebra do rendimento e ao abandono dos estudos, já que muitas vezes, as vítimas se vêem forçadas a mudar de escola para pôr termo à perseguição de que sofrem.

Além de interferirem negativamente no processo ensino-aprendizagem, estes factores irão projectar-se ao longo de toda a vida e irão certamente marcar e influenciar as atitudes, decisões, comportamentos, imagens que o indivíduo irá construir em relação a si (e à sua vida), aos que o rodeiam e ao próprio mundo, podendo conduzir por último à marginalização

e exclusão social. Para evitar tais desfechos, é necessário atentar a situações que possam estar a ficar fora de controlo. Contudo, nem sempre é fácil para os pais e professores identificarem situações de agressão; a vítima teme, como já foi dito, denunciar o agressor por pudor das situações ultrajantes de que é vítima, ou por ter medo de sofrer represálias. Ao mesmo tempo, os *bullies* aproveitam a lei do silêncio e do terror que impõem às suas vítimas para se sentirem fortalecidos.

Porém, também estes se distanciam cada vez mais dos objectivos escolares e passam a valorizar ainda mais a violência como forma de poder. Esta atitude pode deixar antever uma conseqüente projecção de comportamentos violentos na idade adulta e também o enveredar por condutas delinquentes. É por isso de extrema importância que se conheça o processo escolar da criança, todo o seu meio envolvente, contexto familiar e o seu grupo de amigos, de forma a que possam ser mais correctamente interpretadas quaisquer alterações comportamentais.

8. *Bullies* e suas vítimas - criados por uma mesma sociedade

“O mundo é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer.”

Albert Einstein

Tal como as crianças que sofrem a amargura da humilhação e dos comportamentos agressivos, também os *bullies*, causadores dessa mesma violência, acabam por ser eles mesmos vítimas. No caso, vítimas de uma sociedade tantas vezes facilitadora, permissiva ou ausente. Vítimas de uma desestruturação familiar, de um lar negligente, de ausência de afectos, de um passado que os faz crescer demasiado rápido no presente e os projecta no futuro, que não se afigura muito prometedor.

Contornar os problemas não é de forma alguma o melhor modo de solucioná-los. Enquanto profissionais da educação é nosso dever envolvermo-nos na situação. É verdade que devemos demonstrar tolerância zero para com a violência e injustiça no espaço escolar, pois ninguém tem o direito de fazer o outro sentir-se ameaçado, assustado, fraco ou extremamente infeliz. No entanto, não é menos verdade que aqueles que na escola provocam o *bullying* e revelam comportamentos agressivos, são também vítimas de violência em casa ou no meio social onde se inserem. O facto de conviverem diariamente com uma realidade de agressividade, faz com que estejam mais predispostos a ser agressivos, porque é a forma que conhecem para resolver problemas e ultrapassar as adversidades. (Pereira, 1997; Gomes, 1998 et al.)

Com a confluência em massa para os meios urbanos e a alteração dos modos de vida, a família surge-nos hoje mais fragilizada e isolada. Apesar da concentração de pessoas em edifícios e bairros populosos, a solidão e o individualismo imperam ao mesmo tempo que a solidariedade escasseia. Em muitos casos a população apresenta carências tanto a nível socioeconómico, como cultural. Em alguns bairros, que funcionam fundamentalmente como dormitórios, não são criadas condições mínimas de vida e as estruturas necessárias de apoio a um desenvolvimento integral dos indivíduos. As crianças vão crescendo na rua, convivendo com a precariedade e a marginalidade, muitas vezes coabitando como problemas graves como a droga, o alcoolismo e o desemprego, ou mesmo presenciando situações de desarmonia familiar e conflitos parentais.

A família cai muitas vezes no excesso do autoritarismo ou é demasiado permissiva e facilitadora, dando à criança tudo o que ela quer sem a incentivar a esforçar-se para conquistar as coisas por que tanto anseia, acabando por ser também negligente. “Families of bullies have in the home a high degree of conflict that often includes violence, a lack of warmth and involvement, and inadequate limits. Rather than providing children with

structure and developmentally appropriate guidelines with high warmth, parents of bullies often demonstrate highly authoritarian or permissive parenting strategies. In fact, parents who rule their children with an iron fist offer their children few decision-making opportunities, resulting in children who are at higher risk for succumbing to peer influence and developing victimization behaviors.” (Barton, 2006; 20)

Também devido a uma maior facilidade de adaptação dos mais novos e ao seu completo domínio das novas tecnologias, o fosso criado entre as várias gerações foi-se agudizando. Desta forma, quando não expostos directamente a violência familiar, os adolescentes, por passarem horas frente ao computador ou à televisão, estão com certeza em contacto com uma violência veiculada pelos videojogos, os meios de comunicação e as tecnologias de informação através dos mais diversos conteúdos, sem garantido acompanhamento familiar que os ajude a fomentar valores éticos ou morais. Jovens adolescentes assim habituados não aceitam facilmente que a escola lhes imponha regras ou lhes exija que se empenhem na realização das tarefas, o que pode despoletar comportamentos de *bullying*. Para muitos jovens, o tempo livre e os prazeres da “liberdade” são bem mais apreciados que o tempo de trabalho passado na escola, que é especialmente associado a um tempo de constrangimentos, esforço e limitações.

Por outro lado, quando as crianças sofrem uma ruptura familiar, quando perdem algum progenitor ou ente mais chegado, ou os seus pais se divorciam, há um declínio no tempo, na atenção, na disponibilidade e afectuosidade demonstrado para com as crianças, o que vai contribuir também para um aumento da sua revolta. Essa falta de amor, de carinho e afecto está também muitas vezes na origem dos comportamentos agressivos. Para além de pretender “descarregar ” a sua fúria e frustração, o *bully* quer também chamar a atenção, mostrar que algo não está bem, ainda que na maior parte das vezes exerça o *bullying* em áreas mais recônditas, negue as suas atitudes e não tenha a coragem de as assumir.

Assim sendo, tanto o *bully* como o *bullied* são vítimas, vítimas de comportamentos, valores ou atitudes quer no momento presente em que sofrem “fisicamente” as agressões, quer no futuro, que também não se afigura risonho para qualquer das duas partes. Tal como a vítima de *bullying* ficará marcada psicológica (ou mesmo fisicamente) e socialmente falando, também o *bully* contará com previsões e expectativas pouco optimistas: “Quanto maior é o número de sintomas de desordem na conduta, em criança, mais se aponta para a persistência dessa mesma conduta anti-social. Para as crianças agressoras, há um risco acrescido de virem a envolver-se mais tarde em condutas anti-sociais e em actividades do foro da criminalidade, quando adolescentes e jovens adultos.” (Pereira, 1997; 26) As vítimas poderão ver as suas vidas destruídas pelo medo e pela falta de confiança em si mesmo e nos outros, ao passo que os vitimizadores poderão ter o seu futuro arruinado pela dificuldade de inserção social que advém da dificuldade em respeitar as normas sociais, da incapacidade de se auto-controlar e da crença na força como solução para os problemas. Nos tempos modernos, em que a moda

do *wrestling* se impõe também nas brincadeiras das crianças nas escolas, o herói é aquele que derruba adversários e não o que conquista amigos. Em vez de se premiarem e incentivarem comportamentos nobres, em serviço do outro, procura-se cada vez mais uma sobrevalorização do ‘eu’, aliada a uma ambição desmedida e a uma conquista egoística dos desejos pessoais, em que escassos são os limites, em que todos os meios são tantas vezes justificados para atingir os fins.

Apesar disso, os *media* têm vindo a focalizar a sua atenção no acréscimo dos casos de *bullying* em Portugal, dando lugar a uma discussão aberta sobre qual ou quais a(s) melhor(es) estratégia(s) de intervenção a adoptar. Têm-se realizado ultimamente mais debates televisivos, grandes reportagens com testemunhos corajosos na primeira pessoa, têm-se escrito diversos artigos de opinião e até se discute a questão do *bullying* na Assembleia da República. Apesar desta preocupação comum na sociedade portuguesa, vários têm sido os pontos de vista apresentados. Contudo, num ponto, todos parecem estar de acordo: é urgente tornar mais céleres e desburocratizar os procedimentos disciplinares.

Fala-se hoje muito em alterar a legislação de forma a tornar os casos de violência escolar crimes públicos, para que seja possível a intervenção das autoridades sem formalização da queixa por parte da vítima, e ao mesmo tempo, dotar as escolas de mais poder, nomeadamente para suspender imediatamente os agressores.

Apesar de numa fase inicial ser benéfico separar a vítima do *bully*, para que não haja uma continuidade na convivência diária de ambos, será que a suspensão é o melhor caminho a seguir? Será que ao isolar, excluir e afastar os alunos “problemáticos” estaremos a resolver o problema ou apenas a transferi-lo do interior para o exterior do espaço escolar? A vítima de *bullying* pode deixar de sofrer agressões no interior da escola, mas pode passar a sofrê-las nas suas imediações. Será que ainda que “problemáticos”, estes alunos não merecem a oportunidade de ser ajudados a ultrapassar também os seus problemas? Seria porventura mais eficiente e recompensador apostar na recuperação e inserção do *bully* no espaço social e escolar. Por outro lado, outros há que afirmam que “(...) a legislação existente para responder aos casos de *bullying* é suficiente. O que é necessário é uma atitude diferente por parte da escola e de toda a comunidade. É preciso estarmos todos alerta para denunciar os casos antes que situações graves aconteçam (...)”¹⁶.

É importante e essencial que as escolas tenham meios que lhes permitam fazer cumprir a disciplina indispensável ao ensino e convivência saudável dos que lá estudam e trabalham. Os professores e auxiliares, por vezes, não se sentem preparados ou com confiança para intervir, pois é com alguma frequência que não vêem a sua autoridade reconhecida ao serem desautorizados pelos próprios pais, o que ainda é mais grave. Dos dirigentes escolares espera-se também um papel mais interventivo, com uma política de maior proximidade em relação aos alunos e suas famílias, em vez da passividade e alienação que grassam em tantas escolas.

¹⁶ “Legislação para casos de *bullying* existe, faz falta é prevenir”, Jornal de Notícias, edição de 05 de Março de 2010

Da mesma forma, é igualmente fundamental consciencializar e responsabilizar as famílias para o comportamento dos seus educandos dentro e fora do espaço educativo. É preciso exigir à família que esteja mais presente, que vá com frequência à escola, que conheça e estabeleça um diálogo estreito com os professores e auxiliares, que acompanhe o percurso escolar dos seus educandos, tenha conhecimento dos seus sucessos e fracassos, e que delegue na escola o poder e a confiança necessários para que conjuntamente possam contribuir para um crescimento mais salutar das crianças, adolescentes e jovens. As responsabilidades têm de ser partilhadas pelos diversos agentes, a escola, a família e a comunidade, pois todos eles direccionam a sua acção para o mesmo elemento - os jovens, que são agora alunos e filhos, e no futuro a base da sociedade:

(...) O problema da violência é apenas uma das dimensões da vida na escola como o rendimento escolar, a assiduidade e o absentismo, as relações interpessoais e as normas de funcionamento, as hierarquias, a política escolar em relação a diferentes aspectos... O problema da violência influencia e é influenciado pelas outras dimensões referidas; na resolução do problema têm necessariamente que ser consideradas todas as dimensões e conseqüentemente todos os intervenientes (...). Não são apenas as vítimas os únicos vitimados neste processo, mas também o são os próprios agressores, todos os intervenientes no processo educativo, o próprio processo de ensino-aprendizagem e o clima escolar e, em última análise, a sociedade alargada (...). (Costa e Vale, 1998; 35)

Mais importante do que ter um olhar pessimista sobre esta questão é educar para a liberdade com igualdade de direitos e obrigações, em que os direitos de um terminam onde começam os direitos dos outros. A meta a atingir poderá ser a (re)aprendizagem da convivência em termos pessoais e organizacionais - o viver em sociedade, já que com a introdução dos novos recursos tecnológicos, há cada vez mais isolamento.

A nossa atitude não pode limitar-se a uma perplexidade, e a uma acusação e culpabilização dos jovens, pois para além de não estarmos verdadeiramente a solucionar os problemas, apenas estamos a ser elementos passivos, culpados também pela manutenção deste cenário.

9. Como agir face ao *bullying*

É frequente ouvir dizer, simplisticamente, que em determinada escola não há *bullying*, o que é questionável. Na verdade, é provável que esta forma de violência continuada seja exercida de maneira camuflada e os alunos que a sofrem não a denunciem. Por seu lado, a generalidade das escolas também pouco faz para diagnosticar os casos de *bullying* e intervir eficazmente. Contudo, enquanto professores não podemos deixar a escola demitir-se da sua finalidade social, do seu carácter de inserção social. Ela deve ser capaz de transmitir conhecimentos e fazer com que os alunos cumpram as suas obrigações escolares, ao mesmo tempo que os prepara para uma vida em sociedade.

A punição é considerada um instrumento essencial da educação escolar, pois sem ela torna-se muito difícil levar os alunos a compreender as razões que estão na base da valorização positiva ou negativa de certos comportamentos: “(...) Mas a punição só tem utilidade educativa se for aplicada de forma a que os alunos compreendam, claramente, a razão da sua aplicação e interiorizem a necessidade de, para benefício próprio, ajustarem o seu comportamento àquilo que a norma prescreve. A punição não visa a mera modificação superficial dos comportamentos. Isso pode ser conseguido através da coacção, mais ou menos violenta. Mas, nesse caso, o aluno pode ser vencido, mas não fica convencido. (...)” (Durkheim, 1984; 279-280)

Este raciocínio é válido para qualquer situação de desrespeito das normas da escola e da sala de aula, de mau comportamento dos alunos (mais ou menos grave, dentro ou fora da sala de aula); no entanto, a mesma lógica deve ser aplicada face a situações de *bullying* já ocorridas. Como atrás sustentei, deve privilegiar-se o combate ao *bullying* baseado na prevenção, na (re-)educação dos alunos face a este problema. Contudo, quando confrontada com ocorrências de *bullying*, a escola deve adoptar uma atitude firme, para que para além de proteger a vítima, faça compreender ao *bully* como está errado o seu comportamento e quais as consequências negativas, directas ou indirectas, que trará tanto para ele, *bully*, como para a vítima directa.

Face à indisciplina e aos comportamentos violentos, a escola pode aplicar sanções proibitivas ou repreensivas, como a advertência escrita, o isolamento ou a expulsão da aula, entre outros. No entanto, muitos são os professores que evitam utilizar estes métodos, não por pensarem que não são os mais eficazes, mas sobretudo porque envolvem uma grande “dose” de burocracia e acabam por alcançar poucos dos objectivos desejáveis:

(...) Pode dizer-se que a autoridade do professor diminuiu consideravelmente nos últimos anos e aumentaram os direitos dos alunos, juntamente com os direitos de outros grupos desfavorecidos na sociedade. Os recursos do professor são escassos

em termos do trabalho que ele espera fazer, especialmente nos rígidos limites da sala de aula, onde ele está em minoria absoluta e, a não ser que seja cuidadoso, acaba por ser manipulado. (...) Perante o aumento da conflitualidade nas escolas e nas salas de aula, os professores reagem defensivamente preocupando-se, acima de tudo, em preservar o seu equilíbrio psicológico e emocional, que é posto à prova pelas difíceis condições em que têm de exercer a sua actividade profissional. (Gomes, 1998; 101)

Increasing pressures on the teacher frequently completely frustrate educational aims, and raise a prior concern to the totality of experience. That concern is 'survival' and in many of our secondary schools the law of the jungle operates. Professional considerations, however, tincture many of the strategies employed to keep one's head above water, and cause them often to appear as teaching. (...) (Woods, 1980;10)

Assim sendo, de forma a garantir o controlo do comportamento dos alunos através de todos os meios possíveis, muitos professores acabam por sacrificar em parte a qualidade do próprio ensino, evitando pôr em prática qualquer actividade que facilite a irrupção de situações de perturbação da sala de aula. Evitam desenvolver actividades potencialmente barulhentas que possam colocar em risco a manutenção da ordem na sala de aula, ainda que essas actividades fossem consideradas interessantes do ponto de vista pedagógico e educativo.

Criar salas de aula e escolas sem *bullying* exige, por isso, um trabalho regular em equipa, onde todos os membros da comunidade escolar, professores, auxiliares, encarregados de educação, alunos e suas famílias, desenvolvem esforços conjuntos. Observar e analisar o comportamento dos alunos, ouvi-los e aproximarmo-nos deles irá reduzir a possibilidade de ter de intervir para a resolução de situações de *bullying*. Outra medida bastante aplaudida passa pela criação ou expansão de Gabinetes multidisciplinares, já existentes em muitas escolas, que se empenham na prevenção, sinalização e resolução de casos de violência escolar. Contudo, o uso destas estratégias só por si não garante a sua inexistência.

Logo que é detectado um foco de *bullying* entre alunos, depois de parar a agressão, acalmar os ânimos e prestar apoio à vítima, é necessário ser firme mas ao mesmo tempo educado, evitando intervenções explosivas e descontroladas. Quanto mais tempo decorre entre o caso de *bullying* e a tomada de uma decisão, mais poderoso se sente o *bully*, mais desprotegida a vítima e mais difícil se torna melhorar a situação: (...) Compete às escolas actuar em consenso com os pais. Se porventura esse consenso não existir ou não puder ser resolvida a situação - e se a situação envolver perigo para o autor do *bullying* ou para quem o sofre -, deverá ser comunicado à Comissão de Protecção. O grau de perigo é determinado

quando está em causa uma forte probabilidade de afectação da saúde, segurança, educação e desenvolvimento da criança (...).¹⁷

A escola deve privilegiar a criação de um bom relacionamento com os pais e outros familiares, que devem sempre ter conhecimento da realidade que é vivida pelos seus filhos na escola, sejam eles vítimas ou vitimizadores. Quando a família não colabora e não intervém eficazmente, a escola deve procurar desencadear outros processos e utilizar outros meios que lhe permitam pôr cobro às situações de *bullying*.

Actualmente, está na “moda” o policiamento directo ou indirecto, através da instalação de câmaras de vigilância ou da presença física de agentes de segurança, o que não parece ser a escolha mais acertada e eficiente para tentar solucionar os problemas de *bullying* existentes nas escolas. Os agressores tentarão sempre definir estratégias e encontrar alternativas a nível temporal ou de espaço para perpetrarem a agressão. Penso, por isso, ser mais eficiente e eficaz a sensibilização dos alunos (a começar dentro da sala de aula, através dos conteúdos e estratégias utilizadas) e de toda a comunidade escolar, tendo em vista a mudança de mentalidades e comportamentos.

Deve também ser tida em conta a supervisão dos pátios, espaços exteriores ou interiores de recreação, apostando na presença de elementos supervisores com formação, que respeitem os alunos e se façam respeitar, que façam o levantamento dos principais problemas, que saibam escutar os alunos e resolver com eles os seus problemas, ou que sirvam de ponte no relacionamento com o Director de Turma e a Direcção da Escola, mas sempre numa base de diálogo e compreensão. Em vez de simplesmente repreender e culpabilizar o *bully*, estes supervisores devem antes levá-lo a compreender como está incorrecto o seu procedimento, elogiando as suas qualidades e enaltecendo tudo o que fizer de bem, para encorajá-lo a mudar de atitude.

A escola têm então de acreditar mais nas suas potencialidades enquanto instituição de valorização e formação, envolvendo, como disse, toda a comunidade educativa de forma a desenvolver estratégias e materiais, com o fim de reduzir os problemas de agressividade. Esta é uma atitude que tem de ser tomada a tempo inteiro, e não por correntes, ao sabor dos casos noticiados pela comunicação social, já que o *bullying* é para a escola um problema a tempo inteiro. Enquanto elemento privilegiado na interacção com *bullies* e vítimas, os professores não podem continuar a pautar a suas atitudes pela indiferença e pela inacção.

¹⁷ Explica o presidente da Comissão Nacional de Protecção de Crianças e Jovens em Risco, Armando Leandro, in MATEUS, Bruno Contreiras; “*Bullying, a Violência Entre Iguais*”, in *Tema de Capa, Revista Domingo, Correio da Manhã*, edição de 01 de Março de 2009

Capítulo II

1. Um projecto educativo global e inclusivo - A política anti-*bullying*

A agressividade nas escolas constitui uma das preocupações frequentes dos docentes e das direcções das escolas, uma vez que regularmente os alunos recorrem às direcções de turma e de escola com denúncias de comportamentos de *bullying*, agressões, roubos, danos em roupa, objectos pessoais e/ou material escolar, efectuados por colegas. Simultaneamente, estes órgãos de gestão da escola ocupam-se também cada vez mais dos processos de alunos que são colocados fora da sala de aula por indisciplina.

Sendo a prevenção o melhor remédio, é indiscutível que se implante um projecto educativo preventivo da violência, agressividade ou simplesmente dos problemas comportamentais no contexto escolar. Tal como possuem uma política curricular bem definida, também as escolas devem definir objectivos claros e precisos quanto à manutenção da ordem, e muito desse esforço pode ser concretizado em contexto de sala de aula.

Desta forma, os alunos devem ser participantes activos na definição de objectivos, estratégias e actividades, das normas de funcionamento e regras de comportamento, incluindo as de natureza mais disciplinar, pois para além de se sentirem membros activos da comunidade escolar, sentem-se também responsáveis pelo seu bom funcionamento e bem-estar de todos os que dela fazem parte.

Tanto alunos e professores como as famílias e restante comunidade se devem envolver e comprometer no sentido de serem concebidas e eficazmente aplicadas medidas que visem a sã convivência de todos os seus membros, dentro e fora da escola. Para além de constituir a sustentação do bem-estar que se quer de todos os membros da comunidade educativa, um ambiente assim favorável conduz ao sucesso de qualquer intervenção. É, portanto, promovendo a criação de um clima positivo, apostando no melhoramento das relações humanas, que se podem prevenir este tipo de distúrbios ou manifestação de agressividade e violência. O incentivo a uma mudança de comportamento, tanto do ponto de vista das famílias, dos agressores, como das vítimas é fundamental, tal como o é o apoio às vítimas. Allan Beane refere, a propósito: “The involvement of parents, teachers, administrators, students, and the community is essential in stopping bullying in schools. (...) The larger the group of concerned parents, teachers, and community members, the better off the school will be. ” (BEANE, 1999; 9)

Torna-se assim fundamental o estabelecimento de uma política educativa com medidas que manifestem repúdio contra qualquer comportamento violento dentro da escola e que incentivem toda a comunidade educativa a envolver-se, a fazer a ligação com as famílias

e a intervir junto das crianças e jovens. Individualmente ou em grupo, na sala de aula ou nos pátios e corredores, no interior da escola ou nas suas imediações, à hora de almoço ou no caminho para casa, estes podem assumir atitudes agressivas e/ou de *bullying*.

(...)A whole-school policy should be central to any efforts to tackle the problem of bullying in schools. The anti-bullying policy provides a framework for intervention and prevention and should be an extension of existing behavior and equal opportunities policy. (...) The policy therefore establishes a clear set of agreed aims which provide pupils, staff and parents with a sense of direction and an understanding of the commitment of the school to do something about bullying behavior.(...) (SHARP e SMITH, 1994; 23)

De acordo com Sharp e Smith, o processo de desenvolvimento da política anti-bullying pode passar por cinco etapas distintas, que vão desde a consciencialização (*awareness-raising*), a consulta/inquirição (*consultation*), a preparação e concepção da versão final da política (*preparation of draft and transition to final policy*), a comunicação e implementação (*communication and implementation*), até à sua manutenção e revisão (*maintenance and review*). (SHARP e SMITH, 1994; 27)

Segundo os mesmos autores, vários são os pontos a considerar aquando da preparação e concepção da política. É importante que se defina quais são os objectivos da mesma, e quando se devem atingir; que se tenha presente uma definição clara de *bullying*, e quais as estratégias usadas para o prevenir; de que forma se deve fazer a denúncia e reportar os casos de *bullying*; de que forma se deve responder ao *bullying*, qual o papel e as responsabilidades do pessoal não docente, dos professores, dos alunos, dos pais e das autoridades locais, e finalmente proceder à monitorização e avaliação da política. “An anti-bullying policy is a long-term commitment. To maintain its effectiveness you will need to regularly remind staff and pupils about it. You also need to identify how well it is working.” (SHARP e SMITH, 1994; 38)

Simultaneamente com o desenvolvimento dessa política anti-*bullying* é igualmente importante alertar e despertar as famílias para a sua própria disfuncionalidade, ajudando-as a encontrar formas alternativas de actuação, que lhes permitam minorar o desenvolvimento de comportamentos agressivos nos jovens. Também os professores, aproveitando e rentabilizando o seu papel privilegiado no contacto com os jovens, devem envolver-se mais e apostar na elaboração de materiais e introdução de conteúdos nas suas aulas que, para além de desincentivarem directamente qualquer comportamento de *bullying*, apelariam a uma constante aprendizagem da convivência, baseada na aceitação e respeito mútuos.

2. O papel decisivo dos professores

Actualmente, e tendo em conta o grande número de potencialidades e recursos que a sociedade da tecnologia e informação nos oferece, grandes têm sido as conquistas e as vantagens para os jovens e para toda a sociedade em geral. Contudo, muitas vezes, alguns dos recursos são consciente ou inconscientemente usados de forma negativa, acabando por lesar o próprio indivíduo ou o outro, como acontece particularmente com a Internet. Ninguém contradiz as indiscutíveis vantagens que o notável mundo digital trouxe para a era moderna das comunicações globais. Ao mesmo tempo, todos reconhecemos que ela é muitas vezes abusivamente usada para ofender e prejudicar outrem e cometer muitos outros actos de natureza ilícita.

Apesar do grande leque de recursos disponíveis, na generalidade o ser humano tornou-se mais individualista e isolacionista. Muitos jovens vivem as suas vidas reais num mundo virtual, como se de um videojogo se tratasse. Encerram-se no quarto, com o seu telemóvel, o leitor de MP3, a consola de jogos e o computador, e esquecem, ou desvalorizam, a importância do contacto pessoal e das relações humanas. Desta forma, e porque muitos adolescentes tecem comparações e exigem ter os seus próprios apetrechos, acaba-se por se estimular mais o espírito de competição do que o gosto pela partilha e a cooperação, o que acaba, muitas vezes, por gerar um clima de hostilidade e rivalidade exacerbada entre pares.

Torna-se por isso imprescindível apostar na valorização das relações humanas, incentivar e incrementar, especialmente junto dos jovens, atitudes de altruísmo e cooperação. Na escola espera-se que as crianças tenham espaço para se desenvolver e se expressar, para ouvir e ser ouvido, e para que compreendam o mal-estar que causam ao outro, assegurando que os direitos de cada um sejam respeitados. É aqui que o professor pode intervir e, através de materiais didácticos e várias estratégias, fornecer competências e o suporte psicossocial que por vezes não é facultado em casa. “To reduce bullying, multiple strategies must be employed. The collective efforts of staff, students, and parents are needed to protect all children and to teach students the pro-social behaviours they will need throughout their lives. (...) Making the lessons fun, entertaining, and interactive will create an educational experience where all students - the bully, the bullied, and the bystander - pay attention and learn to use new behaviours both inside and outside the classroom setting.”(BREAKSTONE, DREIBLATT e DREIBLATT, 2009; xiii)

O professor pode junto dos seus pupilos empenhar-se na promoção do espírito de entreajuda, por exemplo através da realização de trabalhos de grupo, de encenações (*roleplays*), da distribuição e diversificação de tarefas na sala de aula, ou ainda confrontando os alunos com diversas situações-problema que os levem a ganhar ou aperfeiçoar competências que lhes permitam solucionar os seus próprios problemas. Desta forma, os alunos deverão ser capazes de estabelecer e manter relações interpessoais, desenvolver

mecanismos de auto-controlo e distinguir uma situação adequada de uma desajustada, para que quando confrontados com situações reais saibam dar a resposta apropriada.

Em muitas comunidades educativas se verificam baixas expectativas de alguns alunos e pais em relação à escola. Muitos frequentam a escola por obrigação e sem prazer, ou sequer compreenderem os benefícios que podem ter futuramente pela conclusão dos seus estudos. Muitos destes anseiam sair da escola sem terminar a escolaridade obrigatória, para começarem a trabalhar e adquirirem independência financeira, ou contribuírem para a economia. Todas estas circunstâncias podem ser potencialmente geradoras de comportamentos de *bullying*. Mais uma vez, toda a comunidade escolar e, em particular, o professor tem um papel preponderante que pode conduzir à inversão da situação.

É importante que tanto as vítimas como os próprios *bullies* compreendam que há alguém na escola que se preocupa com eles, com o seu bem-estar - não apenas físico, mas também psicológico - que está disponível para os ouvir e que se empenha na resolução dos problemas. Para isso é importante que se consiga estabelecer diálogo com a vítima e o agressor, e posteriormente também entre eles, em que o professor desempenha o papel de um mediador que se concentra na procura de uma solução para o problema, procurando ajudar a reverter a situação, sem acusar, julgar deliberadamente ou tentar encontrar culpados. Também os supervisores ou outros adultos responsáveis, quando não vêem toda a situação devem primeiramente tentar saber o que se passou antes de tomar qualquer atitude.

Adults should not respond in a manner that will embarrass or humiliate the target or the bully. Our experience has been that when students choose not to go to adults - parents or teachers - for help in a bullying situation, it is because they fear that adults' actions will be embarrassing to the student and make the situation worse. A target wants the bullying to stop but not at the risk of social humiliation. (BREAKSTONE, DREIBLATT e DREIBLATT, 2009; 102)

Any pupil who is persistently involved in bullying behaviour despite the repeated intervention of the school, probably needs help and firm guidance. (...) Any response to incidents of bullying should be clear, honest and direct, avoiding the use of humiliation, sarcasm, aggression, threat or manipulation; be immediate, with possible follow-up in the longer term; involve recording what has happened, who was involved and what action was taken; involve the family at an early stage; provide opportunities for the pupils to discuss with one another ways of resolving the problem.

(SHARP e SMITH, 1994; 79)

Quando detectada a situação de *bullying* é fundamental que as famílias sejam informadas, e os agressores e vítimas sejam ouvidos sobre o sucedido, individualmente e sequencialmente, todos no mesmo dia, para evitar que a ocorrência ganhe outros contornos e fique fora de controlo. Os alunos devem ser capazes de analisar a situação, identificar o

problema e os comportamentos desadequados, e propor formas de o resolver. No entanto, é também essencial que esses encontros sejam prolongados durante algum tempo de forma a que o professor possa acompanhar e direccionar vítimas e agressores no seu percurso de restabelecimento da ordem, sendo mesmo desejável o encontro em grupo numa terceira fase, já posterior, onde todos os intervenientes compareçam e comprovem o sucesso da iniciativa.

Nestes encontros podem ser postos em prática vários métodos referidos em Sharp & Smith, entre os quais: “The Method of Shared Concern”, “The No Blame Approach”, ou ainda “Assertiveness Training”, que visam sobretudo a mudança de atitude quer do *bully*, quer da vítima. “(...) The Method of Shared Concern is a counselling-based approach for resolving bullying situations; (...) aims to change the behaviour of the bullying pupils. (...) The Assertiveness Training aims to teach bullied pupils how to resist bullying attempts.” (para uma abordagem mais detalhada aos métodos v. SHARP e SMITH, 1994; 79-101)

Contudo, não é só dos *bullies* que se espera uma mudança de atitude, também as vítimas devem saber como, onde e de que forma procurar ajuda, e como agir e reagir perante situações de *bullying*, tendo sempre por base comportamentos não violentos. “If a person who is chronically victimised doesn’t learn to change how they respond to bullying behaviour, they will continue to be targeted by bullies well into adulthood. For targets, replacement behaviours include learning how to limit their vulnerability to bullies by standing up to bullies in a nonviolent, yet assertive manner and by increasing their friendship network.” (BREAKSTONE, DREIBLATT e DREIBLATT, 2009; xii)

Se houver um conhecimento do que é a assertividade tanto por parte das vítimas, como dos agressores, há uma maior possibilidade que ambos, enquanto alunos, respeitem os direitos uns dos outros, evitando envolver-se em situações provocatórias ou de confronto. “In responding assertively, the pupil will stand up for her/his rights without violating the rights of the other pupil. The assertive pupil will respond to the bullying pupil by stating their intentions, wishes and /or feelings clearly and directly. They remain resistant to manipulative or aggressive tactics. Assertive responses not only rely on verbal messages but on eye contact and body language as well.” (SHARP e SMITH, 1994;90)

Para reduzir os comportamentos violentos e de *bullying* é, por isso, necessário que os alunos compreendam e conheçam as definições de violência e *bullying*, e suas possíveis manifestações. Os comportamentos violentos e de *bullying* têm de ser substituídos por atitudes baseadas no respeito e numa salutar convivência social, que permitam satisfazer as necessidades do *bully* anteriormente atingidas por meio da violência.

Todavia, com alguma frequência, a escola não revela tempo, espaço e disponibilidade dos docentes para ouvir os alunos em dificuldades e não encontra soluções para os seus problemas, nem os encaminha para quem possa ajudá-los convenientemente.

Certamente que um aluno que procurou um professor uma ou duas vezes para expor os seus problemas e este o ouviu sem prestar grande atenção no meio de um corredor barulhento ou à saída de uma aula, e a quem a ajuda acabou por não chegar pois continuou a ser alvo de violência por parte dos colegas, não se sente encorajado a relatar novamente as

suas angústias e a pedir ajuda. O aluno interrogar-se-á seguramente se valerá a pena correr o risco da exposição se depois não obter qualquer auxílio, e as agressões se perpetuarem.

Por outro lado, se o professor, ao não aperceber-se correctamente da gravidade das situações relatadas pelo aluno, fizer menção ou qualquer comentário no decorrer da aula perante toda a turma, pode estar a colocar o aluno numa situação ainda mais difícil, pois o agressor continuará a ameaçar e a vítima ao sentir-se atemorizada irá ceder a tudo o que o *bully* exigir.

É urgente que as escolas tomem medidas preventivas, pois caso contrário verão os seus problemas de indisciplina e agressividade avolumar-se tanto na sua frequência, como no crescente da gravidade das ocorrências.

3. Bullying escolar - Estratégias de intervenção

Assiste-se actualmente a um desencanto por parte dos professores face às condições que têm hoje para a leccionação, devido às situações de indisciplina que cada vez mais são frequentes nas nossas escolas. Contudo, os professores e as escolas não devem demitir-se do seu papel de formadores e ignorar casos de violência por não possuírem formação para lidar com tais situações ou por se sentirem algo inseguros. Devem antes procurar intervir, registar os incidentes, comunicar à direcção da escola, informar e envolver os pais e o Conselho de Turma, não sendo nunca permissivo nem acusador, mas sim cooperante de forma a encontrar soluções.

Como referido anteriormente, o projecto educativo deve envolver toda a comunidade educativa e centrar-se na **sensibilização e formação tanto de alunos, como pais, professores e funcionários** em relação ao *bullying*, ao mesmo tempo que se aposta na diversificação, **supervisão e melhoramento dos espaços escolares**. “High-quality training sessions to inform people about bullying can motivate and energise the school community to take action. There may be a small number of adults within your school who do not believe that bullying is a problem, either because they are underestimating the extent of bullying behaviour in your school or because they believe that bullying behaviour is not harmful. Some people even believe that bullying is a helpful part of children’s social development. You should aim to convince these people that schools can reduce bullying and that it is worthwhile investing time and resources in doing so.” (SHARP e SMITH, 1994; 28)

Muito há para ser feito, muitas as medidas que podem ser implementadas e diversas as estratégias que podem ser seguidas. O desafio - prevenir e combater o *bullying*. A estratégia - ‘atacar’ em todas as frentes. Como mencionado previamente, as escolas e os professores em particular, pela sua proximidade com o fenómeno do *bullying* e o contacto privilegiado com seus os intervenientes, podem assumir um papel de relevo e alcançar grandes conquistas. O necessário? Apenas vontade, interesse, empenho, gosto, disponibilidade, dedicação e um pouco de imaginação. As medidas ou estratégias a ser seguidas podem ser aplicadas a diversos níveis:

- **a nível escolar**, tais como a elaboração do projecto educativo e do estabelecimento de uma política anti-*bullying*, em que se procede ao delinear de várias propostas de combate ao fenómeno, com a colaboração e envolvimento dos diversos elementos da comunidade educativa, desde os órgãos de gestão, pessoal docente e não docente, alunos e suas famílias, ou a organização de sessões de formação e sensibilização face à problemática do *bullying*, abertos a toda a comunidade;

- a **nível de sala de aula**, por exemplo com a realização de trabalhos em grupo, a organização de debates temáticos, a discussão de situações problema, a análise e elaboração de materiais didáticos, a colaboração e atribuição de tarefas aos elementos considerados mais problemáticos da turma;

- e a **nível individual**, com o atendimento e acompanhamento de vítimas e agressores, com o objectivo de pôr fim às situações de *bullying*, trabalho esse que pode ser desenvolvido em colaboração com o Director de Turma ou no âmbito de um gabinete de apoio, criado para este fim em específico.

Para combatermos o *bullying* é de extrema importância definir o regulamento disciplinar da escola e da sala de aula, **delinear as regras** e também as **punições** para quem as transgredir, processo que normalmente é efectuado com a colaboração dos docentes. Porém, por que não envolver também os alunos na sua concepção? Por que não no final no ano lectivo reunir alguns alunos, previamente seleccionados (por exemplo, escolhidos pelos seus pares, à semelhança do que acontece com a eleição do delegado de turma) e representantes de todas as turmas e incluir as suas propostas e ideias (desde que racionais e plausíveis) no regulamento? A definição conjunta destas normas, a serem aplicadas de igual forma, a qualquer aluno, em qualquer espaço da escola e sob a responsabilidade de todos os funcionários e docentes, permitiria uma maior consciencialização dos alunos e consequentemente uma maior intolerância para com as práticas agressivas.

A par da elaboração da política educativa da escola e da planificação dos programas de intervenção, da distribuição equilibrada das turmas pelas salas, tendo em conta as suas características, das estratégias de responsabilização sobretudo dos alunos mais ‘difíceis’, do melhoramento das relações escola ↔ família, do envolvimento dos pais na vida escolar, há outros pequenos grandes aspectos que podem marcar a diferença.

Uma vez que, na generalidade, o *bullying* ocorre durante os intervalos e dentro do recinto escolar, devem ser reequacionados esses espaços, **redesenhando, amplificando, melhorando** ou simplesmente **embelezando as áreas de recreio**. Já foi anteriormente dito que um ambiente positivo em termos relacionais facilita o estabelecimento de relações humanas de qualidade e contribui para o bem-estar de todos os elementos da comunidade escolar, pelo que deve sempre ser tido em conta o aspecto físico do perímetro escolar. A criação de espaços livres bem apetrechados, confortáveis, com uma envolvimento positiva e um ambiente descontraído e convidativo, contribuirá certamente para a diminuição da incidência dos casos de *bullying*. Um potencial agressor, apesar de todos os problemas que possa ter a nível pessoal ou familiar, se sentir que tem na escola um espaço funcional, harmonioso, agradável à vista e ao toque, onde pode descobrir ou desenvolver várias

actividades do seu interesse, desde jogar às cartas, xadrez, matraquilhos, pingue-pongue, praticar jardinagem ou um qualquer desporto individual ou de equipa, ou mesmo realizar qualquer outra actividade disponível, vai ter com certeza menos tempo ou menor necessidade de ‘descarregar’ a sua frustração numa qualquer possível vítima. Desta forma, a melhoria dos espaços de recreação pode desencorajar comportamentos de *bullying* e assim criar uma escola mais aprazível e segura para todos os seus membros.

Research has shown a strong correlation between bullying and poor playground environments. Bullying won't disappear if the playground environment alone is improved but, equally, any number of interventions may be used do little effect if the physical environment does not support 'positive' play. (SHARP e SMITH, 1994;133)

Também ao **repensar a oferta de tempos livres** que se podem proporcionar aos alunos, se está a produzir um novo leque de opções e sobretudo uma escolha que não a da violência ou agressividade. Deve ser incentivado o uso de biblioteca e da ludoteca, que caso não exista ou se encontre em más condições deve ser criado ou melhorado. Será sempre uma mais-valia se a escola tiver um espaço de informática, destinado parte dele à realização de pesquisas ou trabalhos, mas uma outra parte, significativa, dirigida para as actividades lúdicas, uma vez que actualmente as novas tecnologias constituem uma das formas privilegiadas de entretenimento dos mais novos.

O **alargamento da área desportiva, a dinamização do rádio da escola** com programas interventivos e interactivos durante os intervalos, a **criação de clubes e áreas de trabalhos manuais** de apoio aos períodos livres da escola, a **realização de jogos de tabuleiro com a presença em competições e torneios** inter-turmas no final de cada período, a existência de materiais lúdicos de apoio durante os intervalos, numa perspectiva de criação de animação, poderiam ser outras das soluções encontradas. Se a escola apostar na transformação ou criação de novos espaços e na organização de iniciativas que vão ao encontro dos interesses manifestados pelos alunos, haverá uma maior coincidência entre as actividades que os alunos procuram realizar e aquelas que a escola lhes pode proporcionar, e o aluno sentir-se-á mais integrado, mais “no seu mundo”, e terá menor tendência a vingar nas vítimas o seu aborrecimento e desilusão.

Outra estratégia para desencorajar comportamentos de *bullying* não só na escola mas no seu exterior, poderia passar pelo **estabelecimento de protocolos entre a escola e as colectividades locais** para que fossem constituídas turmas/grupos em diversas modalidades (futebol, andebol, basquete, atletismo, ginástica, dança, xadrez, tiro ao alvo...), em que os alunos, se assim o desejassem, se poderiam inscrever, e após as actividades lectivas, frequentar para ocupar os seus tempos livres e simultaneamente se sentir bem. Certamente que um jovem que tem o seu tempo preenchido e se vê enquadrado em actividades que lhe dão prazer, não tende tão prontamente a importunar e maltratar vítimas inocentes.

Por outro lado, estas actividades serviriam como um refúgio e um escape a uma realidade familiar que nem sempre é a melhor, e que muitas vezes envolve violência, ao mesmo tempo que contribuiriam para integração social dos jovens, a socialização e confraternização com outras gerações. Para além das táticas desportivas, são formas reconhecidas de transmitir valores e promover respeito pelos outros.

Para além dos **melhoramentos nos espaços escolares**, do aumento da **oferta de actividades lúdicas**, do **envolvimento do corpo docente e dos alunos** na detecção de focos de *bullying*, é fundamental contar com a presença e o **acompanhamento do pessoal não docente**, que deve estar bem informado sobre o que é o *bullying*, quais os comportamentos a evitar, e o modo como agir quando detectar casos de *bullying*, tanto em relação aos *bullies*, como às vítimas. Aposta-se assim numa **monitorização de qualidade** em todos os recantos da escola. Também as **testemunhas** são elementos estratégicos na batalha anti-*bullying* e devem ser encorajadas a apoiar os seus pares, já que a maior parte das situações de *bullying* são presenciadas pelos colegas tanto durante o intervalo, como na sala de aula. Eles são, pois, elementos-chave para intervir de forma a alcançar melhores resultados, estão em posição privilegiada de oferecer apoio emocional e amizade aos colegas que se encontram em dificuldades.

Mais uma vez temos como base desta estratégia a promoção da assertividade nas relações interpessoais, que se revela um dos expoentes máximos de toda a intervenção anti-*bullying* numa escola. Coloca-se, nesta lógica, a promoção de outras actividades conducentes a essas formas de melhoramento, como por exemplo o **voluntariado**. Em vez de *bystanders* passivos, porque não transformá-los em *bystanders* activos, ou melhor zeladores dinâmicos, que informalmente ‘patrulham’ o recinto escolar e desencorajam ou põem fim a qualquer situação de *bullying*? Se a direcção da escola assim o permitisse, proceder-se-ia à constituição de uma equipa de voluntários, por exemplo uma turma que, a cada semana ou a cada duas semanas, ficaria responsável pela supervisão e mediação de conflitos no espaço escolar. Estariam identificados por uma braçadeira que seria rotativa e que iria circular por todas as turmas. A braçadeira, que deveria ter uma cor chamativa (na experiência por mim realizada e mais à frente relatada, optei pela cor vermelha), e a inscrição “STOP BULLYING”, deveria ser usada por cada um dos alunos da turma responsável pela supervisão e acompanhamento dos colegas durante todo o período que estivessem na escola, tanto dentro como fora da sala de aula. Estes apontamentos de cor em movimento por toda a escola, demonstrando particular atenção pelos recreios, fariam com que a sua presença fosse sempre notada e desencorajaria possíveis conflitos - para além de consciencializar os alunos, esta acção pode promover que se tornem mais responsáveis, interventivos e socialmente preocupados.



Figura 1 - Protótipo de uma braçadeira para a campanha “Stop bullying”

De uma forma geral, os alunos gostam de desempenhar tarefas de responsabilidade e que lhes confirmem alguma importância ou relevo. Se uma ou duas turmas aderissem positivamente a esta actividade, e para persuadi-las contaríamos com a ajuda dos professores e Directores de Turma, é expectável que outras se mobilizassem também, permitindo assim um escalonamento para todo o ano lectivo, em que se estabeleceria de antemão as turmas a participar e quando. Todos os alunos e todas as turmas da escola saberiam quando a sua altura de intervir e poderiam preparar-se ou pensar em actividades alternativas para complementar, já que os alunos usualmente gostam de inovar e atribuir o seu cariz pessoal às actividades que desempenham. Todos os alunos das turmas escalonadas deveriam previamente receber algumas indicações de como reconhecer comportamentos de *bullying* e como apaziguar e mediar conflitos. Todas as situações detectadas que revelassem contornos de maior gravidade deveriam ser imediatamente comunicados à direcção de turma e à direcção da escola, para o caso de ser necessário activar outros procedimentos ou despoletar outros serviços, tais como alertar a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em risco, o psicólogo escolar entre outras entidades. A escola poderia também ter reservada uma sala para mediação, caso alguma vítima manifestasse subitamente vontade de pedir ajuda, expor o seu problema, desabafar com o colega ou com algum professor. Todas as situações para lá canalizadas deveriam ficar registadas para posterior consulta, se necessário.

Uma outra sugestão que pode ajudar as vítimas de *bullying* menos corajosas, mais tímidas ou amedrontadas, ou que simplesmente queiram ser mais discretas, é a criação de uma “caixa postal”, à semelhança das existentes nos serviços públicos, em que os alunos de

forma séria apresentariam as suas “reclamações”, sugestões ou meras informações acerca do funcionamento da escola. Desta forma, alunos que receassem vingança ou represálias por parte do *bully* por ter havido um contacto directo com os professores, uma aproximação física para pedir ajuda, que poderia ter sido testemunhada pelo agressor, têm assim a possibilidade de expor os seus problemas de uma forma mais recatada. A caixa, ou caixas, deveriam naturalmente ser colocadas em locais estratégicos e simultaneamente reservados, em ponto de passagem obrigatório para todos os alunos, para que a vítima não corresse o risco de ser vista a deslocar-se para um espaço geralmente não frequentado pelos alunos e assim fosse identificada.

Se queremos combater as práticas de *bullying*, é necessário que coloquemos à consideração dois pontos de vista: se por um lado ele já foi detectado, tem de ser debelado; por outro lado, se pretendemos que ele não persista no futuro, é importante tomar medidas de prevenção. É imprescindível sensibilizar os alunos para a necessidade de comunicar as situações de *bullying* que conheçam, e os professores para que oiçam os alunos, atentem a qualquer sinal suspeito e participem activamente no desencorajamento das práticas de *bullying*, tanto fora como dentro da sua sala de aula. É importante que tanto a vítima de *bullying* como o agressor percebam que há alguém, para além dos professores, que está disponível para ouvir e conversar sobre o assunto e disposto a disponibilizar ajuda. Allan Beane comenta: “... aprender competências de resolução de conflitos pode aumentar o Quociente Emocional de uma criança, que alguns peritos afirmam ser essencial para ter um Quociente de Inteligência elevado. O treino da assertividade, a educação do carácter e uma abordagem consistente e organizada à disciplina são outros aspectos importantes que devem ser incluídos num plano de prevenção do *bullying*.” (BEANE, 2006;18)

Actualmente, em muitas escolas portuguesas, para além do gabinete do psicólogo escolar, existem já outros gabinetes que visam tratar dos problemas relacionados com as questões de violência na escola, nas quais se inclui também o *bullying*.

É o caso da Escola Secundária com terceiro ciclo do Fundão, que conta com o Gabinete de Gestão de Conflitos, criado em 2007 por proposta do Departamento de Letras. Aquando da sua criação, este gabinete propunha-se fazer com que na escola existisse uma figura de efeito disciplinador numa perspectiva positiva, de harmonia e diálogo com os alunos. Essa figura seria protagonizada por um ou vários professores com formação em didáctica, alguém que estabelecesse uma relação de proximidade com os alunos e interviesse sempre que se apercebesse de comportamentos desadequados. O(s) professor(es) falava(m) com os alunos e mostrava(m) que estava(m) atento(s) aos comportamentos menos correctos ou mesmo desviantes, tais como as agressões físicas ou psicológicas, os casos de *bullying*, o uso de álcool, tabaco ou drogas.

Para além de realizar esta abordagem directa aos alunos desaconselhando tais condutas, o/os responsáveis interviria(m) junto dos órgãos de gestão da escola, no sentido de ser aplicada uma punição caso os comportamentos desajustados continuassem. Logo que este gabinete surgiu, foi criada uma sala com condições específicas, num local reservado, que

permitisse salvaguardar a privacidade e a discrição tanto das vítimas, como dos agressores envolvidos nos conflitos.

No entanto, a aprovação deste gabinete não foi consensual porque, segundo as palavras do impulsionador deste Gabinete de Gestão de Conflitos e responsável pelo funcionamento do mesmo, a Escola Secundária do Fundão não estava suficientemente desperta para este tipo de problemas. Na altura assistia-se ainda a uma prevalência de ideias convencionais, em que estes eram considerados problemas marginais e muitos professores afirmavam que os alunos deveriam saber defender-se sozinhos.

De acordo com a opinião do mesmo professor, a maioria das escolas portuguesas têm lidado mal com as questões de indisciplina, e nesta escola do Fundão, a ideia de ter um professor a deambular pela escola para impor disciplina, não foi inicialmente muito bem vista e aceite. A percepção de alguns docentes era a de que o gabinete iria desempenhar funções similares às do Serviço de Orientação e Psicologia, já existente na escola, ou redefinir poderes das outras estruturas de gestão da escola. Com persistência foi possível instaurar o gabinete, que é hoje reconhecido por toda a escola.

No primeiro ano de actividade foi aplicado um inquérito anónimo a todos os alunos diurnos da escola, e os resultados permitiram ter conhecimento de 40 casos de *bullying* na escola, o que surpreendeu muitos elementos da comunidade escolar. Este gabinete passou então a trabalhar em estreita colaboração com o Serviço de Orientação e Psicologia, que passou a estar na retaguarda de todos os documentos que saíssem do Gabinete de Gestão de Conflitos, demonstrando-se uma preocupação conjunta com a linguagem, para que as palavras não afectassem vítimas ou agressores.

O Gabinete de Gestão de Conflitos contactou as vítimas e os agressores que através dos Directores de Turma foi possível identificar, dialogou com eles, tendo estabelecido compromissos que tanto as vítimas, como os agressores assumiram.

Na continuidade do seu trabalho, o gabinete assenta a sua acção em várias estratégias para a resolução dos problemas, nomeadamente, através do incentivo ao diálogo, através da exposição e compreensão dos problemas, sabendo ouvir e deixando o outro falar; da leitura de documentos em silêncio, para posterior reflexão, levando os alunos a considerar e a ponderar sobre as suas atitudes, e de uma aposta permanente na figura do mediador, que é representada pelo professor que os acompanha e orienta no seu percurso de resolução de conflitos.

No início de cada ano lectivo, todos os alunos da escola tomam conhecimento da existência deste gabinete, sabem onde e quando ele funciona, quem é o responsável e como relatar os seus problemas. Contudo, e porque há sempre alguns alunos que têm vergonha ou receio de ser identificados e posteriormente marginalizados ou ridicularizados pelos colegas, o gabinete criou também um blogue, <http://gabinetedegestaodeconflitos.blogspot.com/>, e um e-mail sempre disponível para marcar entrevistas ou receber os desabafos de quem necessita.

É exemplo claramente positivo, porventura a ser seguido noutras escolas, pois é importante que os alunos estejam conscientes de que há alguém que se preocupa com eles, com os seus problemas; que está disposto e disponível para os ouvir, os ajudar e não apenas repreender ou julgar, que é o que a generalidade dos alunos diz que os professores fazem.

Não obstante, convém não esquecer que este é um passo significativo a tomar para a resolução dos problemas, mas a acção da escola deveria centrar-se ainda mais na prevenção desses mesmos problemas. Pra isso é necessário. Como foi amplamente referido, que alunos, pais, professores e demais comunidade escolar e local se consciencializem, se envolvam e abracem a mesma causa, neste caso, o combate ao *bullying*.

Outra iniciativa importante seria a de agendar uma **reunião com os pais**, no início do ano lectivo, onde seria apresentado o regulamento da escola, os projectos e as diversas iniciativas a desenvolver. Os **Encarregados de Educação** pronunciar-se-iam também sobre esses documentos, para que se sentissem mais como parte integrante da escola. Nesse momento, poderia igualmente apelar-se à participação dos pais nas acções de formação destinadas a pais, professores e funcionários a realizar brevemente na escola, no arranque do ano lectivo, onde seriam discutidas estratégias e o que fazer com alunos agressivos e indisciplinados, e como proceder com alunos provocadores. Captar as atenções dos pais e encarregados de educação e ao sensibilizá-los para a problemática do *bullying* desta forma e nesta altura do ano, em que eles estão mais presentes e receptivos, seria mais vantajoso, pois revelaria uma maior adesão às acções de formação, do que se fossem posteriormente informados através dos seus educandos e por meio de uma circular.

Para além de **promover a presença dos pais e encarregados de educação** através das acções de formação, pode conquistar-se também a sua comparência na escola, por exemplo através da preparação de uma festa de Natal ou de final de Ano. Algumas mães/pais/avôs ou avós poderiam ficar responsáveis pelo ensaio de algum motivo (uma canção ou dança, uma arte, uma *estória* ou uma anedota...) característico da família ou da região de onde era oriunda, ou simplesmente de tradição familiar. Se os alunos, suas famílias e o corpo docente se empenharem em conjunto, poderá ser criado na escola um ambiente mais salutar e menos propício para as práticas de *bullying*.

Porventura, a escola conseguiria ainda atrair pais, Encarregados de Educação ou outros familiares se mensalmente, ou uma vez por período, se procurasse que alguns fossem a ir à escola falar sobre as dificuldades que em determinado momento das suas vidas tivessem sentido e de que forma as tinham conseguido ultrapassar. Relatariam em cerca de vinte minutos um episódio da sua experiência de vida, fora dos muros da escola, onde nem tudo é sempre positivo, e onde é crucial a criação e manutenção de uma teia de relações sociais baseadas na compreensão e cooperação.

O calendário e a estruturação desta actividade (tendo em conta todas as turmas existentes nos diversos anos de escolaridade), estaria dependente do número de pessoas que se prontificasse a prestar este serviço à escola e da disponibilidade de cada uma delas. No entanto, seria produtivo se se conseguisse agendar um dia fixo em que todos os meses haveria

uma destas actividades. Este exercício poderia ainda tornar-se mais proveitoso, se em vez de pessoas “anónimas” da comunidade escolar, se voluntariassem e se comprometessem pessoas (familiares dos alunos da escola ou não) que, nos diversos campos da sociedade local, fossem facilmente reconhecidas nas funções que desempenham pela grande parte dos alunos. Desta forma, haveria uma maior identificação por parte dos alunos, que tomariam conhecimento do percurso de algumas figuras mais conhecidas na sua terra e veriam que há todo um caminho a percorrer, com obstáculos e conquistas que nos ajudam a crescer enquanto cidadãos e indivíduos.

Por outro lado, é também relevante a definição de um horário fixo de atendimento para que os Directores de Turma recebessem, ora pais, ora alunos e se inteirassem das suas preocupações. No entanto, sabemos como é difícil mobilizar os pais e encarregados de educação para se envolverem na vida escolar dos filhos e educandos. Habitualmente apenas quando há uma mutação na escola que implique a alteração das rotinas familiares, as famílias se dispõem e aparecem na escola para reivindicar aquilo a que pensam ter direito, unindo-se na demanda por soluções.

Nos casos mais graves em que os pais revelem algum alheamento, inflexibilidade, distanciamento ou mesmo fricção em relação à escola, e em que se seja urgente o acompanhamento e intervenção junto dos jovens, a escola deve ser capaz de estabelecer a ligação entre a família e o apoio específico (a nível social, médico, psicológico, criminal...) de que o aluno (ou mesmo a família) necessita, por forma a que os problemas possam ser ultrapassados.

A escola deve ser um local de interacção do conhecimento, de vivências, experimentações, de dúvidas e imaginação...um local onde as várias gerações aprendem a aprender, a dar, a receber e a conviver. Não pode limitar-se a promover a instrução e a formação, a “dar matéria”, esquecendo-se ou desvalorizando as componentes de formação cívica, social e cultural do indivíduo. Devem ser fomentadas actividades em que os alunos participem e conjuguem as suas ideias com os professores, tornando-se mais cooperantes em actividades construtivas e cada vez menos envolvidos em comportamentos agressivos e destrutivos.

Mesmo os alunos que apresentam comportamentos violentos e/ou de *bullying* têm algo de positivo, algum talento, alguma qualidade, a identificar e promover. Obviamente que as situações negativas têm de ser penalizadas, e o aluno em questão tem de compreender que agiu desadequadamente, mas é necessário que se saiba olhar para os perpetradores dessa violência, conhecer os motivos que os levaram a ter essa atitude e descobrir neles algo de positivo, que lhes permita ganhar alguma auto-estima e assim desistir do *bullying*. É fundamental que os alunos reconheçam os seus direitos e dos seus colegas, mas também os seus deveres e responsabilidades aquando do respeito pelos direitos dos seus companheiros. Da mesma forma, é também importante recompensar o bom comportamento. “Reconhecer os estudantes que fazem as coisas certas - seja por resolverem uma discussão sem recurso à

violência, por ajudarem outro aluno, seja por pedirem desculpa por terem dado um encontrão a alguém - ajuda a 'marcar o ritmo' para toda a escola." (BEANE, 2006, 19)

Assim sendo, a valorização das atitudes, comportamentos e desempenhos dos jovens através de um reforço positivo, que pode ser um gesto, um olhar de aprovação, um sorriso de apoio, ou também algo material, dando um objecto que a criança gosta ou necessita, pode conduzir a melhores resultados, do que por exemplo um castigo verbal ou físico. A atribuição de um reforço positivo, ou o uso da recompensa tornam-se assim grandes aliados dos professores, no combate ao *bullying* e na luta pelo respeito, assertividade e cooperação.

Competent teachers will use rewards more often than punitive measures in managing student behavior. For every punishing experience, there should be approximately four rewarding encounters: yet even the best of teachers will have to use aversive strategies to suppress undesired behavior. Punishment involves a wide variety of practices that the student finds unpleasant. (...) It is rarely desirable to use punishment alone, and it is most effective when presented as a natural consequence of the student's misdeed and when combined with other techniques, especially positive reward. (...) The punishment of specific responses is informative to the student, since it teaches him what he has done wrong. (...) The negative consequences meted out for deviant behavior can serve as a lesson to the rest of the class. Students are less apt to imitate a given misbehavior once they have seen a classmate punished for it. (CLARIZIO, 1980; 160)

The giving of rewards constitutes one of the most valuable tools teachers have at their disposal. Teachers have long recognized the importance of rewards and often use them to change behavior. (...) One of the merits of this approach stems from its applicability to all students. It is not just for the antisocial student, the culturally disadvantaged, the brain-injured, the emotionally disturbed, or for the normal child. For every student, regardless of the label we attach to him, needs ample rewards if he is to behave and to achieve in school. (CLARIZIO, 1980; 18)

A escolha da recompensa e a frequência com que irá ser implementada dependerá de diversos factores, como por exemplo, do grau de ensino, da idade e características dos alunos, mas terá sempre por objectivo premiar uma evolução, um gesto, uma atitude, algo positivo que surpreendeu o professor, que estava habituado a outro tipo de comportamentos. Essa recompensa pode-se traduzir na atribuição de pontuação, em que a criança recebe pontos conforme a tarefa que realiza, até perfazer um determinado número de pontos e receba uma recompensa, procedimento este que incentiva a criança a ser persistente. Pode também ser expressa através da oferta de selos, autocolantes, cromos, posters, canetas, livros ou outro material escolar, peças de bijutaria, maquilhagem, puzzles, revistas, banda desenhada, ou em casos muito especiais até de bilhetes para qualquer actividade que vá ao

encontro dos gostos e interesses da turma. Todavia, a recompensa não tem obrigatoriamente de ser algo físico ou material. Pelo contrário, ela pode-se basear em elogios, no mostrar respeito e regozijo pelo que o aluno fez, quer verbalmente, quer por escrito nos cadernos ou livros, ou até simplesmente traduzida em amizade ou num sorriso. Podem também criar-se cenários na aula, como por exemplo, distinguir os alunos entre cidadãos e não cidadãos, em que apenas os cidadãos têm determinados direitos, como ser escolhidos para ‘ajudantes’ do professor e realizar determinadas tarefas. Para serem cidadãos os alunos têm de ser ‘exemplares’, respeitar todos os direitos e cumprir todos os seus deveres, mostrando que merecem o título. Apesar de ser uma estratégia bastante simples são diversas as questões que se levantam como, ‘quando é que eu devo atribuir a recompensa’, ‘com que frequência devo usar este método’, ‘que tipo de recompensa devo usar’...

De acordo com Harvey Clarizio (CLARIZIO,1980; 18), “The best way to maintain a given behavior at a high level is to reward it on a random or nonsystematic basis.” Se pretendemos que um determinado comportamento positivo perdure no tempo e se perpetue, deveremos ser capazes de dar a recompensa de uma forma aleatória e inconsistente para que o aluno em questão, sempre na expectativa de receber a recompensa, continue a desenvolver as atitudes que lhe podem valer essa mesma recompensa. Como ele nunca sabe quando ela virá, mas está sempre expectante de a receber, começará a adoptar os tão esperados comportamentos como a sua normal forma de agir.

Tomemos como exemplo o caso do *bully* que frequentemente chega tarde às aulas, porque aproveita até ao último momento o intervalo para aterrorizar as suas vítimas, e faz questão de chegar tarde às aulas e entrar na sala de forma barulhenta para que todos vejam o seu “poder” e como é a sua vontade que prevalece, mostrando que não se incomoda com possíveis repreensões dos professores. Se o professor o enfrentar e tiver para com ele sempre uma atitude de rejeição, de exclusão e intransigência, não conseguirá certamente fazer com que ele altere a sua atitude. Se pelo contrário, o professor o repreender sem grandes delongas e no final da aula conversar com ele, o souber ouvir e o souber cativar, por exemplo com a atribuição de uma tarefa específica na sua aula, poderá ter mais sucesso. Na aula seguinte o aluno poderá ainda ter a mesma atitude mas se o professor, perante os restantes colegas, insistir no ‘combinado’ e fizer questão que o aluno em causa assuma a tarefa/responsabilidade que o professor lhe atribuiu na sua aula, o orientar e no final da aula o elogiar pelo seu bom desempenho, é expectável que nas aulas seguintes o aluno comece a surgir na aula a horas e a entrar mais ordeiramente. O professor deverá então dosear os seus elogios, pois como referi, o aluno, sempre esperançoso pelo próximo elogio vai actuando de forma correcta esperando pelo elogio que entretanto ainda não surgiu. Claro que o professor não pode simplesmente deixar de o elogiar precocemente sob pena de ver voltar as suas anteriores atitudes. É importante que o professor não crie rotinas nos seus elogios, mas antes os torne inconstantes, para que os comportamentos se vão prolongando e se tornem os habituais.

Outra estratégia passaria também pela atribuição de uma recompensa através da qual que professor valorizaria e reforçaria a evolução positiva dos alunos em detrimento da ênfase nos aspectos negativos. Esta deveria ser aplicada a nível de escola, premiando a ‘maior subida’. No início do ano seria referido a todos os alunos da escola que, no final do ano, o aluno de cada turma que revelasse maior progressão, isto é, que no decorrer dos três períodos conseguisse superar todos os indicadores negativos quer a nível cultural e científico, quer em termos de atitudes e comportamentos, seria distinguido como a revelação do ano, recebendo uma recompensa a definir pela escola, e que poderia ser um montante em dinheiro em forma de vale, que poderia ser descontado em qualquer um dos serviços da escola, desde o bar, refeitório, papelaria, reprografia, ou em qualquer serviço exterior à escola, desde que adequado ao aluno. A escola teria previamente celebrado protocolos, por exemplo um cinema, um ginásio ou uma piscina locais. Com este incentivo, e porque algumas crianças e jovens necessitam de um incentivo para simplesmente efectuar ou completar uma tarefa, certamente alguns dos alunos ‘problemáticos’ iriam fazer um esforço para melhorar o seu desempenho.

Quaisquer que sejam as estratégias seguidas pela escola ou pelos professores nas suas aulas, elas terão de ser sempre multidimensionais. Como anteriormente referi, o combate ao *bullying* pode ser despoletado a três níveis: a nível de **escola**, de **sala de aula** ou mesmo **individual**, no contacto directo com os alunos. Todavia, é também necessário não esquecer que ele tem igualmente de ser multidireccionado - dirigido para as **famílias**, que podem ser elementos facilitadores na detecção, controlo e amenização das situações de *bullying*; para as **vítimas**, que são o elemento mais afectado e mais vulnerável; para os **bullies**, que apesar de no acto de *bullying* serem a parte mais forte, têm sérias fragilidades; e, finalmente, para as **testemunhas**, ou *bystanders*, que acabam por ser a maioria dos alunos da escola, e aqueles que têm maior poder para pôr termo à situação de *bullying*, que presenciam. Desta forma, todas as ideias, estratégias, planos e materiais usados pelo professor devem debruçar-se sobre os vários intervenientes.

Há uma grande variedade de recursos disponíveis, e com muita qualidade, para que os professores e as escolas possam combater o *bullying* através do currículo, desde filmes, vídeos, peças de teatro, poesia, contos, diálogos, imagens, cartoons, canções, histórias reais, artigos, entre outros, que podem ser facilmente encontrados online ou em literatura específica, da qual destaco BEANE, 1999; BREAKSTONE, DREIBLATT e DREIBLATT, 2009 e SHARP e SMITH, 1994.

As estratégias e materiais aí encontradas, bem como outras também válidas, criadas por qualquer um de nós, podem ser usadas para despertar uma consciência anti-bullying nos alunos, através da realização de inúmeras actividades de discussão e debate, de dramatização, escrita criativa, elaboração de *roleplays*, e até mesmo de partilha de histórias em grupo. Da nossa autoria ou de prestigiados escritores, o objectivo será sempre comum - a derrota do *bullying*.

4. Combater o *bullying* através do currículo

Como já foi largamente referido, para o combate ao *bullying* ser eficaz é necessário envolver toda a comunidade educativa, mobilizar professores e funcionários, envolver as famílias, apoiar as vítimas, mas também os *bullies* (que, de outra forma, mas também são vítimas), e incentivar as testemunhas a actuar, conduzindo todos estes intervenientes a uma mudança de atitude. Essa transformação pode ser iniciada e até mesmo conseguida dentro da sala de aula. Se o professor apostar na manutenção de um clima positivo e de respeito na sala de aula, criar empatia com os alunos, reforçando-a diariamente através do reconhecimento das capacidades dos alunos e da valorização das suas qualidades, em vez de acentuar os aspectos negativos, e souber levar para as suas aulas temáticas e materiais novos, surpreendentes, originais, com que os alunos facilmente se possam identificar ou pelos quais despertem curiosidade, a relação professor-aluno sairá muito mais fortalecida e o entusiasmo será recíproco. Com toda esta envolvimento será muito mais fácil para o professor conduzir os alunos para trilhos sem violência, agressão ou desrespeito. Se o professor for também visto como um amigo, um confidente, um ‘psicólogo’, será muito mais simples para as vítimas procurarem ajuda, e para os *bullies* reconhecer que os seus comportamentos são desadequados, e protagonizar a tão aguardada mudança. Para isso, o professor deve recorrer às imagens e às palavras, quer dando o melhor exemplo através do seu discurso ou das suas atitudes, quer recorrendo a materiais visuais e /ou literários cativantes, e sempre que possível portadores de uma mensagem.

O professor pode introduzir a temática com um exercício em que os alunos completam as definições inserindo os termos presentes, ou para níveis mais avançados, tentando adivinhar o termo que falta. O professor pode incluir tantos conceitos, quantos desejar, desde que aplicáveis ao tema. Em alternativa podem ser também usados exercícios de sopa de letras ou palavras desordenadas. (Ex. Figura 2)

Read the sentences and fill in the words.

Empathy	Intervene	Ridicule	Victim
Witness		Taunt	Bully

1. _____ - An individual who uses intimidation, strength, or aggression to try to control another person
2. _____ - An individual who suffers as a result of another's intimidation or aggression
3. _____ - to come in between to solve a problem or stop a negative behaviour or situation from continuing or occurring
4. _____ - An individual who views or knows of a problem, behaviour or situation
5. _____ - to insult or tease
6. _____ - the ability to put oneself in someone else's shoes; to understand the thoughts and feelings of another person.
7. _____ - to mock or make fun of another person's speech, mannerisms, and/or clothing.

Figura 2 - Exemplo de exercício sobre conceitos chave relacionados com o *bullying*

De seguida o professor pode promover uma discussão na sua aula, incentivando os alunos a expressarem as suas opiniões e emoções explorando questões como:

- ❖ *What is bullying?*
- ❖ *What causes people to bully each other?*
- ❖ *What are the effects of bullying behaviour on bullied pupils, on pupils who bully others and on bystanders?*
- ❖ *What can we do to stop bullying?*
- ❖ *How does it feel to be bullied?*
- ❖ *How does it feel to bully someone?*
- ❖ *What are the consequences of being bullied?*
- ❖ *What are the consequences of bullying others?*
- ❖ *What should you do if you are bullied?*
- ❖ *Do some individuals 'invite' bullying through their provocative way?*
- ❖ *Are some children who bully being victimised elsewhere?*
- ❖ *Do some social contexts actually encourage bullying? (ex hierarchical power misused)*

Figura 3 - Questões a explorar para promover na aula a discussão sobre o *bullying*.

Partindo desta discussão de ideias, o professor pode estimular os alunos a elaborarem trabalhos sobre o *bullying* no sentido de alertarem também a restante comunidade escolar ou mesmo a comunidade local, partilhando as suas ideias e descobertas. A turma é subdividida em grupos que abordam o tema em diferentes perspectivas e usando diferentes meios. O professor pode sugerir-lhes que colaborem no jornal da escola com a escrita de pequenos textos, poemas, reportagens reais ou ficcionadas, ou que imaginem que dirigem um jornal ou revista, e que vão fazer um número ou uma reportagem especial sobre *bullying*, onde devem inserir histórias, entrevistas com *bullies*, vítimas, testemunhas ou familiares, apresentar fotos, cartoons, ou até mesmo criar uma secção de factos, e de cartas para o editor. Preparar um vídeo documentário ou uma reportagem para a **rádio** da escola, produzir um **anúncio** para uma **campanha publicitária anti-bullying**, pensar num *slogan* ou *jingle*, criar um logótipo e elaborar **panfletos** ou **posters**. A abordagem à temática pode também ser feita através da **dramatização** e simulação de situações de *bullying* concretizadas através de pequenas **peças de teatro** ou **vídeos**. O professor pode também realizar um exercício em que os alunos, divididos em grupos, são convidados a **escrever um poema** sobre *bullying*, de carácter mais pessoal ou mais geral. A estratégia pode ser alargada a todas as turmas da escola, de preferência dos níveis mais avançados (por exemplo 10º, 11º e 12º), e concluído o processo de criação, os poemas seriam submetidos a uma eleição, em que os três mais votados, seriam **escritos/pintados** em colaboração com as aulas de Desenho ou Educação Visual, em **paredes da escola**, previamente e estrategicamente seleccionadas. Desta forma, todos os alunos estariam em contacto directo e diário com a temática, o que iria contribuir para o desencorajamento dos comportamentos de *bullying*. O professor pode apresentar como exemplo o seguinte poema, para que os alunos analisem, explorem e discutam as envolvências do *bullying*.



ME

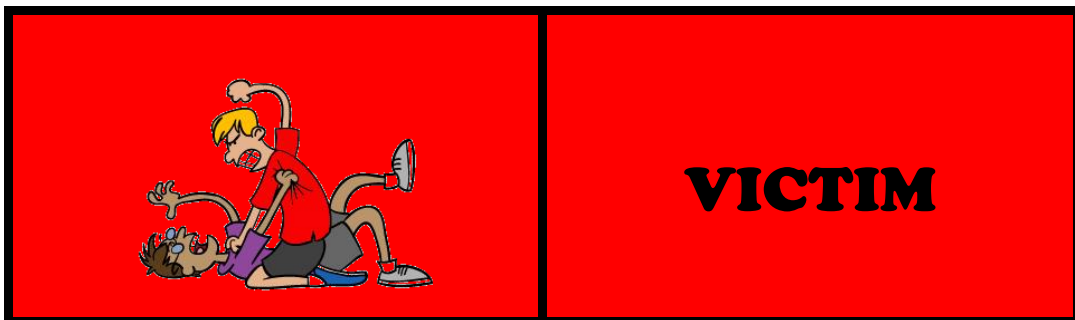
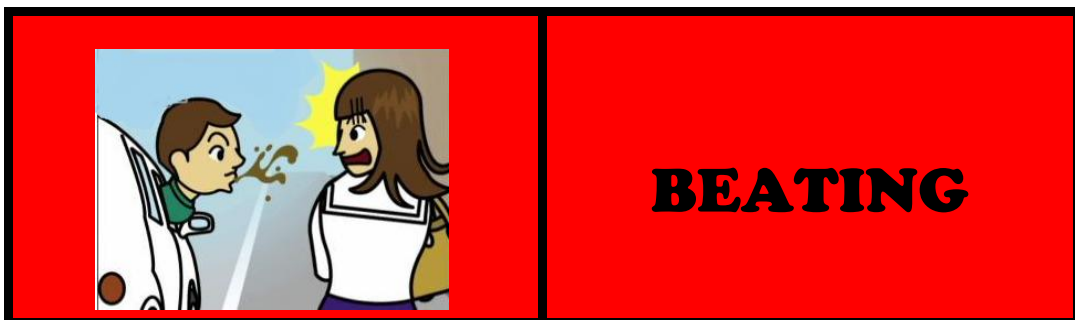
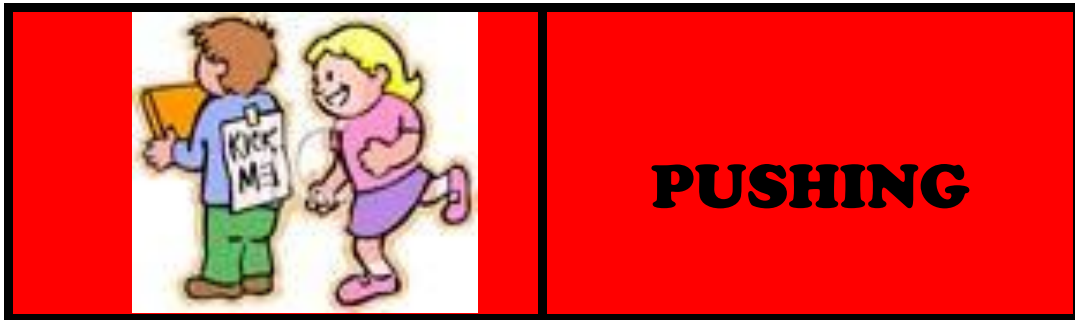
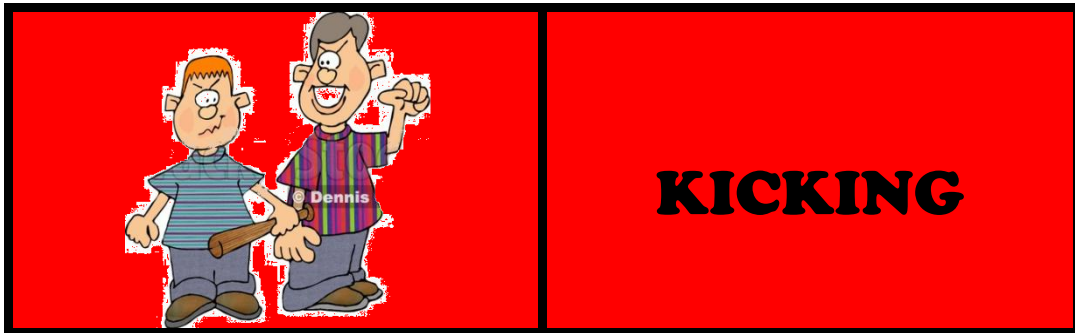
I used to think it great fun
Watching them pick on her
Being so bitchy
It must have really hurt
It used to be quite funny
Until I looked to see
That it wasn't her they were picking on
But this time it was me

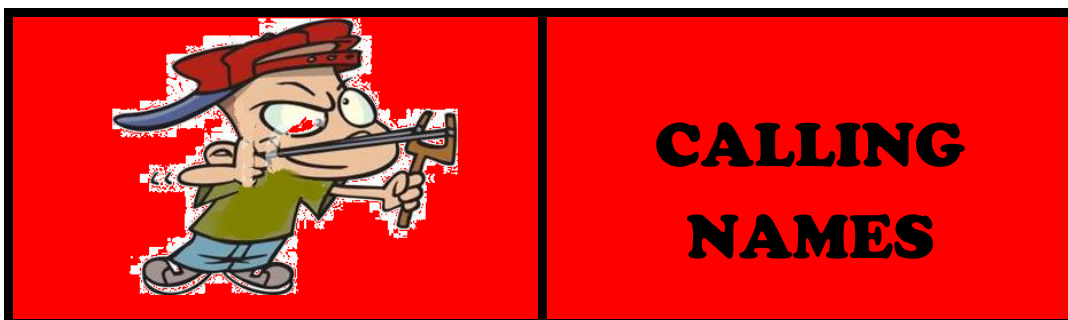
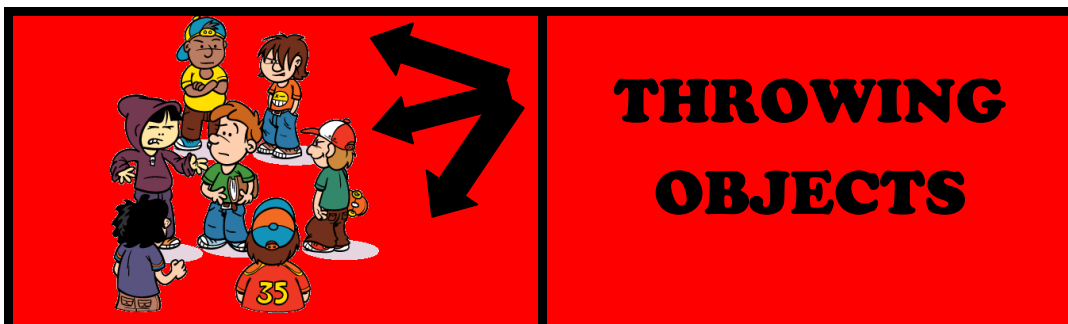
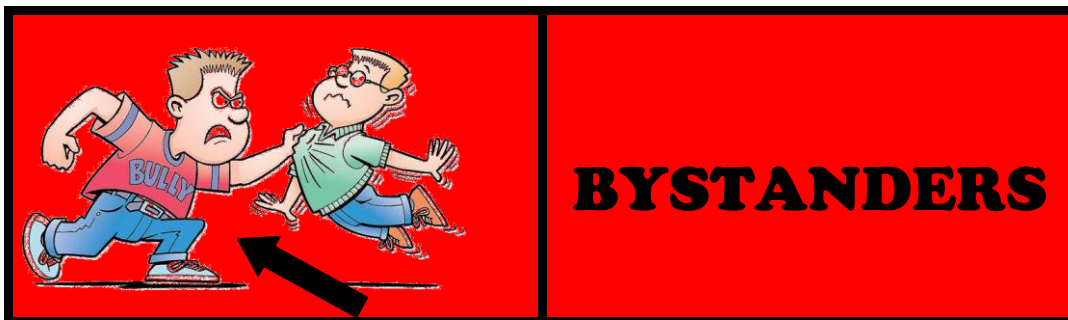
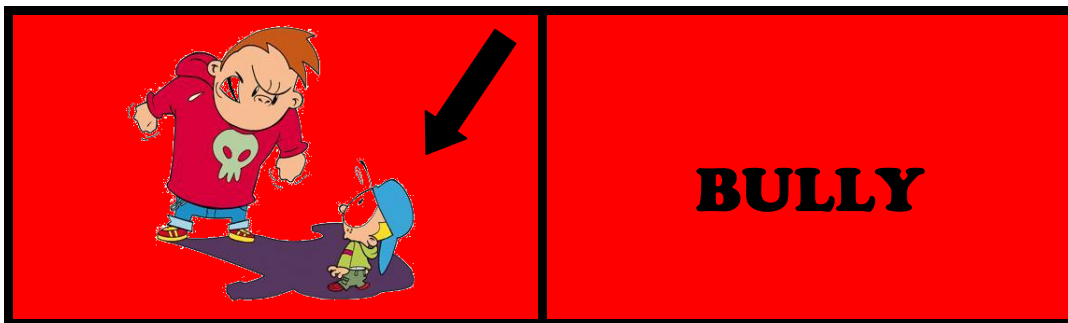
I wished I hadn't laughed now
Because it aches inside
The trouble that they cause me
Was far too much to hide
Now I know what it feels like
Being picked on time after time
I now know not to laugh at them
And that bullying is a crime*

Kathryn Bellamy

Figura 4 - Poema sobre *bullying* na primeira pessoa (in GLOVER, CARTWRIGHT e GLEESON, 1998; 140)

Após pequena reflexão sobre a temática é possível com qualquer turma, e de qualquer nível, realizar o seguinte **jogo de dominó**, que, para além da estratégia primordial que é alertar e sensibilizar para os contornos do *bullying* e suas consequências, pode servir como estratégia de expansão de vocabulário. Os alunos deverão agrupar as peças juntando sempre a imagem ao conceito adequado, e por fim, serem capazes de associar os dois grupos de imagens, distintos pela cor, a 'Bullying behaviours' e a 'Bullying Consequences'.







**SENDING
MEAN EMAILS
/MESSAGES**



THREATENING



FEAR



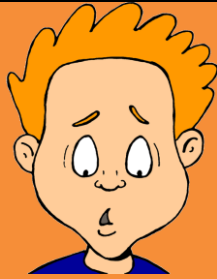
STRESS



SADNESS



ANXIETY



PANIC



HEADACHES



ISOLATION



**STOMACH
ACHES**

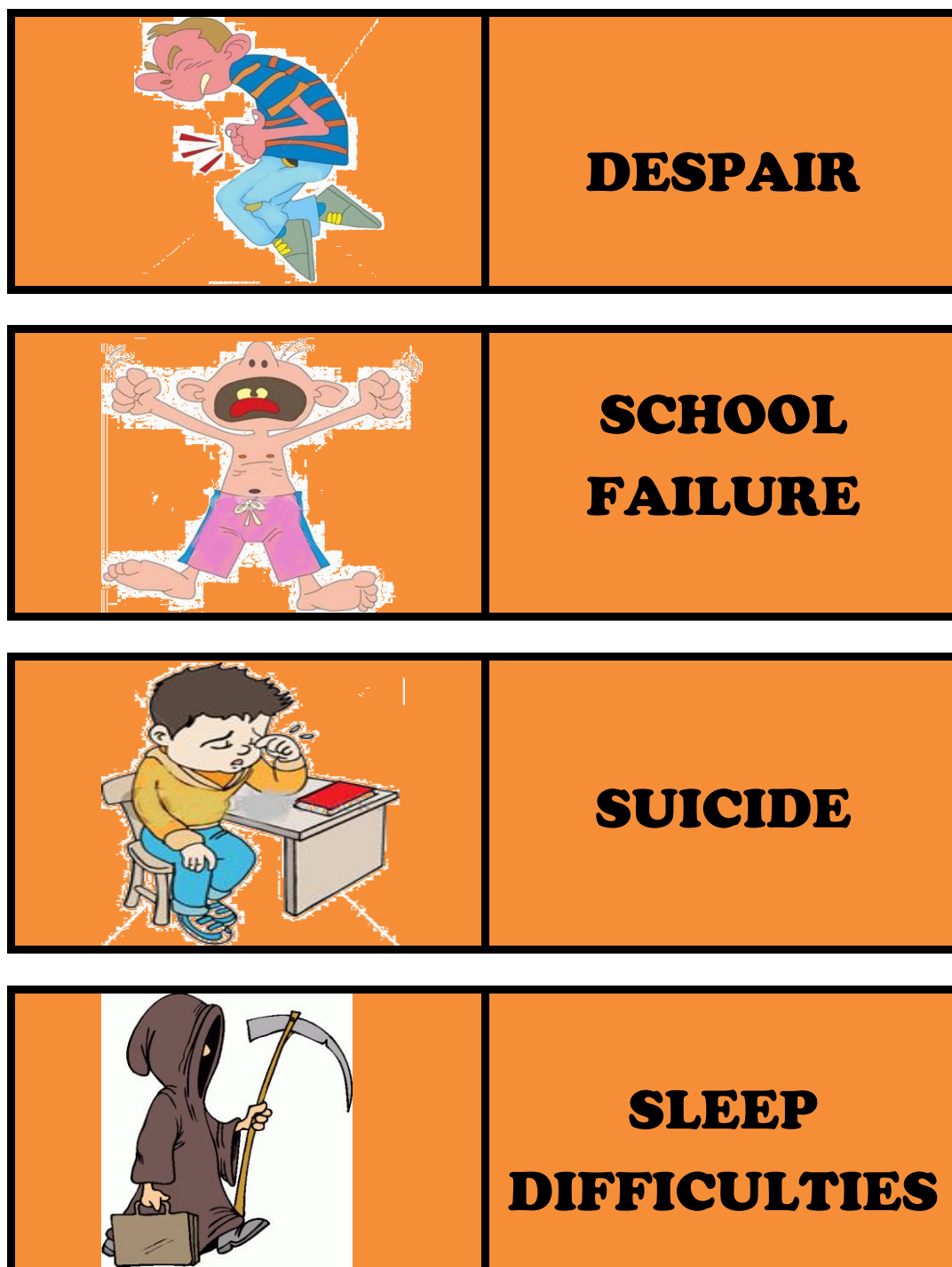


Figura 5 - Jogo de Dominó sobre bullying composto por 24 peças.

À medida que vão realizando as actividades ou os jogos apresentados, os alunos vão chegar à conclusão que o *bullying* tem por base a rejeição da diferença. E com a diferença vêm normalmente os desentendimentos que, por sua vez, trazem os conflitos. O professor pode então colocar no quadro a pergunta ‘What is respect?’, e aguardar pelos exemplos fornecidos pelos alunos. Nesta altura o professor prepara-se para treinar com os seus pupilos

a assertividade, fazendo-os compreender que ... **'We don't have to like everyone, but we do need to treat everyone with respect.'**

Enquanto vai escrevendo no quadro esta frase crucial, explica aos alunos que o conflito é não só parte integrante da vida escolar, mas também da vida social, e por isso, é importante que os intervenientes compreendam que em vez de partir para a agressão, ou acto de *bullying*, como forma de resolver esse conflito, devem antes 'confrontar-se', esgrimir argumentos, definir o problema, tentar conjuntamente solucioná-lo, apresentando ideias, pesando os prós e contras de cada uma delas, optando por aquela que respeite os direitos de ambas as partes e seja menos prejudicial. Se possível integrar também um plano B, para o caso da primeira estratégia não funcionar.

By its nature, friendship involves conflict. Students need to know that relationships of all kinds include conflict. Some people avoid conflict fearing that confronting the issue or a person will cause anguish, discomfort, or the end of a relationship. Many students do not realize that avoiding conflict may result in pent-up emotions, unhealthy choices, direct bullying, or social aggression. (BREAKSTONE, DREIBLATT e DREIBLATT, 2009; 17)

Com forma de treinar as competências de **resolução de conflitos** e conduzir os alunos ao diálogo e à cooperação, um professor pode apresentar um **leque de cenários** sobre os quais os alunos devem opinar e para os quais devem encontrar uma ou várias **soluções**. Para isso pode dividir-se a turma em grupos, em que cada grupo vai aleatoriamente escolher um cartão onde se apresenta o seu problema/conflito. Num primeiro momento, cada grupo debate primeiro entre si, tentando encontrar a melhor solução para o seu problema. Posteriormente, cada um dos grupos apresenta à turma o seu problema, propõem a sua solução e ouve as propostas de resolução dos outros grupos, sempre procurando que desses conflitos não resultem discussões, mal-entendidos, brigas, *bullying* ou agressão/exclusão social. Desta forma, toda a turma pode debruçar-se sobre várias problemáticas e com maior ou menor tempo tentar solucioná-las, ganhando algum espontaneidade, já que, na maior parte das vezes, os alunos, durante o seu percurso escolar, se deparam com situações conflituosas que têm de gerir e solucionar no momento.

Problem solving and conflict resolution are necessary skills in life - be it school, the community, or the workplace. For some, the concepts and skills of problem solving, conflict resolution, brainstorming, decision making, compromise, and sharing may seem easy and obvious. But these skills are not commonsense or obvious to everyone. (...) **The more often students practise solving real issues in a non-emotional setting, such as during class when conflict is not really occurring, the better the chance they will solve their problems and resolve their conflicts peacefully and respectfully in real situations.** (BREAKSTONE, DREIBLATT e DREIBLATT, 2009; 29)

Assim, apresentam-se os seguintes cartões que constituem o jogo 'Resolve conflicts', em que cada cartão apresenta uma situação problema que cada grupo deve procurar resolver sem recurso a agressividade ou violência.



Figura 6 - Jogo 'Resolve conflicts', composto por 11 cartões com situações problema.

E como dos desentendimentos e conflitos nasce sempre um misto de sentimentos, apresento a próxima actividade intitulada ‘How do you feel?’ que, mais uma vez permite rever ou ampliar o leque de vocabulário, ao mesmo tempo que visa despertar para os sentimentos que experimenta a vítima e o *bully*. Neste jogo cada aluno recebe dois ou mais pequenos cartões, consoante o número de alunos da turma, e à medida que os adjectivos vão sendo apresentados oralmente vão sendo agrupados em colunas de acordo com as suas características. Os alunos devem pensar no título para cada uma das colunas. Sugestão: ‘The victim is...’ / ‘The bully is...’ / ‘The victim should be...’ / ‘The bully should be...’

Angry	Isolated	Happy	Upset	Threatened	Annoyed
Open	Hurt	Frustrated	Sad	Shy	Inspiring
Friendly	Patient	Accepting	Disappointed	Provocative	Appreciated
Puzzled	Involved	Uncertain	Sympathetic	Shocked	Startled
Co-operative	Lonely	Warm	Confused	Shamed	Positive
Sensitive	Left out	Gentle	Frustrated	Secure	Terrified
Cold	Supportive	Creative	Loved	Self-blaming	Silly

Figura 7 - Jogo ‘How do you feel?’, composto por 42 pequenos cartões.

Se os conflitos nos despertam várias sensações e impulsos, é importante saber controlá-los, porque a nossa convivência em sociedade tem de se basear na assertividade, e a fúria não pode vencer.

Esta actividade pode ser realizada por exemplo aquando da aprendizagem dos *hobbies, leisure activities and sports*, e do verbo modal *can*, e o professor pode seguir o seguinte guião:

Anger is an unpleasant feeling, but it won't go away just because you try to ignore it. Ignoring anger builds up a lot of pressure inside your mind and body, which can be very unhealthy. The pressure may grow and grow until you say or do things that make the situation worse. Or, the pressure may grow and instead of blowing outward, it goes inward. Sometimes, when that happens, people get headaches, stomachaches, depressed, or skin problems. To avoid these problems, we have to feel the anger and still make good choices. Everyone is allowed to have their feelings, but they still have to be responsible for their behaviour. When we feel angry, we have to learn how to calm down so that we can make good choices. Some calming strategies include taking slow, deep breaths; taking a walk, going for a run, exercising, writing in a journal, listening to music, doing an energy-releasing activity or any other activity that helps get back a feeling of self-control. (adaptado de BREAKSTONE, DREIBLATT e DREIBLATT, 2009; 51)

Posto isto, parte-se para a actividade '**When I feel angry...**'. O professor explica que cada aluno vai receber um pedaço de papel onde está um balão de pensamento (Fig. 8), com três espaços em branco que devem ser preenchidos com actividades que permitam ao aluno recuperar a calma e a boa disposição. No final cada aluno lê a sua frase e todas as respostas podem ficar expostas na parede da sala. Durante a realização da actividade, se o professor se aperceber que há dificuldades de vocabulário vai apresentando os cartões coloridos com as sugestões de actividades (Fig. 9).

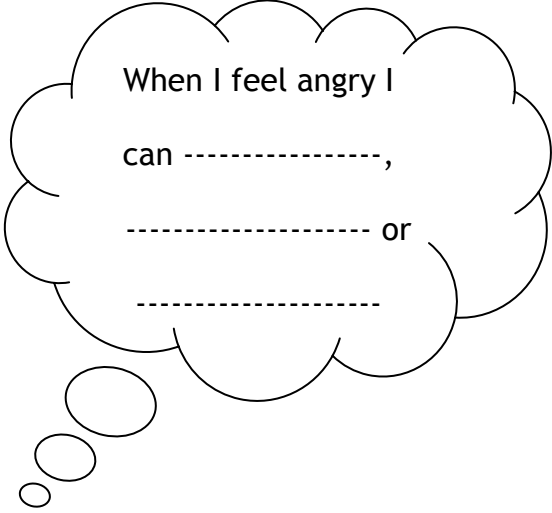
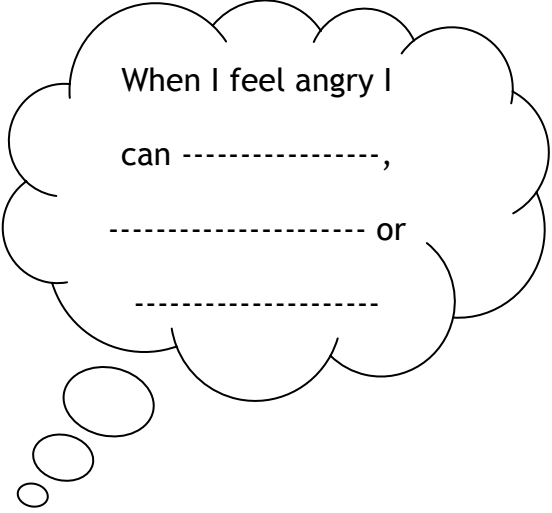
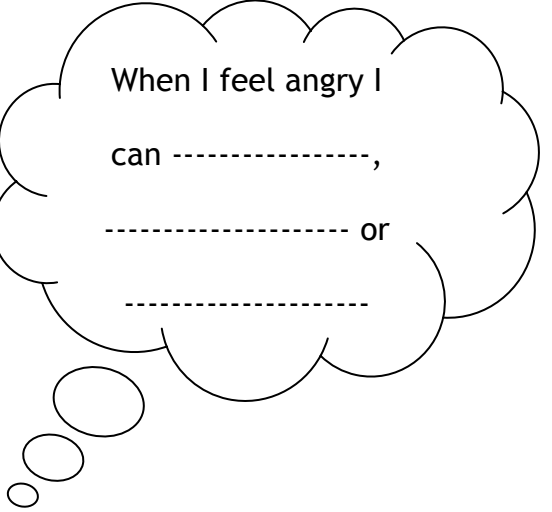
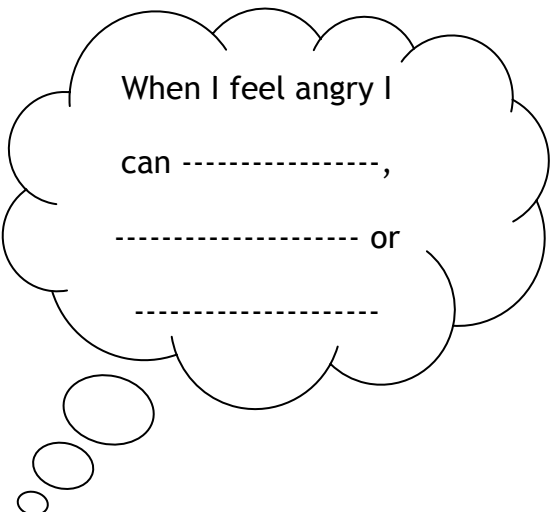
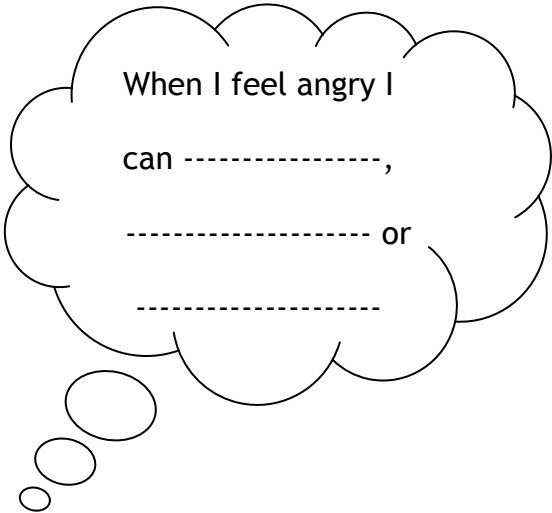
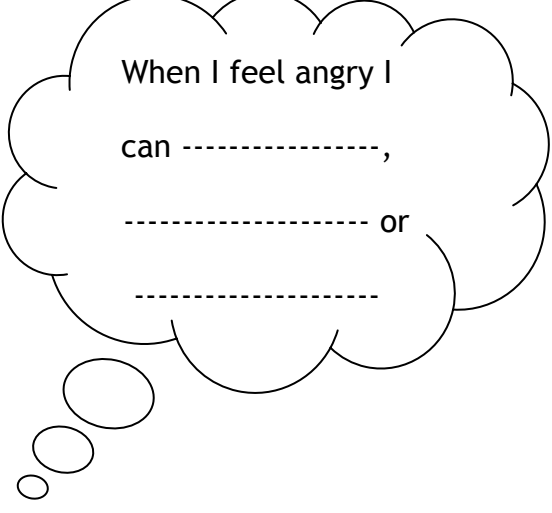
 <p>When I feel angry I can _____, _____ or _____</p>	 <p>When I feel angry I can _____, _____ or _____</p>
 <p>When I feel angry I can _____, _____ or _____</p>	 <p>When I feel angry I can _____, _____ or _____</p>
 <p>When I feel angry I can _____, _____ or _____</p>	 <p>When I feel angry I can _____, _____ or _____</p>

Figura 8-Balões de pensamento fotocopiáveis para realização do jogo 'When I feel angry...'

Baking	Basketball/ Football/ Handball/ Volleyball/ Tennis...	Dancing	Deep breathing	Drawing
Exercise/ Favourite hobby	Gardening	Golfing	Gymnastics	Hitting a punching bag
Kicking a ball	Lifting weights	Listening to music	Lying down	Meditating
Painting	Playing an instrument	Playing with pets	Playing video games	Reading
Running	Sculpting with clay	Sewing or knitting	Swimming	Taking a shower or bath
Talking to a friend/relative	Visualising	Walking	Watching TV	Writing in a journal

Figura 9 - Cartões do jogo ‘When I feel angry...’ com sugestões de actividades.

Como já foi amplamente referido, a assertividade é fundamental para uma convivência saudável quer na escola, quer em sociedade. No entanto, e quando falamos nos intervenientes em situações de bullying, não são as vítimas e os *bullies* os únicos que têm de aprender a ser assertivos. Também as testemunhas devem assumir os seus deveres e contribuir para o culminar da situação de bullying. “Assertiveness training education is important as a classroom instruction topic to reduce bullying behavior because it targets not

just victimized students. Rather, Assertiveness training is critical in developing witnesses' skills and creating attitudes toward the bullying behaviors of others that tend to reduce the incident of bullying." (BARTON, 2006; 69) "A bystander is a person who is present at an event without participating in it. Even though they are not participants, bystanders have a tremendous amount of power and influence, especially in regard to bullying. Along with the response of the target, it is the action or inaction of bystanders that will determine if bullying continues or ends. Research shows that most students do nothing about bullying they witness or know about unless there is serious danger. (...)"(BREAKSTONE, DREIBLATT e DREIBLATT, 2009; 109)

É então fundamental que as testemunhas se tornem activas, sem que se envolvam no acto de *bullying*, ou incentivem o *bully*, pois assim também elas estariam a cometer *bullying*. Devem antes dizer ao *bully* para parar, separar o *bully* da vítima levando-o para outro local, propondo-lhe por exemplo a realização de uma actividade desportiva, ou separar a vítima do *bully*, ajudando-a a sair do local. Se a situação se revelar deveras difícil e a testemunha considerar melhor não se envolver correndo o risco de piorar a situação, ela deve imediatamente dirigir-se a um adulto de confiança e reportar a situação dando informação detalhada sobre o que está acontecer, onde e com quem, ou pelo menos alertar para o que está a acontecer em determinado local. É importante que pelo menos o local seja identificado para que o adulto se possa deslocar lá e pôr fim à situação. Habitualmente, o *bully* tenta através de gestos, ameaças ou comentários demover ou mesmo impedir que as testemunhas denunciem a situação e procurem ajuda. No entanto, esta atitude não deve dissuadir as testemunhas de agir. Pelo contrário, elas deverão ser capazes de ter uma atitude heróica, demonstrando responsabilidade, bravura e qualidades nobres, que não lhe permitem coadunar com crimes ou situações em que alguém esteja a ser magoado, quer seja física, psicológica ou emocionalmente.

Por ser tão importante a intervenção das testemunhas, a próxima actividade, '**What should you do?**', coloca todos os alunos nesse papel, para que respondam imediatamente a uma situação com que se deparam. Mais uma vez o professor pode dividir a turma em grupos, distribui aleatoriamente os cartões, apresentando as situações problema a cada grupo, que tenta resolvê-las, e posteriormente, todas são apresentadas à turma e os vários grupos apresentam as suas propostas de resolução.

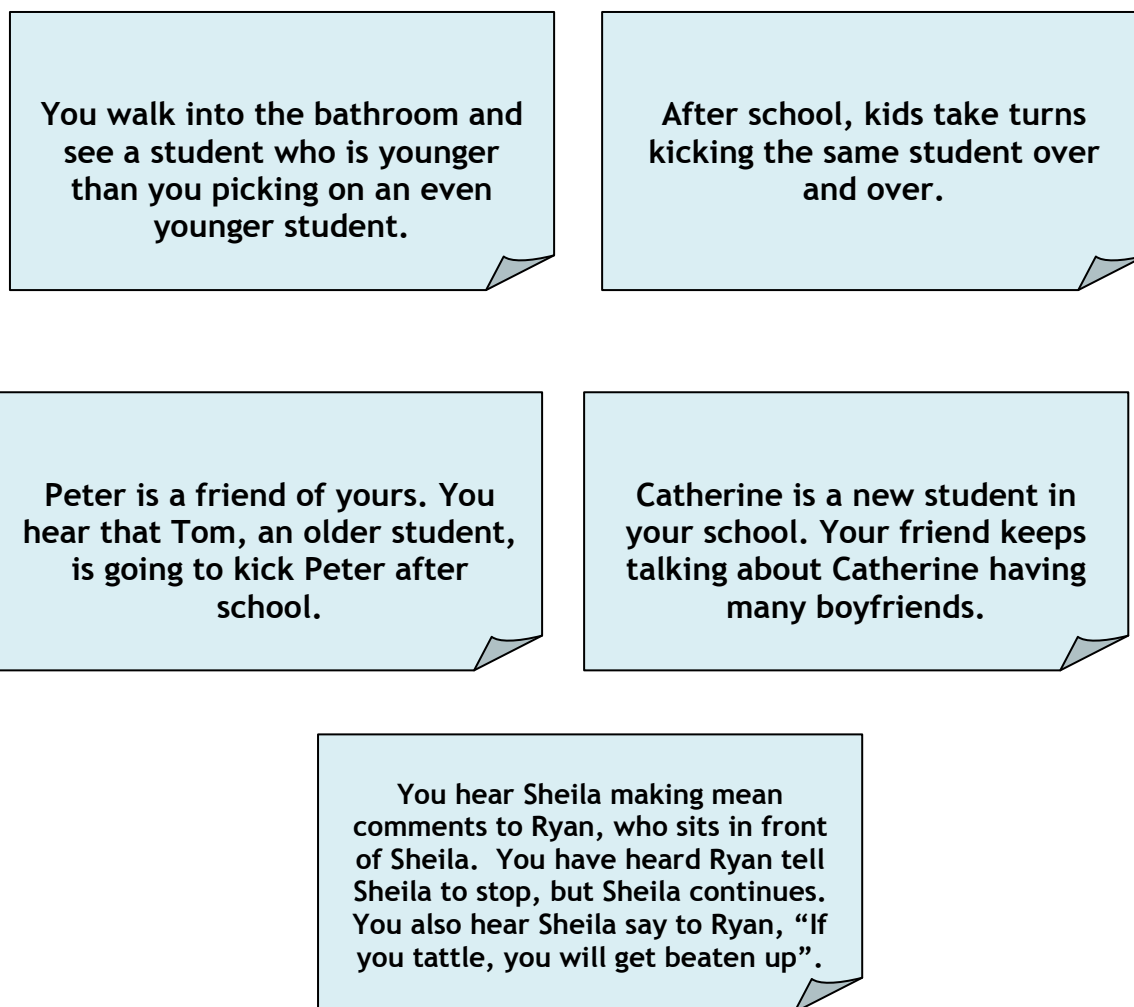


Figura 10 - Cartões do jogo 'What should you do?', com situações problema.

Também as **vítimas** devem merecer considerável importância já que são a principais lesadas. Por isso, torna-se imprescindível que saibam como agir, como procurar ajuda, o que devem fazer e o que devem evitar, o que devem dizer e o que nunca mencionar, e ao mesmo tempo, como se devem comportar.

O **silêncio** pode ser uma arma poderosa, pois um modo muito simples, mas eficaz, de conseguir parar o *bullying* verbal é ignorá-lo. A vítima deve continuar a desenvolver a actividade de que se ocupava, sem que verbalize ou exteriorize através de expressões corporais de que está incomodada. Não deve nunca começar a chorar ou fazer qualquer outro sinal que mostre que se está afectado. Mesmo que o *bully* de uma forma ainda mais agressiva continue a tentar importunar a vítima, esta deve resistir e permanecer com a sua estratégia de silêncio, continuando a ignorar o agressor, que com o decorrer do tempo se cansa ou se aborrece e pára o comportamento de *bullying*.

Se o acto de **ignorar** o *bully* não o demover das suas intenções, a vítima deve, de uma forma calma e sem mostrar sinais de perturbação, **afastar-se** do *bully* e desse local, o que não deve ser entendido como uma fuga, mas como uma forma de se retirar e pôr em segurança, mantendo toda a dignidade, já que a vítima mostra que não desperdiça o seu tempo com o *bully*.

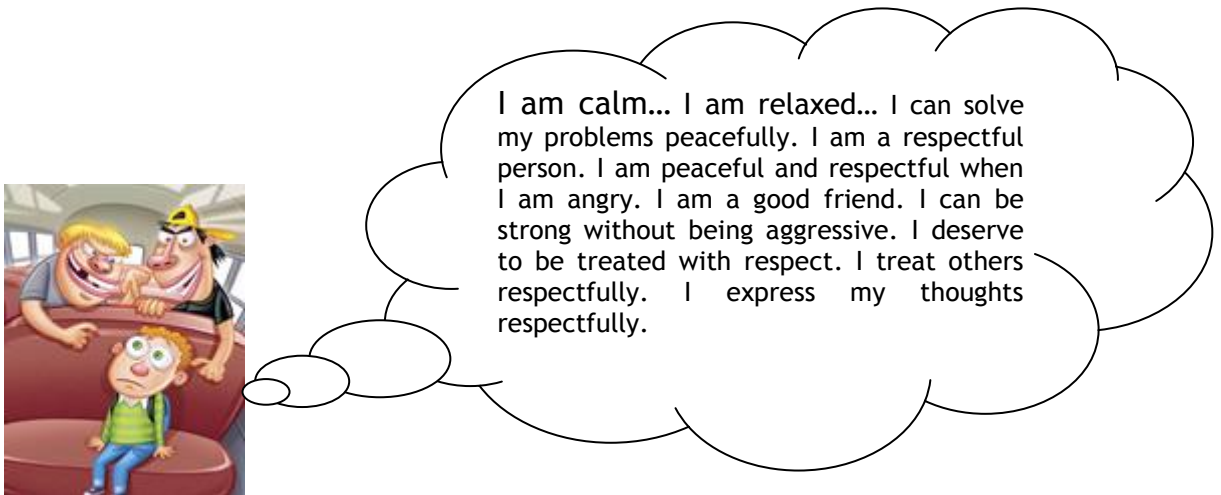
É possível que o *bully* ainda persiga a vítima durante algum tempo, balbuciando palavras ofensivas, mas se a vítima continuar a ignorá-lo e se afastar para uma zona frequentada, preferentemente por adultos que lhe podem garantir alguma protecção, rapidamente o *bully* desistirá dos seus planos.

Porém, há situações em que a vítima não pode, nem deve simplesmente afastar-se, o que pode ser visto pelo *bully* como um acto de fraqueza, potencialmente incentivando o agressor a persistir na sua agressão, que vê bem sucedida. Se uma criança ou adolescente é constantemente vítima de *bullying* não deve continuar a afastar-se sempre que é importunada. Nestes casos, a vítima, procurando manter uma posição resguardada, caso o *bully* tente atacá-la fisicamente, deve **dizer ao agressor que pare**, de uma forma firme, segura e assertiva, e num tom de voz forte e audível, sem no entanto gritar. Só depois deve afastar-se calmamente.

Apesar de uma situação de *bullying* envolver sempre tensão e nervosismo para a vítima, esta deve continuamente aparentar **estar calma, confiante e em controlo**. Para isso deve socorrer-se também do **contacto visual** (olhar o *bully* olhos nos olhos) e uma **linguagem corporal** que reitere e complemente aquilo que vai dizendo ao *bully*, para que a sua atitude seja mais convincente e consiga alcançar os efeitos desejados - o fim da situação de *bullying*.

Contudo, em muitos casos, as situações de *bullying* serão apenas interrompidas naquele momento para serem continuadas mais tarde, ou no dia seguinte, pois o *bully* pode continuar a perseguir a vítima quando ela estiver fora do alcance e protecção dos adultos. Assim sendo, para além de usar a estratégia de se afastar e dizer ao *bully* que pare, a vítima tem de acrescentar que se continuar a ser importunada, irá contar a um adulto. Com este aviso, o *bully* pode decidir parar com as agressões, mas se não parar, a vítima deve mesmo procurar um adulto de confiança para expor a situação, pois se o não fizer, o *bully* perceberá rapidamente que estava apenas a fazer bluff e dominará a situação. (BREAKSTONE, DREIBLATT e DREIBLATT, 2009)

As vítimas de *bullying* podem também usar a estratégia de repetição de **afirmações positivas** (como as reproduzidas em seguida), que para além de as ajudarem a não se isolar e a afirmar o seu estado de espírito, podem ajudar também os *bullies* a controlar os seus impulsos.



1. Assertively say stop and walk away.
2. Go to a trusted adult.
3. Ignore and/or walk away (walking away is not running away).

Figura 11 - Passos a seguir e frases estratégicas que a vítima deve dizer quando estiver a ser importunada.

Para conseguir a resolução dos conflitos e pôr cobro à situações de bullying a vítima deve ser capaz de controlar as emoções e procurar solucionar os problemas pacífica e respeitosamente.

Victims...	
<p><u>What not to do</u></p> <ul style="list-style-type: none">▪ Talk too much▪ Swear or curse▪ Insult▪ Put down or belittle the other person▪ Threaten or intimidate▪ Be sarcastic▪ Use words that hurt	<p><u>What to do</u></p> <ul style="list-style-type: none">▪ Say exactly what you mean or what you want▪ Keep your statements short and to the point▪ Use words and phrases such as, "In my opinion..."

Figura 12 - O que a vítima deve e não deve fazer numa situação de bullying

Quando o *bullying* já tiver sido abordado tendo em conta as atitudes dos seus intervenientes, nas diferentes perspectivas das vítimas, *bullies*, *bystanders* e restante comunidade, será mais fácil para o professor introduzir um material em que os alunos terão de revelar uma consciência crítica na sua abordagem, organizando por exemplo um **debate** sobre os procedimentos tomados ou a tomar. Este tipo de actividade pode desenvolver-se com base, por exemplo, no seguinte texto.

Debate

Problem: Physical aggression

Punishment: Multiple techniques

Dave was the strongest boy in his seventh grade class and enjoyed intimidating others with his physical superiority. In gym class, he would threaten to drown or dunk fellow students. On the playground, he would challenge others to fight with him. Because of his aggressive tactics, other students would sometimes cry hysterically and refuse to go to gym or out for recess. The teacher told Dave that he would be isolated every time he threatened a classmate (that is, removed from gym or recess). The students were told to “pretend Dave doesn’t exist” when they were challenged by him. If ignoring did not work on those occasions, they were then to shame him by saying in a nonbelligerent but firm way, “It wouldn’t prove anything if you did beat me up, because you’re so much bigger than I am. Why don’t you pick on somebody who is your own size?” To insure the continued use of appropriate assertive behavior, Dave was rewarded for his ability to move big boxes and tables around the classroom, his displays of strength in tug-of-war matches, and by assigning him the responsibility of enforcing the new promulgated class rule that bigger students are not to pick on smaller students. Through patient and constant application of this program, Dave gradually learned over the course of the school year when and where the use of his physical superiority was called for and uncalled for.

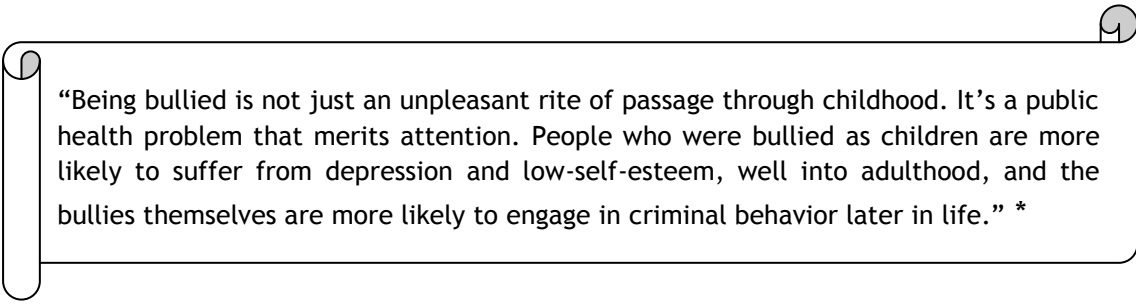
Comment: The successful of this case involved the combined use of several techniques - removal of rewards (time-out periods), inflicting pain (shame from peer group), and discrimination learning (rewarding assertive behavior in appropriate times and places).

Nota: Ficha elaborada com base em texto presente em CLARIZIO, Harvey F; *Toward Positive Classroom Discipline*, John Wiley & Sons, inc., USA, 1980 [1976]; 141



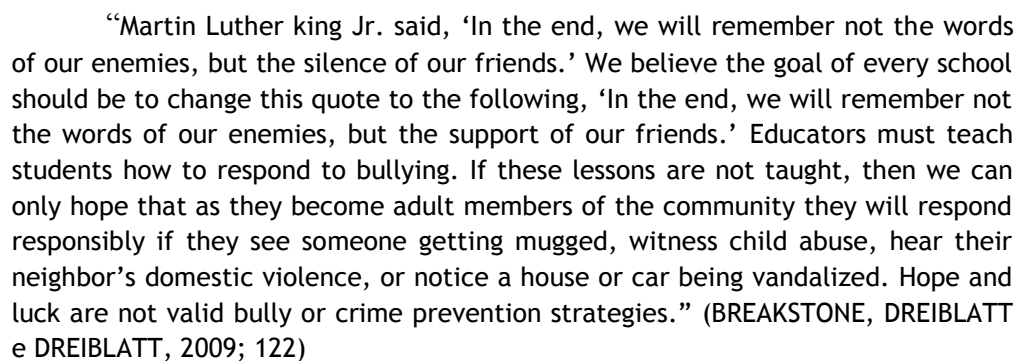
Figura 13 - Texto exemplificativo de uma situação de *bullying* para organização de um debate.

Nos níveis mais avançados, esse debate pode também ser despoletado através da **apresentação e comentário de citações**, a título de exemplo:



“Being bullied is not just an unpleasant rite of passage through childhood. It’s a public health problem that merits attention. People who were bullied as children are more likely to suffer from depression and low-self-esteem, well into adulthood, and the bullies themselves are more likely to engage in criminal behavior later in life.” *

* Duane Alexander, MD, director do National Institute of Child Health and Human Development, *National Institutes of Health News Release*, 2001; comunicação acessível em <http://www.nih.gov/news/pr/apr2001/nichd-24.htm> (consultado a 19/06/2010)



“Martin Luther king Jr. said, ‘In the end, we will remember not the words of our enemies, but the silence of our friends.’ We believe the goal of every school should be to change this quote to the following, ‘In the end, we will remember not the words of our enemies, but the support of our friends.’ Educators must teach students how to respond to bullying. If these lessons are not taught, then we can only hope that as they become adult members of the community they will respond responsibly if they see someone getting mugged, witness child abuse, hear their neighbor’s domestic violence, or notice a house or car being vandalized. Hope and luck are not valid bully or crime prevention strategies.” (BREAKSTONE, DREIBLATT e DREIBLATT, 2009; 122)

Figura 14 - Exemplificação de como as citações podem ser ponto de partida para um debate.

Seria também interessante que quando os alunos atingissem uma maior consciencialização face ao *bullying*, fosse proposta a uma turma de cada ano de escolaridade a elaboração de um **poster anti-bullying** com as suas ideias, em que se veiculasse uma mensagem forte, por exemplo, *‘In my class, we treat everyone with respect and kindness’*. Este depois ficaria exposto durante todo o ano lectivo em locais estratégicos da escola. Poderia também ser pedido aos alunos que eles próprios criassem um documento, também para ficar exposto, em que definissem os seus **direitos e deveres** na escola, em relação ao **bullying**, ou ainda um outro documento em que **alertassem toda a comunidade estudantil** para os traços comportamentais tanto de *bullies*, como de vítimas, incentivando ambos a pedir ajuda. Exemplos deste tipo de documento, que podem ser elaborados em português ou inglês, de acordo com o nível dos alunos e a extensão do público-alvo, são apresentados de seguida.

(Name of the school)

OUR SCHOOL DOES NOT ACCEPT BULLYING IN ANY FORM. REMEMBER THAT!

YOUR RIGHTS

As a member of this school you have the right:

- To live your life in peace and safety
- To get on with your work
- To be an individual and be proud of being different
- Not to be bullied
- To say 'no' firmly to anything you think is wrong
- To protect yourself by ignoring others and walking away
- To TELL a member of the staff if someone is making you unhappy

YOUR RESPONSIBILITIES

Our school expects you:

- Not to put up with any form of bullying
- To help to stop others bullying
- Not to be afraid to report bullying in any form - you will be supported
- Not to keep bullies' secrets - it might suggest you are supporting the bullying
- Not to put up with bullies in your group of friends
- To support other pupils who are bullied

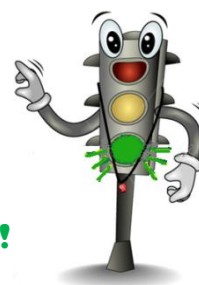
* (adaptado de GLOVER, CARTWRIGHT e GLEESON, 1998; 55)

Figura 15 - Modelo de um documento a criar pelos alunos com os seus direitos e deveres face ao *bullying*.

SE...

- ... te afastas com frequência de actividades, eventos ou situações que exijam contacto social;
- ... sentes frequentemente vontade de estar sozinho ou preferes estar isolado;
- ... sofres violência física, psicológica, emocional ou sexual na comunidade, na escola ou em casa;
- ... revelas pouco interesse pela escola e fraco desempenho académico;
- ... te sentes rejeitado, humilhado, ridicularizado, atormentado, perseguido ou frustrado;
- ... apresentas uma baixa auto-estima;
- ... continuamente ouves ou produzes música, textos escritos ou desenhos violentos fruto de uma raiva interior que só assim consegues controlar;
- ... continuamente revelas mau comportamento e indisciplina tanto na escola, como em casa;
- ... troças, ameaças ou maltratas os teus colegas;
- ... revelas comportamentos agressivos ou desviantes, que envolvam por exemplo, vandalismo, mentira, fraude ou roubo;
- ... demonstras intolerância para com as diferenças e um forte preconceito contra os outros devido à sua raça, etnia, religião, sexo, preferências sexuais, capacidades ou aspecto físico;
- ... pertences a um *gang* ou consumes álcool e drogas;
- ... possuis ou te fazes acompanhar por armas brancas ou de fogo;

PÁRA! **PENSA!** **PEDE AJUDA!**



**Podes estar a prejudicar o teu desenvolvimento e
a comprometer o teu futuro.**

Figura 16 - Modelo de um documento a criar pelos alunos em que se apresentam características tanto do perfil das vítimas como dos agressores, incentivando-os a pedir ajuda.

Tal como na última actividade apresentada, o professor pode, aquando da leccionação das *If-clauses*, realizar o jogo 'Natural Consequences' procurando alertar vítimas

e agressores para as consequências das suas atitudes. Este jogo pode ser realizado em duas versões. Numa, a versão *matching*, o professor apresenta os inícios e os finais das frases separadamente, e os alunos têm de estabelecer a ligação para chegar à frase final. Na outra versão, *completing*, os alunos são convidados a completar as frases com as suas próprias ideias. A adopção de uma ou outra versão fica ao critério do professor tendo em conta as capacidades da turma.

Natural consequences A

- ✚ If you intentionally break your classmates' school objects, you must...
- ✚ If you ridicule peers, your classmates will ...
- ✚ If you develop a reputation for stealing, you will ...
- ✚ If you constantly complain and criticize, the others will ...
- ✚ If you break borrowed supplies or don't return them, people will not ...
- ✚ If you constantly lie to your peers, they will not ...
- ✚ If you never smile or act pleasant, you will never ...
- ✚ If you hit others, you can't ...

Natural consequences B

- ... buy them new ones.
- ... laugh at you when you say something unpleasant.
- ... be the first to be blamed.
- ... avoid you.
- ... want you to borrow them again.
- ... trust you or believe you when you are telling the truth.
- ... be smiled back at or treated in a friendly way.
- ... make them like you.

Figura 17 - Apresentação do jogo 'Natural Consequences' na versão *matching*.

Porque o contacto com a **literatura** é também essencial numa aula de línguas, pode aliar-se esse facto à exploração da temática do bullying, e escolher livros que abordem essa problemática. “Literature and creative writing, like drama, offer young people the opportunity to develop a sense of themselves in different contexts and to experience new perspectives on how to relate to other people. Through their reading, writing and discussion about themes of personal and social concern, pupils can heighten their emotional responsiveness to the problem of bullying. They can learn more about the nature of the problem; they can identify motivation to bully within the characters; they can understand the immediate and far-reaching consequences of bullying behaviour (...)” (SHARP e SMITH; 1994; 72)

Podem, por exemplo, ser usadas qualquer uma das histórias de Teddy SLATER (2007), referidas na bibliografia, de entra as quais destaco, a título de exemplo, *Henry's Violin*, apresentando de seguida o guião com sugestão de abordagem e algumas actividades.

Previous activities

Ice breaker

What are you good at? What can you do well?

The pupils answer the questions, and state their preferences and their talents.

Brain-storming

The teacher displays the cover of the book and asks the pupils to comment on the picture and try to guess what the story is about.

The teacher uses the pupils' predictions to introduce some questions:

What is bullying?

When and where does it happen?

Have you ever been bullied or seen anyone being bullied?

How did you feel?

Reading - *Henry's violin*

After reading

What would you do if a big bully was chasing you?

Discussion - the teacher and pupils explore different ideas. Are there any common solutions? (ex. Tell an adult and ask for help)

Conclusions

I will not bully others.

I will help others who are being bullied.

I will include everyone, especially those who may feel left out.

I will tell an adult I trust when someone I know is bullied.

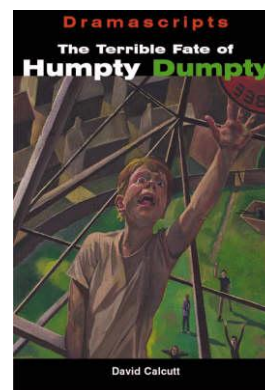
The teacher divides the class in four or five groups and invites the pupils to conclude the story in a positive way for Henry. The pupils are then challenged to act out their own ending.

The teacher can also propose the pupils to write their own stories, using the style they prefer (poem, narrative, comics, cartoons...)

Figura 18 - Sugestão de actividades sobre a leitura da história *Henry's Violin*.

Em níveis mais avançados, para além da análise e comentário de uma obra, o professor pode também incentivar os seus alunos à sua **dramatização**. “Drama is an important medium for enabling young people to become more socially aware. The skills of empathy and the capacity to understand another person’s perspective can be enhanced through the opportunity to explore situations within the safety of role-play. Drama is also an effective way for pupils to explore the emotions which are aroused by disturbing experiences such as being victimised or being a witness to someone else’s humiliation.” (SHARP e SMITH, 1994; 62)

Neste caso a minha sugestão para leitura e dramatização (de alguns excertos) pode ser *The Terrible Fate of Humpty Dumpty* de David Calcutt (1999), uma pequena peça acerca de um jovem rapaz que é vítima de *bullying* e continuamente atormentado pelo seu grupo de pares, que lhe chamam nomes. As situações de *bullying* atingem um crescendo culminando com a morte do rapaz.



<http://www.amazon.co.uk/Dramascripts-Terrible-Fate-Humpty-Dumpty/dp/0174325541>

Para além dos recursos escritos, também os auditivos podem ser considerados como um importante estímulo para a sensibilização dos alunos para a gravidade do *bullying*, conduzindo assim a uma alteração de comportamentos. Porque a **música** constitui um dos principais interesses dos jovens, as actividades com música podem conduzir a um maior envolvimento da turma, e assim alcançar melhores resultados. O professor tem um universo ilimitado de **canções** que pode escolher e também um **leque muito variado de actividades** que pode desenvolver com elas. Pode optar por reproduzir alguns segundos da música, tentando fazer com que os alunos reconheçam de que canção se trata, conduzindo depois a uma discussão sobre a sua temática e os problemas nela retratados. Pode retirar palavras à letra das canções e fazer um exercício em que os alunos fazem a audição da canção e completam as palavras em falta (que podem ou não ser facultadas). Pode também dividir a letra da canção em várias partes, baralhando-as e fazendo com que os alunos as coloquem por ordem à medida que escutam a canção. As estratégias podem ser várias, o importante é sim despertar para a problemática do *bullying*.

Sugiro então três canções, sendo que uma é apresentada em vídeo. A primeira, ***Ugly***, da banda **Sugababes**, que pode despoletar algum sentido de identificação por parte das vítimas de *bullying* e a consciencialização, também por parte dos *bullies*, de que ninguém é perfeito, todos temos qualidades e imperfeições, bons e maus momentos, períodos menos ou

mais felizes, mas o que importa é que todos se respeitem uns aos outros, aceitando as diferenças, já que todos têm direitos iguais.

Ugly, by Sugababes

When I was 7
They said I was strange
I noticed that my eyes and hair weren't the same
I asked my parents if I was OK
They said you're more beautiful
And that's the way they show that they wish
That they had your smile
So my confidence was up for a while
I got real comfortable with my own style
I knew that they were only jealous cos

People are all the same
And we only get judged by what we do
Personality reflects name
And if I'm ugly then
So are you
So are you

There was a time when I felt like I cared
That I was shorter than everyone there
People made me feel like life was unfair
And I did things that made me ashamed
Cos I didn't know my body would change
I grew taller than them in more ways
But there will always be the one who will say
Something bad to make them feel great

People are all the same
And we only get judged by what we do
Personality reflects name
And if I'm ugly then
So are you
So are you

People are all the same
And we only get judged by what we do
Personality reflects name
And if I'm ugly then
So are you
So are you

Everybody talks bad about somebody
And never realises how it affects somebody
And you bet it won't be forgotten
Envy is the only thing it could be

Cos people are all the same
(The same, the same)
And we only get judged by what we do
(What we do, yeah, yeah)
Personality reflects name
And if I'm ugly then
(Yeah, you)
So are you
So are you

<http://www.azlyrics.com/lyrics/sugababes/ugly.html>

**Figura 19 - Letra da
canção *Ugly*, das
Sugababes; Anexo
1 dos ficheiros áudio.**

A segunda peça de música, *Jeremy*, da banda *Pearl Jam*, é baseada na história de Jeremy Wade Delle, que se suicidou a 8 de Janeiro de 1991, aos 15 anos de idade, numa escola na cidade de Dallas, Texas, EUA. O trágico desfecho ocorreu dentro da sala de aula em frente de 30 colegas e da professora de Inglês, como forma de protesto pelos actos de perseguição que sofria constantemente e que inspirou Eddie Vedder, vocalista da banda. Esta canção, baseada num caso real, pode para além da sensibilização, trazer também alguma empatia. Na aula em que for abordada esta canção, o professor pode também apresentar um artigo de sobre a história de Jeremy.

***Jeremy*, by Pearl Jam**

At home, drawing pictures of mountain tops
With him on top
Lemon yellow sun, arms raised in a V
And the dead lay in pools of maroon below

Daddy didn't give attention
Oh, to the fact that mommy didn't care
King Jeremy the wicked
Oh, ruled his world

Jeremy spoke in class today
Jeremy spoke in class today

Clearly I remember pickin' on the boy
Seemed a harmless little fuck
Ooo, but we unleashed a lion
Gnashed his teeth and bit the recess lady's breast

How could I forget?
And he hit me with a surprise left
My jaw left hurtin', ooo, dropped wide open
Just like the day, oh, like the day I heard

Daddy didn't give affection, no
And the boy was something that mommy wouldn't wear
King Jeremy the wicked
Oh, ruled his world

Jeremy spoke in class today
Jeremy spoke in class today
Jeremy spoke in class today

Try to forget this
Try to erase this, from the blackboard
Jeremy spoke in class today
Jeremy spoke in class today

Jeremy spoke in, spoke in
Jeremy spoke in, spoke in
Jeremy spoke in class today

<http://www.elyrics.net/read/p/pearl-jam-lyrics/jeremy-lyrics.html>

Figura 20 - Letra da canção *Jeremy*, dos Pearl Jam; Anexo 2 dos ficheiros áudio.

Richardson teen-ager kills himself in front of classmates

By Bobbi Miller
Annette Nevins
Staff Writers of The Dallas Morning News

Tuesday, January 8, 1991

RICHARDSON - A Richardson High School sophomore, described as a loner who had been in counseling, fatally shot himself Tuesday in front of a classroom of about 30 students.

Jeremy Wade Delle, 16, who had transferred from a Dallas school, died instantly after firing a .357-caliber Magnum into his mouth about 9:45 a.m. police said.

Because he had missed class, the teacher in his second-period English class told Jeremy to get an admittance slip from the school office. Instead, he returned with the gun, police said.

He walked directly to the front of the classroom.

"Miss, I got what I really went for," he said, then placed the barrel in his mouth and fired, according to Sgt. Ray Pennington, a police spokesman.

The shooting occurred before the students or teacher **Faye Barnett** could react, said school district spokeswoman Susan Dacus-Wilson.

It stunned students and faculty members throughout the school at 1250 W. Belt Line Road.

Brian Jackson, 16, said he was working the combination on his locker just outside Jeremy's English class when he heard a loud bang "like someone had just slammed a book on a desk."

"I thought they were doing a play or something," he said. "But then I heard a scream and a blond girl came running out of the classroom and she was crying." Frightened, but curious, Brian looked into the classroom and saw Jeremy lying on the floor bleeding.

"The teacher was standing against the wall crying and shaking," Brian said. "Some people were standing around her holding her as if to keep her from falling."

Another student, **Howard Felman**, an 11th-grader, was in government class



Lisa Moore, 16, said she knew Jeremy from the in-school suspension program.

"He and I would pass notes back and forth and he would talk about life and stuff," she said.

She said Jeremy wanted to discuss the boy she was dating and also mentioned that he was having trouble with one of his teachers. He signed all of his notes, "Write back." But on Monday he wrote, "Later days."

"I didn't know what to make of it," she said. "But I never thought this would happen."

However, **Sean Forrester**, 17, remembered Jeremy as friendly with no outward signs of turmoil.

"He never looked like he had anything wrong with him. He always made a joke over everything," Sean said.

Jeremy was the son of Joseph R. Delle of Richardson, with whom he lived, and Wanda Crane. The couple divorced in 1979, according to Dallas County court records.

Mr. Delle could not be reached for comment. Ms. Crane, through a spokesman, declined to comment.

when he heard the shot. At first students joked about the noise, thinking that someone was playing around, he said.

"But then we heard a girl running down the hall screaming," he said. "It was a scream from the heart."

Sgt. Pennington said Jeremy apparently had given some thought to his actions because he left a suicide note with a classmate. Investigators would not disclose its contents.

Principal Jerry Bishop said Jeremy's class attendance had been sporadic. Mr. Bishop said he had met with the boy and his father to discuss the problem.

Police said that Jeremy had been in counseling with his father, but they did not know the specifics.

Sgt. Pennington said police did not know where the youth got the gun and had no clue why he would kill himself in a crowded classroom.

The classmates who witnessed the shooting were immediately ushered to a secluded room for counseling.

About 30 members of the school district's volunteer crisis team arrived to counsel students.

Classes continued throughout the day. Some students were allowed to leave early, but counselors encouraged them to stay at school and discuss their feelings.

Tuesday's shooting was the first known teen suicide in a Richardson school. It was the first by a Richardson student since 1988, when student suicides prompted the creation of the crisis intervention program in May that year.

Three Richardson students committed suicide during the first half of 1988. They included a sixth-grader and two sophomores at J. J. Pearce High School. One of the sophomores hanged himself from a tree behind Mohawk Elementary School during a weekend.

In 1985, a 17-year-old Arlington student shot himself in front of four fellow students in the drama classroom at Arlington High School.

Earlier, and outbreak of teen suicides in Plano, where eight youths killed themselves in 1983 and 1984, helped focus national attention on the plight of suicidal teen-agers.

Students and counselors agreed that the shock of Jeremy's public demise would have a lingering effect on the Richardson students, particularly the witnesses.

"They are going to go through a ton of sadness, anxiety and fear," said Sheryl Pender, a counselor with Willow Park Hospital in Plano and former director of the Suicide and Crisis Center in Dallas.

Staff writer Jeffrey Weiss contributed to this report.

<http://www.ssheps.com/jeremynew.htm>

Figura 21 - Artigo de Jornal sobre a morte de Jeremy Delle.

A terceira, *Wanda's Song*, dos *The Readings*, conta também as nefastas consequências do *bullying* nos adolescentes, já que conduz muitas vezes ao suicídio, também apelidado de *bullycide*. Para esta canção sugiro a apresentação em vídeo, com a letra, para que os alunos compreendam melhor a sua mensagem, ou com imagens, já que foi realizado um vídeo, que é usado nos programas escolares nos EUA para consciencializar os alunos.



Figura 22 - Aspecto do vídeo da canção *Wanda's song*, dos *The Readings*, com a letra; Vídeo 1 em anexo nos ficheiros vídeo.



Figura 23 - Aspecto do vídeo da canção *Wanda's Song*, dos The Readings, com imagens; Vídeo 2 em anexo nos ficheiros vídeo.

Como destaquei anteriormente, a música pode ser excelente recurso na aula de Inglês para referência ao *bullying*, já que para além de ser uma das preferências dos adolescentes, é um meio privilegiado para veicular mensagens e exteriorizar emoções. Assim sendo, o professor pode encorajar os alunos a **procurar canções** que também tratem deste **fenómeno**, ou propor-lhes um desafio ainda maior: pegar numa música conhecida e que facilmente seja reconhecida e criarem eles próprios uma letra para essa música, fazendo assim uma espécie de **hino anti-bullying**. O professor poderia exemplificar apresentando o seguinte vídeo informativo, intitulado *BULLYING ESCOLAR - Bigui Best*, que contém um rap original, que alguém anónimo decidiu compor e gravar para combater o *bullying*.



Figura 24 - Aspecto do vídeo informativo / rap *BULLYING ESCOLAR - Bigui Best*; Vídeo 3 em anexo nos ficheiros vídeo.

Porque vivemos na era da comunicação e da imagem, esse diz proverbialmente que 'uma imagem vale mais do que mil palavras', oferecem-se mais algumas sugestões úteis de vídeos, anúncios publicitários e/ou de campanhas anti-bullying.

Em primeiro lugar, uma entrevista ao Dr. Dan Olweus, percursos nos estudos do *bullying*, um vídeo intitulado *A Conversation with Dr Dan Olweus About the Olweus Bullying Prevention Program*, em que são sintetizadas as principais informações acerca do que é o *bullying*, onde ocorre, as suas causas, consequências, toda a sua envolvência bem como a necessidade de intervenção, e a descrição do **Olweus Bullying Program**.



Figura 25 - Aspecto do vídeo da entrevista *A Conversation with Dr Dan Olweus About the Olweus Bullying Prevention Program*; Vídeo 4 em anexo nos ficheiros vídeo.

Em segundo lugar, sugiro o vídeo *Bullied to death - They committed suicide because of bullying* realizado como tributo às vítimas de *bullying* que cometeram suicídio, e que é composto apenas por imagens de algumas dessas vítimas. A banda sonora é a música *Wanda's Song* previamente mencionada.



Figura 26 - Aspecto do vídeo *Bullied to death - They committed suicide because of bullying*; Vídeo 5 em anexo nos ficheiros vídeo.

Uma vez que falamos de suicídio, apresento agora um vídeo de uma **nota de suicídio**, intitulado isso mesmo, *Suicide note*, que apesar de ser **ficcional**, se baseia nos testemunhos reais deixados em bilhetes ou vídeo, pelas vítimas de *bullying*, e que ilustra bem o sofrimento por que uma vítima de *bullying* passa até chegar ao desespero final e à decisão de cometer suicídio.

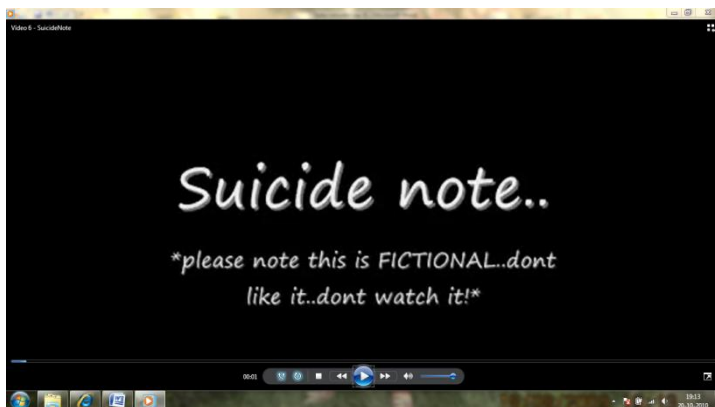


Figura 27 - Aspecto do vídeo *Suicide note*; Vídeo 6 em anexo nos ficheiros vídeo.

Seguidamente apresento dois anúncios televisivos, intitulados *I'm Being bullied* e 'Mom, Dad I'm Scared' que procuram incentivar as vítimas de *bullying* a pedir auxílio e simultaneamente alertar a comunidade em geral, e, os pais, e aqueles que mais de perto lidam com os adolescentes em particular, para que estejam alertas aos primeiros sinais e saibam entender os pedidos de ajuda das crianças e jovens, disponibilizando-se para os ouvir e ajudar.



Figura 28 - Aspecto do vídeo *I'm Being bullied*; Vídeo 7 em anexo nos ficheiros vídeo.



Figura 29 - Aspecto do vídeo 'Mom, Dad I'm Scared'; Vídeo 8 em anexo nos ficheiros vídeo.

Seguem-se três anúncios de campanhas publicitárias *anti-bullying*, que incentivam as vítimas a denunciar os seus agressores e a procurar ajuda, e encoraja também as testemunhas a agir e sair em defesa das vítimas. Estes vídeos são intitulados '*Who Will Stop This?*', *Anti Bullying ad* e *Anti Bullying Campaign Advert - Beat Bullying*, que usa figuras públicas para apelar à mobilização contra o bullying.



Figura 30 - Aspecto do vídeo '*Who Will Stop This?*'; Vídeo 9 em anexo nos ficheiros vídeo.

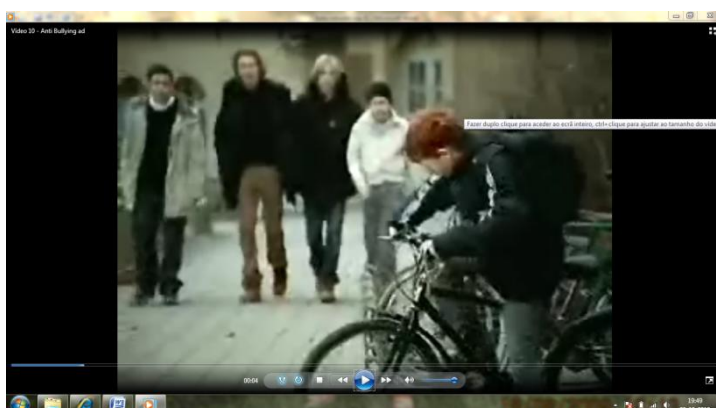


Figura 31 - Aspecto do vídeo *Anti Bullying ad*; Vídeo 10 em anexo nos ficheiros vídeo.



Figura 32 - Aspecto do vídeo *Anti Bullying Campaign Advert - Beat Bullying*; Vídeo 11 em anexo nos ficheiros vídeo.

Mais três vídeos, desta vez dois de campanhas publicitárias anti-cyberbullying, intitulados *Anti Cyber Bullying Commercial* e *Cyber bullying - Cinema Commercial*, que tal como os anteriores procuram sensibilizar a sociedade para as questões do *bullying*, neste caso no campo virtual, o denominado *Cyberbullying*; e um vídeo, intitulado *Cyber Bullying - Lets fight it Together*, em que uma vítima de *cyberbullying* conta para a câmara a sua história, esperando que o seu testemunho encoraje outros também a pedir ajuda.



Figura 33 - Aspecto do vídeo *Anti Cyber Bullying Commercial*; Vídeo 12 em anexo nos ficheiros vídeo.

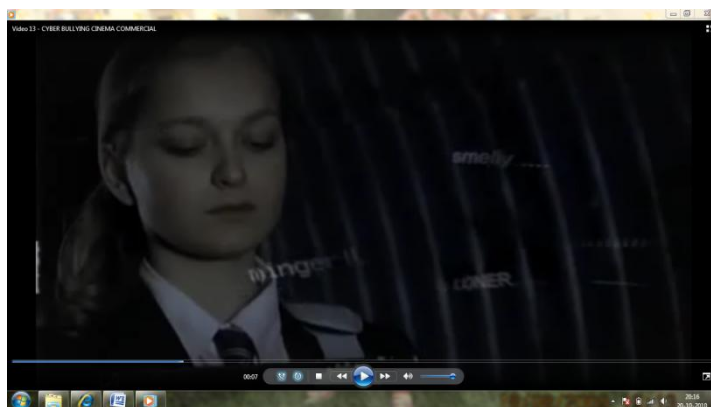


Figura 34 - Aspecto do vídeo *Cyber bullying - Cinema Commercial*; Vídeo 13 em anexo nos ficheiros vídeo.



Figura 35 - Aspecto do vídeo *Cyber Bullying - Lets fight it Together*; Vídeo 14 em anexo nos ficheiros vídeo.

Para finalizar esta secção de vídeos, deixei um anúncio publicitário intitulado ***Children See, Children Do***, que considero uma excelente produção, e que se dirige sobretudo aos adultos, incentivando-os a dar bons exemplos e a não ser agressivos, em suma a ser cidadãos de qualidade, respeitadores de si próprios, dos outros e do meio que os rodeia, não esquecendo que as crianças de hoje serão os homens de amanhã, e que elas são o reflexo das nossas acções e comportamentos.



Figura 36 - Aspecto do vídeo ***Children See, Children Do***; Vídeo 15 em anexo nos ficheiros vídeo.

Finalmente, o marcante vídeo intitulado ***LOOK AT YOURSELF AFTER WATCHING THIS***, em que um rapaz sem braços nem pernas dá o seu testemunho em escolas, mostrando que devemos ser felizes e aceitarmos como somos, respeitando-nos a nós e aos outros, sublinhando que mesmo sem membros ele consegue ter uma vida bastante normal. Este vídeo pode com certeza encorajar em todos uma mudança de atitude.



Figura 37 - Aspecto do vídeo ***LOOK AT YOURSELF AFTER WATCHING THIS***; Vídeo 16 em anexo nos ficheiros vídeo.

Não poderia deixar de referir também três filmes sobre *bullying*, *The ant bully*, *Big Bully* e *Bully* que em géneros e registos diferentes abordam a mesma temática. Ao seleccioná-los como estratégia anti-*bullying* dever-se-á ter em conta o tipo de alunos e o nível e as características da turma, por serem filmes mais violentos (sobretudo o último, apesar de se basear numa história real).

The ant bully - O rapaz formiga (2006)

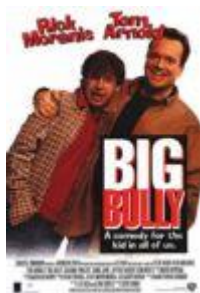


“This is the story of a ten-year-old boy named Lucas Nickle, who has just moved to a new neighborhood, has no friends, and is the target for the local bully and his gang. His parents are leaving for a honeymoon in Puerto Vallarta, so they are too busy to attend to his problems. His sister is distracted by her cellular phone, and the grandmother is obsessed with UFOs and aliens. Lucas is constantly being beat up by the obese yet intimidating neighborhood bully. Because he cannot fight back, he takes out his anger on an anthill in his front yard; He kicks it, stomps it, squirts it with his water gun, and floods it with a hose. This terrifies the ants, who call Lucas the Destroyer. One wizard ant, known as Zoc being a hopeful and adventurous type, is trying to solve this dilemma. He tries to devise a magic potion that he believes will solve all their problems. As the plan to shrink Lucas down to their size with a magic potion and forcing him to live like an ant within the colony--an astonishing new world opens up to him. Lucas learns, first-hand, the value of friendship and teamwork, ultimately leading the ants in an effort to save their colony from annihilation. And in the process, Lucas obtains the things he wants most: friends, companionship, acceptance and the courage to stand up for himself. <http://www.imdb.com/title/tt0429589/plotsummary>

Trailer: **Anexo 1** dos ficheiros film trailer ou
<http://www.youtube.com/watch?v=rrHD6OA68z0>

Big Bully (1996)

Genres: Drama, Comedy



David Leary was bullied by Rosco when he was in elementary school. But he got even on the day his parents moved out of town. Now twenty years later, David, who is a successful writer, is invited back to his home town to teach. Everything is great until Rosco, who is still in town, recognizes him. Now suddenly someone is playing mean practical jokes on him. Isn't David a little too old to be running to the Principal saying "Rosco's picking on me." ? <http://www.imdb.com/title/tt0115676/plotsummary>

Trailer: **Anexo 2** dos ficheiros film trailer ou
<http://www.youtube.com/watch?v=9MB0FQS5YTU&translated=1>

Bully - Estranhas Amizades (2001)



“After finding himself at the constant abuse of his best friend Bobby, Marty has become fed up with his friend's twisted ways. His girlfriend, a victim of Bobby's often cruel ways, couldn't agree more and they strategize murdering Bobby, with a group of willing and unwilling participants in a small Florida town. In the midst of their plotting, they find themselves contemplating with the possible aftermath of what could happen.”

<http://www.imdb.com/title/tt0242193/plotsummary>

Trailer: Anexo 3 dos ficheiros film trailer ou

<http://www.youtube.com/watch?v=d0y-CUdF8Ws&translated=1>

Finalizada esta secção de materiais e estratégias de intervenção na sala de aula de Inglês importa acrescentar que, em qualquer situação, antes ou depois de aplicar estes ou outros materiais, se o professor quiser apreciar os conhecimentos dos alunos sobre *bullying*, o que é para eles *bullying* e o que não é, ou quiser conhecer a frequência da ocorrência dos comportamentos de *bullying* na sua escola, pode aplicar um questionário aos alunos. Preferentemente o questionário é de escolha múltipla e anónimo, para garantir a confidencialidade da informação e para que os alunos sejam o mais honestos possível, usando-se habitualmente o *Olweus Bully/Victim Questionnaire* (1996, revisto) ou outras versões nele baseadas. No entanto, qualquer professor pode elaborar a sua versão e propô-la à direcção da escola. A aplicação de um questionário é mesmo desejável, já que ele pode auferir os progressos alcançados no combate ao *bullying* e direccionar futuras intervenções. “Measuring levels of bullying is a useful and worthwhile way to begin your anti-bullying work. You can be more accurate in understanding bullying behavior in your school and more precise when intervening. By repeating the measurement at regular intervals you will know how successful you have been in tackling the problem.” (SHARP e SMITH, 1994; 18)

Nas aulas, alunos e professores poderão falar sobre o que é o *bullying* e caracterizar o fenómeno, (d)escrever atitudes que observaram ou de que foram vítimas e que podem ser consideradas *bullying*, os locais onde ocorreram, quais as motivações que desencadearam tal comportamento, quais as medidas a ser tomadas para minorar ou acabar com o problema: “Careful evaluation of anti-bullying initiatives is essential. Administrators must determine the effectiveness of the various components of their programming so that they may continue with successful techniques and modify those that are not working as well. (...)” (BARTON, 2006; 101)

Em suma, todos os recursos e materiais (desenhos, textos, poemas, imagens, *clips* de vídeo, relatos na primeira pessoa...) serão válidos para despoletar a conversa, despertar os alunos e mentalizá-los de que a agressividade e vitimização de pares não é um comportamento aceitável.

Para além dos recursos aqui apresentados, muitos outros há no universo da Internet, das comunicações orais e escritas que poderiam ser usados em qualquer aula como forma de alertar e desencorajar comportamentos de *bullying*. Todos nós podemos ter dentro de nós um pouco de Dan Olweus ou Allan Beane; basta para isso termos o gosto, a disposição e a disponibilidade, e também um pouco de imaginação e criatividade, que nos permitam procurar ou mesmo conceber materiais atraentes, que irão certamente ‘agarrar’ os nossos alunos e torná-los melhores cidadãos do mundo. De qualquer forma, espero que as estratégias e os materiais aqui apresentados possam ajudar os alunos a desenvolver competências que lhes permitam ter relacionamentos equilibrados tanto na escola, como em sociedade e assim contribuir para a derrota dos comportamentos de *bullying*.

Capítulo III

1. Relatos de uma pequena intervenção

Não poderia ficar satisfeita comigo mesma ou com o meu trabalho, se não pudesse pôr em prática os conhecimentos que adquiri com a realização deste trabalho e aplicar algumas das estratégias e materiais que tão carinhosamente concebi ao longo destes últimos meses.

Neste sentido, contactei a direcção da Escola Secundária Frei Heitor Pinto, na Covilhã, a minha escola enquanto aluna e a *minha* escola de coração, e propus-me aplicar um questionário sobre bullying e leccionar uma aula com alguns desses mesmos materiais. Não posso deixar de referir a amabilidade e disponibilidade com que fui recebida, não tendo sido impostas quaisquer restrições ao meu trabalho.

Desta forma, e por limitações temporais, uma vez que o ano lectivo 2010-2011 iniciou em meados de Setembro e teria de fazer a minha intervenção nas primeiras semanas de aulas, a tempo de incluir as minhas conclusões neste estudo, ficou acordado que aplicaria o Questionário *Bullying na Escola - O que sabemos e podemos fazer* (elaborado por mim) e leccionaria uma aula a uma turma de 8ºano, sobre a mesma temática.

Assim sendo, no dia vinte de Setembro de 2010, vinte adolescentes do 8º B aguardavam uma aula diferente. Quero acrescentar que, embora eles soubessem que iriam ter uma presença diferente na aula, por iniciativa minha, não tiveram conhecimento do motivo ou temática que iria ser abordada. Considerei que assim, as suas cabeças estariam ‘formatadas’ e as suas respostas seriam mais espontâneas.

Iniciei a aula com a aplicação do questionário em cima referido (e que pode ser encontrado no Anexo 6), ao qual os alunos responderam individualmente e em silêncio. Após a sua conclusão, interroguei os alunos sobre qual a temática nele abordada ao que em unísono me responderam, *bullying*. Então perguntei-lhes o que era o *bullying* e se naquela escola existiam esses comportamentos. As respostas foram indicando ‘bater’, ‘ser violento’, ‘fazer mal’, afirmando alguns que não havia bullying na escola. É de tomar nota que ninguém afirmou a sua existência.

Seguidamente, e após uma pequena reflexão sobre o bullying e as suas envolvências, introduzi o *powerpoint* (ver Anexo 0 dos ficheiros vídeo) por mim concebido e que sintetiza as principais informações relativas ao bullying, e que constitui mais um material passível de ser usado em qualquer aula de Inglês para abordar esta temática.

Todos os elementos da turma estiveram sempre atentos e participativos, foram identificando os famosos que lhes iam surgindo nas caricaturas e ficaram admirados ao descobrir que também eles tinham sido vítimas de *bullying*. Os alunos foram colaborando nas actividades e chegando às palavras e frases que eu procurava que eles dissessem. Aquando da

leitura da “Kelly’s story”, o espanto dominou os rostos e expressões daqueles adolescentes. Ficaram estupefactos pelas atrocidades cometidas para com a pobre menina e, com o facto de ela se ter suicidado. Havia elementos na turma que não sabiam que o *bullying* podia conduzir ao suicídio. Esta observação deixou-me completamente surpreendida, pois não estava à espera dessa reacção, tendo em conta que o caso do suicídio de Leandro, no início do corrente ano foi amplamente divulgado, e ultimamente tem-se falado mais em *bullying* em Portugal.

Na fase final da aula, após ter terminado as actividades com o *powerpoint*, apelei à sua intervenção na escola, enquanto alunos que possivelmente se cruzam com situações de *bullying*, encorajei-os a sensibilizar também os colegas e propus-lhes o meu desafio final. Expliquei-lhes que o 8ºB tinha sido a turma seleccionada de entre todas as da escola, para conduzir a minha campanha “Stop Bullying”, (referida como estratégia de intervenção no capítulo II). Assim, eles pertenceriam à primeira turma de zeladores na escola, e cada um deles, se assim o desejasse, colocaria a braçadeira, que eu tinha para lhes facultar, e que manteria no braço durante todo o tempo que estivessem na escola. A sua função? Alertar toda a escola para o *bullying*, intervir sempre que presenciassem ou soubessem de situações de *bullying*, comunicar aos professores sempre que vissem situações mais graves, enfim, zelar por um ambiente positivo, pelo bem-estar da escola, por uma escola sem *bullying*. Posto isto, a sua primeira reacção foi olharem uns para os outros, envergonhados, mas logo de seguida, um a um, todos foram levantando o braço e solicitando a braçadeira, e colocando-a de imediato no braço, sem eu pedir sequer. Dos vinte presentes, apenas uma menina não quis participar na campanha e não pediu a braçadeira. Porém, a reacção global deixou-me muito feliz, superou mesmo as minhas expectativas, pois com esta idade, os adolescentes não alinham facilmente em qualquer sugestão, e para esta iniciativa revelaram uma grande adesão.

Por tudo isto, e porque os alunos afirmaram logo ter gostado muito da aula, faço um balanço positivo desta intervenção. Acrescento apenas que a minha oferta à escola foi de 25 braçadeiras, pelo que as restantes seis foram entregues na direcção, para que posteriormente, se outras turmas maiores quiserem continuar com a campanha (assim o espero), o possam fazer.

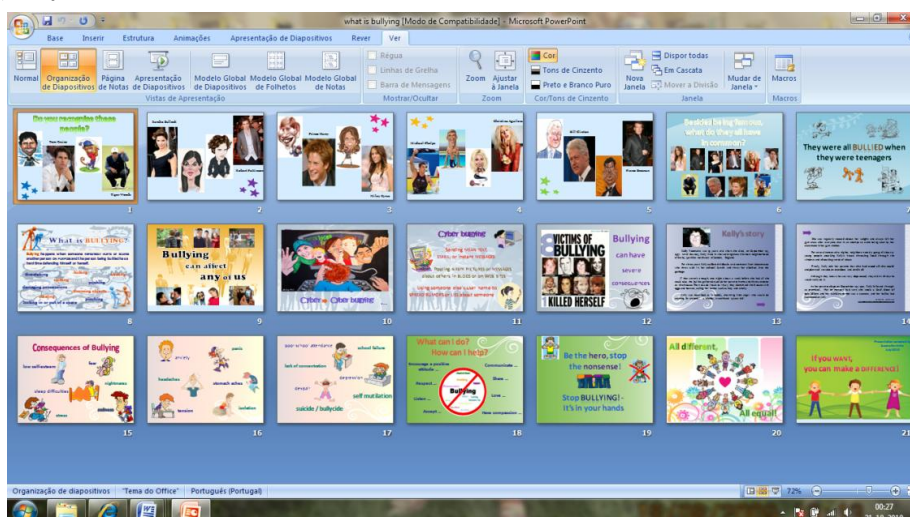


Figura 38 - Aspecto geral do *powerpoint* *What is bullying?*; Anexo O nos ficheiros vídeo.



Figura 39 - Aspecto da braçadeira entregue aos alunos para darem seguimento à campanha *STOP BULLYING*





Figuras 40-46 - Fotos ilustrativas da aula leccionada na Escola Secundária Frei Heitor Pinto

2. Resultados da análise do Questionário *Bullying na Escola - O que sabemos e podemos fazer*

Como referi no início deste capítulo, o questionário *Bullying na Escola - O que sabemos e podemos fazer* foi aplicado a vinte alunos de uma turma do 8º ano da Escola Secundária Frei Heitor Pinto, na Covilhã. Este pequeno questionário está organizado quatro partes, sendo que a primeira recolhe algumas informações de carácter individual - ‘o eu na escola’; já na segunda, procura-se obter a impressão do aluno sobre o *bullying*; na terceira, reconhecer se o aluno é vítima de *bullying*, e por fim, na quarta e última parte, se ele revela propensão para ser *bully*.

Importa referir que dos vinte alunos que responderam ao questionário, oito são rapazes e doze raparigas. Se considerarmos a questão etária apercebemo-nos que a maioria tem 13 ou 14 anos, o que reflecte o percurso escolar normal.

Tabela 1 - Idades dos alunos que responderam ao questionário

Idade	Rapazes	Raparigas	Total
12	1	---	1
13	4	3	7
14	1	7	8
15	1	1	2
16	1	1	2

Se considerarmos a pergunta 4 do questionário, em que os alunos qualificam como é para eles estar na escola, verificamos que a maioria se sente bem na escola, e que apenas 3 referem muito bem, ao passo que 4 referem razoável.

Tabela 2 - Como é para os alunos estar na escola.

	Rapazes	Raparigas	Total
muito bom	2	1	3
bom	4	9	13
razoável	2	2	4
mau	---	---	---
péssimo	---	---	---

Através da pergunta 5 ficamos a saber que o **relacionamento na turma é bastante bom** para parte da turma, mas para seis alunos é apenas razoável e para uma é mesmo mau, o que indica que há ainda algum trabalho a fazer nesta turma, no campo das relações humanas.

Tabela 3 - Como é para os alunos o relacionamento com os colegas de turma

	Rapazes	Raparigas	Total
muito bom	4	1	5
bom	3	5	8
razoável	1	5	6
mau	---	1	1
péssimo	---	---	---

Quando na pergunta 6 se questionam os alunos sobre a forma **como são tratados** pelos **colegas de escola**, as respostas melhoram um pouco já que a grande **maioria** diz ser **bem** tratada, apenas duas alunas referem razoavelmente e ninguém refere mal.

Tabela 4 - Como são os alunos tratados pelos colegas de escola.

	Rapazes	Raparigas	Total
muito bem	2	2	4
bem	6	8	14
razoavelmente	---	2	2
mal	---	---	---
muito mal	---	---	---

Relativamente à questão das **amizades**, na pergunta 7, a grande parte dos alunos refere que tem **muitos** ou **bastantes** amigos, sendo que seis mencionam ter apenas alguns.

Tabela 5 - O grupo de amigos dos alunos.

	Rapazes	Raparigas	Total
muitos amigos	3	5	8
bastantes	3	3	6
alguns	2	4	6
poucos	---	---	---
muito poucos	---	---	---

Quando na pergunta 8 foram interrogados sobre o que é para eles **bullying**, os alunos referiram ‘tratar mal’, ‘bater’, ‘insultar’, ‘chamar nomes’, ‘violência verbal e física’, ‘pancadaria’, ‘ameaças’, ‘desrespeito pelos colegas’, ‘perseguir’, ‘fazer pressão’ ou ‘roubar dinheiro ou telemóvel’. De referir que uma aluna e um aluno não responderam.

Já na questão 9, todas as raparigas afirmaram **falar ou ouvir frequentemente falar sobre bullying**, ao passo que dois dos oito rapazes afirmaram o contrário. Mesmo assim considero que são resultados bastante positivos, já que só dois em vinte alunos declaram não falar ou ouvir falar de bullying com regularidade.

Quando se lhes pergunta onde costumam **ouvir falar** desse tema ou **conversar** sobre ele, a maioria responde na **escola**, sendo que os meios de comunicação social são também referenciados por metade da turma.

Tabela 6 - As formas de contacto dos alunos com a temática do *bullying*.

	Rapazes	Raparigas	Total
em casa	1	3	4
na escola	5	10	15
com os amigos	---	4	4
na Internet	5	1	6
na TV, rádio, jornais...	5	5	10

De seguida, na pergunta 11, apresentavam-se dez situações aos alunos para que decidissem se eram ou não consideradas **bullying**, e grande parte deles não conseguiu reconhecer que se tratava sempre de **bullying**. Se tomarmos como exemplo a situação nº 2, verificamos que apenas duas raparigas em doze, e quatro rapazes em oito, isto é seis alunos em vinte, afirmaram estar perante comportamentos de **bullying**. É necessário informar os alunos sobre o que é o **bullying** para que, em primeiro, não o pratiquem inconscientemente, e em segundo, para que ao estarem na sua presença, seja capazes de o detectar, denunciar e fazer parar.

Tabela 7 - Número de alunos que conseguiram identificar as situações de *bullying*

Situação nº	Rapazes que identificaram	Total de rapazes da turma	Raparigas que identificaram	Total de raparigas da turma
1	6	8	11	12
2	4	8	2	12
3	8	8	12	12
4	3	8	6	12
5	7	8	11	12
6	8	8	12	12
7	5	8	7	12
8	8	8	6	12
9	6	8	6	12
10	8	8	12	12

Quando questionados directamente se alguma vez foram vítimas de **bullying** (pergunta 12), metade dos alunos respondeu sim e a outra metade respondeu não, isto é 10 em 20 alunos. Mas as respostas tornam-se ainda mais curiosas se repararmos que é metade dos alunos do sexo masculino e também metade das de sexo feminino, já que na turma existem, relembro, 8 rapazes e 12 raparigas.

Tabela 8 - Número de alunos que negaram ou afirmaram já ter sido vítimas.

	Rapazes	Raparigas	Total
sim	4	6	10
não	4	6	10

Dos que referiram ter sido **vítimas de bullying**, quando responderam **de que forma** (pergunta 13), mencionaram apenas um ou dois itens. Os actos de bullying escolhidos foram ‘Chamaram-me nomes e troçaram de mim’ e ‘Espalharam mentiras sobre mim’. Os quatro rapazes vítimas de *bullying* foram-no todos através do troçar e chamar nomes, enquanto apenas dois referem ter sido vítimas de mentiras. Já com as raparigas verifica-se o contrário. Das seis vítimas, cinco tiveram de enfrentar a mentira, enquanto apenas três, metade delas, sofreram com o troçar e o chamar nomes.

Tabela 9- Actos de *Bullying* que os alunos dizem ter sofrido.

	Rapazes	Raparigas	Total
Empurraram-me e bateram-me.	---	---	---
Chamaram-me nomes e troçaram de mim.	4	3	7
Tiraram-me ou estragaram os meus bens pessoais	---	---	---
Espalharam mentiras sobre mim.	2	5	7
Outras coisas	---	---	---

Relativamente à **identidade do agressor** (pergunta 14), as respostas são mais irregulares, mas destaca-se que são um conjunto de **rapazes e raparigas**, sendo os agressores **mais velhos** do que as vítimas, o que vem comprovar o mencionado no capítulo I: habitualmente os *bullies* são mais velhos e agem em grupo.

Tabela 10 - Características do agressor.

	Rapazes	Raparigas	Total
Um rapaz	1	---	1
Uma rapariga	---	---	---
Vários rapazes	1	1	2
Várias raparigas	---	2	2
Rapazes e raparigas	2	2	4
Colegas de turma	2	---	2
Alunos de outras turmas, mas do meu ano	1	---	1
Alunos mais velhos	3	5	8
Alunos mais novos	---	---	---

(Nota: Uma rapariga vítima não referiu o tipo de agressor)

Quanto ao **lugar** onde ocorreu o **bullying** (pergunta 15), as respostas não deixam margem para dúvidas. ‘**No pátio, durante o intervalo**’ foi a resposta mais escolhida, o que mais uma vez está de acordo com o referido no primeiro capítulo desta dissertação. Apenas dois alunos mencionaram outro lugar: um rapaz, a casa de banho, e uma rapariga, o portão da escola.

Tabela 11 - Lugares onde aconteceu o *bullying*.

	Rapazes	Raparigas	Total
Nos corredores e escadas da escola	2	1	3
Na sala de aula	---	1	1
No pátio, durante o intervalo	2	4	6
No refeitório	---	---	---
Noutro lugar	1	1	2

No que diz respeito à **denúncia** da situação de **bullying** (pergunta 16), a maior parte das vítimas contou a alguém o sucedido, sobretudo aos **professores** ou aos **pais**. No entanto, é de reter que em dez vítimas houve três que não contaram a ninguém e que sofrem em silêncio, quando precisam de ajuda e acompanhamento.

Tabela 12 - A quem relataram as vítimas a situação de *bullying*.

	Rapazes	Raparigas	Total
Sim, a um(a) professor(a)	1	3	4
Sim, ao meu pai e/ou à minha mãe	1	2	3
Sim, ao(s) meu(s) irmão(s) e/ou irmã(s)	---	1	1
Sim, a um(a) amigo(a) / familiar / vizinho	---	---	---
Não disse a ninguém	2	1	3

Finalmente, na derradeira pergunta do questionário(17), ainda que dissimuladamente, procurava-se saber através de doze questões directas se algum dos alunos tinha **perfil de bully**. A todas estas questões se esperava uma resposta negativa, se o aluno respondesse ‘sim’ a três ou mais questões, significaria que estaria muito perto de se tornar, ou já era mesmo, um *bully*. Confesso que não esperava que houvesse tantas respostas ‘sim’. De salientar que não houve qualquer rapaz com zero respostas ‘sim’, e em doze raparigas, somente quatro não responderam vez alguma ‘sim’. Em vinte alunos, cinco responderam afirmativamente a três ou mais questões, o que significa que revelam já alguns traços de *bully*.

Nº respostas ‘sim’	Rapazes que responderam ‘sim’	Raparigas que responderam ‘sim’
1	2	2
2	3	4
3	2	1
4	---	---
5	1	1
6	---	---
7	---	---
8	---	---
9	---	---
10	---	---
11	---	---
12	---	---

Total de rapazes da turma: 8 Total de raparigas da turma: 12

Tabela 13 - “Serás tu um *bully*?”

Importa deixar claro que a aplicação deste questionário, pela sua limitada amostragem, não visava conduzir a quaisquer conclusões de índole científica. Nunca foi essa a intenção. Apenas testá-lo enquanto material, pois apesar de muito limitado, este pequeno questionário já nos faculta algumas informações sobre o binómio adolescentes - *bullying*. Permite-nos obter algumas ideias sobre a turma e o seu envolvimento com o fenómeno *bullying*, deixando já antever algumas possibilidades para intervenção. É apenas mais um material que o professor pode usar para detectar e debelar focos de *bullying*.

Conclusão

Nos percursos de vida cada vez mais individualistas e isolacionistas que o século XXI e as tecnologias de informação muitas vezes convidam a seguir, o tempo passa fugazmente e os relacionamentos interpessoais são cada vez mais superficiais. Apesar de todas as facilidades trazidas pela tecnologia e pelas novas formas de comunicação, vem-se evidenciando sociologicamente um pendor de individualismo, levantando questões importantes sobre as capacidades e necessidades humanas de comunicar, expressar e descrever pensamentos, sentimentos e emoções. O desafio dos dias de hoje parece ser uma aposta no desenvolvimento e aprofundamento das relações humanas, a convivência e socialização. O ritmo de vida, toda a pressão a que estão sujeitos os indivíduos e as escolhas que fazem condicionam o desenvolvimento das personalidades, do carácter individual e do modo de estar em sociedade.

Encontros e conversas pessoais com amigos e de âmbito profissional são cada vez mais frequentemente complementados ou substituídos por contactos através de redes sociais e profissionais electrónicas, ou outras vias de telecomunicação. As saídas para desfrutar da natureza e a prática de desporto vão sendo tendencialmente preteridas pela passividade de ficar em casa ou em qualquer cibercafé, onde confortavelmente (e “isoladamente”) se joga consola ou computador, ou navega pelo ilimitado mundo da Internet. A par das promissoras possibilidades reveladas por este tipo de mecanismos e instrumentos, há que reconhecer também sinais de alguma transformação e eventual desvirtuação das formas mais tradicionais - ancestrais, até - de convívio social. No âmbito deste trabalho, assinala-se a este propósito a crescente falta de tempo de pais e educadores para os seus filhos (mormente por exigências profissionais), que por sua vez também não têm tempo para os pais, nem para os amigos. A falta de acompanhamento e intervenção faz com que as gerações vão crescendo algo negligenciadas em certos campos, estando em risco uma efectiva transmissão de valores sociais, afectivos, culturais, éticos e morais, o que contribuirá necessariamente para uma escalada de violência e desintegração social.

Frequentemente somos confrontados com uma crueldade que parece já fazer parte da rotina diária, e infelizmente, porque a comunidade escolar não está imune a esta agressividade, o *bullying* continua a proliferar, à medida que vão sendo conhecidos cada vez mais casos de alunos que não querem regressar à escola porque foram de alguma forma violentados, ou de professores que temem apresentar objectivamente o seu ponto de vista sobre o desempenho dos alunos por recearem alguma espécie de represália. É portanto urgente repensar o contexto escolar, protagonizando políticas e campanhas anti-*bullying* que envolvam toda a comunidade escolar, pais, professores, educadores e alunos, bem como toda a comunidade exterior onde a escola está inserida, demonstrando-se tolerância zero para com os comportamentos violentos.

Por um lado, é necessário trabalhar com os *bullies*, reconhecendo-lhe e demonstrando-lhe as suas boas qualidades e capacidades, atribuindo-lhe responsabilidades e tarefas que possam desempenhar e que os façam brilhar e tornar-se referências positivas, sempre num contexto em que se exorta o bom comportamento. Por outro lado, é essencial ensinar as vítimas a ser confiantes e a, de cabeça erguida, mostrar indiferença para com os insultos, mexericos ou agressão física, pois não há nada nelas que as fragilize ou inferiorize em relação aos outros. Tudo isto pode e deve ser realizado em casa e na escola, em cada sala de aula, pois mais importante do que ter uma visão pessimista sobre o *bullying*, é combatê-lo, conhecer as suas causas e consequências, conduzindo-nos à acção.

Tendo em conta as limitações deste trabalho, as pistas de investigação que através dele foi possível descortinar, e a ausência de uma aplicação prática de todos os materiais apresentados, bem como a persistência do meu interesse nesta temática, é meu desejo prosseguir com este projecto, promovendo a discussão sobre o *bullying* no contexto escolar (dentro e fora da sala de aula), e aplicar estratégias, metodologias e os materiais apresentados (em conjunto com outros futuramente concebidos) em contexto de sala de aula. Proponho-me continuar a contribuir para a consciencialização sobre o fenómeno do *bullying* e para uma diminuição da sua incidência nas escolas portuguesas.

Após a análise de diversos comentários, perspectivas e trabalhos de investigação e do contacto com a realidade nas nossas escolas, também através do diálogo com diferentes pessoas intervenientes no espaço escolar e alguns colegas, constato que esta dissertação que aqui apresento é principalmente um ponto de partida, uma jangada que se lança nas águas agitadas da violência inter-pares, mas que com o empenho de todos os intervenientes na comunidade educativa, e a dinamização e sensibilização efectuadas nas aulas de Inglês, um espaço privilegiado por excelência, se pode transformar num barco que navega serenamente em águas calmas.

Referências Bibliográficas

- ☉ BARTON, Elizabeth A.; *Bully Prevention, Tips and Strategies for School Leaders and Classroom Teachers*, Second Edition, Corwin Press, USA, 2006
- ☉ BEANE, Allan L.; *The Bully Free Classroom, Over 100 Tips and Strategies for Teachers K-8*, Free Spirit Publishing, 1999
- ☉ BEANE, Allan L.; *A Sala de Aula sem Bullying, Mais de 100 sugestões e estratégias para professores*, Coleção Estratégias Educativas, Porto Editora, 2006 (Tradução)
- ☉ BREAKSTONE, Steve; DREIBLATT, Michael; DREIBLATT, Karen; *How to Stop Bullying and Social Aggression, Elementary Grade Lessons and Activities that teach Empathy, Friendship and Respect*, Corwin Press, USA, 2009
- ☉ BRITO, Fernando; “Combater a Violência Escolar” in *Notícias da Covilhã*, edição de 25 de Março de 2010
- ☉ CABRERA, Cláudia; “Dealing with conflicts: A School Mediation Project” in *The Teacher’s Magazine*, EDIBA, issue nº 60, 25-26
- ☉ CALCUTT, David; *The Terrible Fate of Humpty Dumpty* (Dramascripts), New Ed edition, published by Nelson Thornes Ltd, 1999
- ☉ CAMPORRO, Maria Lídia; “Stop That Bullying” in *The Teacher’s Magazine*, EDIBA, issue nº 57, 22-23
- ☉ CARVALHOSA, Susana Fonseca; LIMA, Luísa; MATOS, Margarida Gaspar; “Bullying - A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português”, *Análise Psicológica* (2001), 4 (XIX): 523-537
- ☉ CLARIZIO, Harvey F; *Toward Positive Classroom Discipline*, Second Edition, John Wiley & Sons, inc., USA, 1980
- ☉ COSTA, Maria Emília; VALE, Dulce; *A violência nas escolas*, Instituto de Inovação Educacional, 1998
- ☉ COSTA, Elisabete Pinto; “Formar mediadores de conflitos nas escolas” in *Jornal de Notícias*, edição de 11 de Novembro de 2007
- ☉ DE CARVALHO, Angélica; “Bullying, mentiras e vídeo” in *Jornal do Fundão*, edição de 25 de Março de 2010
- ☉ DURKHEIM, Émile; *A Educação Moral*; Porto; Rés Editora, 1984
- ☉ GLOVER, Derek; CARTWRIGHT, Netta with GLEESON, Denis; *Towards Bully-free Schools, Interventions in action*; Open University Press, 1998
- ☉ GOMES, Carlos Alberto; *Conflito e Cooperação na Escola Secundária Portuguesa; Uma Análise Sociológica de Interação na Sala de Aula*, Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho, 1998
- ☉ MATEUS, Bruno Contreiras; “Bullying, a violência entre iguais”, in *Tema de Capa, Revista Domingo, Correio da Manhã*, edição de 01 de Março de 2009

- ☉ OLWEUS, Dan; *Bullying at school: what we know and what we can do*, Cambridge, MA: Blackwell; 1993
- ☉ PAATERO, Mikko; “School shootings shattered Finland”, in *The New Police in Europe, The professional Journal for further education and training*; volume 01; issue 01/2009; 42-43
- ☉ PEREIRA, Beatriz Oliveira; *Estudo e Prevenção do Bullying no contexto Escolar; Os recreios e as práticas agressivas da criança*; Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho, 1997
- ☉ PEREIRA, Beatriz Oliveira; “Prevenção da Violência em contexto escolar: Diagnóstico e programa de Intervenção” in de SOUZA NETO, João Clemente; NASCIMENTO, Maria Leticia; *Infância: Violência, Instituições e Políticas Públicas*; São Paulo, Expressão e Arte Editora, 2006, 43-51
- ☉ PINTO DA COSTA, Elisabete; “Formar mediadores de conflitos nas escolas” in *Jornal de Notícias*, edição de 11 de Novembro de 2007
- ☉ SAMPAIO, Daniel; “Bullying” in *Crónica Porque Sim, Público*, edição de 04 de Janeiro de 2009
- ☉ SHARP, Sónia; SMITH, Peter K.; *Tackling Bullying in your School, A Practical Handbook for Teachers*, Routledge, 1994
- ☉ SCHECTER, Deborah; *Bully-Proof your Classroom, Teaching kit*, Scholastic, 2008
- ☉ SLATER, Teddy, *Henry’s Violin*, Scholastic, 2007
- ☉ SLATER, Teddy, *Here Comes Smelly Nellie*, Scholastic, 2007
- ☉ SLATER, Teddy, *Jake’s Secret*, Scholastic, 2007
- ☉ SLATER, Teddy, *Patty and the Pink Princesses*, Scholastic, 2007
- ☉ SLATER, Teddy, *Trouble for Trudy*, Scholastic, 2007
- ☉ SLATER, Teddy, *Ben’s Bad Day*, Scholastic, 2007
- ☉ *Stop That Bullying*” in *The Teacher’s Magazine*, EDIBA, issue nº 57, 22-23
- ☉ WOODS, Peter; *Explorations in the Sociology of the School*; London; Croom Helm; 1980

Referências Online (citadas)

- @ Decretos-Lei 30/2002, 3/2008 e despacho nº30265/2008
http://www.ige.min-edu.pt/upload/Legisla%C3%A7%C3%A3o/Lei_30_02.pdf
http://www.min-edu.pt/np3content/?newsId=1570&fileName=lei_3_2008.pdf (20/02/2010)
- @ Regulamento Interno Escola Secundária Frei Heitor Pinto
<http://www.esec-frei-heitor-pinto.rcts.pt/portal/pdf/reginterno.pdf> (20/02/2010)
- @ *Notícia do Expresso* de 12 de Maio de 2008, disponível em
<http://clix.expresso.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=ex.stories/318733> (14/03/ 2010)

- @ Objectivos prioritários do Programa Escola Segura publicados no Despacho Conjunto n.º 25650/2006 de 29 de Novembro,
http://minedu.pt/np3content/?newsId=1271&fileName=despacho_25650_2006.pdf
(acedido a 04/04/ 2010)
- @ Programa Escola Segura no Ano Lectivo 2007/2008 e o Relatório de Segurança Escolar 2008/2009 do Observatório para a Segurança Escolar,
http://www.minedu.pt/np3content/?newsId=4902&fileName=Apresenta_o_ME_MAI_08_09_7_de_Maio_de_.pdf
(04/04/2010)
- @ Despachos,
http://min-edu.pt/np3content/?newsId=1271&fileName=despacho_25650_2006.pdf
http://min-edu.pt/np3content/?newsId=1269&fileName=despacho_222_2007.pdf
http://min-edu.pt/np3content/?newsId=3638&fileName=decreto_lei_117_2009.pdf
http://min-edu.pt/np3content/?newsId=4350&fileName=despacho_23340_2009.pdf
(04/04/2010)
- @ História e vídeo da agressão a professora, http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/agressao-a-professora-na-sala-de-aula-filmada-e-reproduzida-na-net_1323264 (19/04/2010)
- @ Reportagem da morte de Leandro, <http://aeiou.expresso.pt/mirandela-testemunhos-confirmam-agressoes-a-leandro=f569722> (19/04/2010)
- @ Reportagem da morte do professor de música, <http://www.ionline.pt/conteudo/50698-professor-musica-atira-se-ao-rio-nao-enfrentar-os-alunos> (19/04/2010)
- @ Notícia sobre Linha de Apoio a Alunos e Famílias para situações de *bullying*,
<http://www.educare.pt/educare/Actualidade.Noticia.aspx?contentid=7534C6A4ADF9418BE0400A0AB800263D&opsel=1&channelid=0> (02/05/2010)
- @ Relatório da UNICEF, http://www.unicef.pt/docs/rc7_aw3.pdf (22/05/2010)
- @ Cyberbullying, http://www.olweus.org/public/cyber_bullying.page?menuheader=1 (22/05/2010)
- @ Cyberbullying; NOWAK, Joe; WILLIAMS, Sandra;
<http://www.suite101.com/content/cyberbullying-as-a-factor-in-teen-suicide-a231507#ixzz11uZ2aSbV> (22/05/2010)
- @ GNR recebe formação para intervir em casos de armas nas escolas,
<http://sic.sapo.pt/online/video/informacao/noticias-pais/2010/4/gnr-recebe-formacao-para-intervir-em-casos-de-armas-nas-escolas15-04-2010-213430.htm> (20/7/2010)

Outros Recursos Online

- @ http://www.pd360.com/index.cfm?ContentId=2448&refCode=092509_Prod_2
- @ <http://www.olweus.org/public/index.page>
- @ <http://www.olweus.org/public/bullying.page>

- @ <http://www.suite101.com/content/cyberbullying-as-a-factor-in-teen-suicide-a231507#ixzz11uZ2aSbV>
- @ <http://www.suite101.com/content/cyber-bullying-can-kill-a20423#ixzz11yjAvTaw>
- @ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>
- @ [http://en.wikipedia.org/wiki/Jeremy_\(song\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Jeremy_(song))
- @ <http://www.ssheps.com/jeremynew.htm>
- @ <http://www.elyrics.net/read/p/pearl-jam-lyrics/jeremy-lyrics.html>
- @ <http://www.bullyngescola.com/sobre/>
- @ <http://www3.uma.pt/alicemendonca/conteudo/publica/bullying.pdf>
- @ <http://www.bullyonline.org/workbully/bully.htm>
- @ http://jn.sapo.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=551889
- @ <http://criancasatortoeadireitos.wordpress.com/2010/03/04/metade-dos-alunos-vitimas-de-bullying-sofrem-em-silencio/>
- @ http://medicosdeportugal.saude.sapo.pt/action/2/cnt_id/2231
- @ http://medicosdeportugal.saude.sapo.pt/action/2/cnt_id/3152/
- @ <http://www.fortunecity.com/westwood/chanel/45/kelly.html>
- @ http://www.olweus.org/public/cyber_bullying.page?menuheader=1
- @ <http://www.olweus.org/public/index.page>
- @ <http://www.bullyfree.com/>
- @ <http://www.portalbullying.com.pt/>
- @ http://www.confap.pt/desenv_noticias.php?ntid=291
- @ http://www.publico.pt/Educação/tipificacao-de-bullying-como-crime-na-violencia-escolar-vai-avancar_1430170
- @ <http://www.psp.pt/Pages/programasespeciais/escolasegura.aspx>
- @ http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/linha-sos-professor-quase-30-das-chamadas-relatam-agressoes-fisicas_1403702
- @ <http://min-edu.pt/np3/4876.html>
- @ <http://min-edu.pt/np3/4872.html>
- @ http://minedu.pt/np3content/?newsId=4893&fileName=relatorio_segEscolar_2008_2009.pdf
- @ <http://min-edu.pt/np3/4850.html>
- @ <http://min-edu.pt/np3/4885.html>
- @ <http://min-edu.pt/np3/4886.html>
- @ <http://min-edu.pt/np3/4887.html>
- @ <http://min-edu.pt/np3/4888.html>
- @ <http://min-edu.pt/np3/4889.html>
- @ <http://min-edu.pt/np3/4891.html>
- @ <http://min-edu.pt/np3/4892.html>
- @ <http://min-edu.pt/np3/4846.html>

- @ <http://www.min-edu.pt/np3/escolas>
- @ <http://min-edu.pt/np3/4893.html>
- @ http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/estatuto-do-aluno-aprovado-com-votos-do-ps-e-cdspp_1448323_23/07/2010
- @ <http://clix.expresso.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=ex.stories/318733>
- @ <http://www.educacao.te.pt/escola/index.jsp?p=64&idEspacoEscola=556>
- @ <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/tudo-bullying-433208.shtml>
- @ http://sol.sapo.pt/PaginalInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=34511
- @ http://sol.sapo.pt/PaginalInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=34513
- @ http://sol.sapo.pt/PaginalInicial/Tecnologia/Interior.aspx?content_id=34514
- @ <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-preciso-levar-serio-431385.shtml>
- @ <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/cyberbullying-violencia-virtual-bullying-agressao-humilhacao-567858.shtml>
- @ <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/tudo-bullying-433208.shtml>
- @ <http://aeiou.expresso.pt/mirandela-testemunhos-confirmam-agressoes-a-leandro=f569722>
- @ <http://www.ionline.pt/conteudo/50698-professor-musica-atira-se-ao-rio-nao-enfrentar-os-alunos>
- @ <http://www.youtube.com/watch?v=amueaVHIZ6A&feature=related>
- @ <http://www.youtube.com/watch?v=1j6YA03hm4k&feature=related>
- @ <http://www.youtube.com/watch?v=CWUtywfwMw&feature=related>
- @ <http://www.youtube.com/watch?v=nWJut7KQhI4&feature=related>
- @ <http://www.youtube.com/watch?v=BjHNSduFF0>
- @ <http://www.youtube.com/watch?v=rMAu09Mza3s&feature=related>
- @ <http://www.youtube.com/watch?v=xPboK6yWKno&feature=related>
- @ <http://www.youtube.com/watch?v=DE6LZDXlAsU&feature=related>
- @ <http://www.youtube.com/watch?v=CWUtywfwMw&feature=related>
- @ <http://www.youtube.com/watch?v=jtz9o09Gjnc&feature=related>
- @ <http://www.youtube.com/watch?v=nbGlwCJK7FM>
- @ <http://www.youtube.com/watch?v=mlFUjTybbxU>
- @ <http://www.esec-frei-heitor-pinto.rcts.pt/portal/pdf/reginterno.pdf>
- @ http://www.ige.min-edu.pt/upload/Legisla%C3%A7%C3%A3o/Lei_30_02.pdf
- @ http://www.min-edu.pt/np3content/?newsId=1570&fileName=lei_3_2008.pdf
- @ http://portal.unesco.org/education/en/ev.phpURL_ID=2448&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html

Anexos

Anexo 1

DIREITOS E DEVERES DOS VÁRIOS ELEMENTOS DA COMUNIDADE EDUCATIVA (EXCERTOS)

Artigo 128º

Direitos e Deveres dos Professores

1. Os professores, enquanto principais responsáveis pela condução do processo de ensino e aprendizagem, devem promover medidas de carácter pedagógico que estimulem o harmonioso desenvolvimento da educação, quer nas actividades na sala de aula, quer nas demais actividades da escola.

Artigo 130º

Deveres dos Professores

(...)

2. Decorrendo da natureza da função exercida, cujo desempenho deve orientar-se para níveis de excelência, são deveres profissionais específicos do pessoal docente:

a) **Contribuir para a formação e realização integral dos alunos**, promovendo o desenvolvimento das suas capacidades, estimulando a sua autonomia e criatividade, **incentivando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes** na vida da comunidade;

b) **Reconhecer e respeitar as diferenças culturais e pessoais dos alunos** e demais membros da comunidade educativa, valorizando os diferentes saberes e culturas e combatendo processos de exclusão e discriminação;

c) **Colaborar com todos os intervenientes no processo educativo, favorecendo a criação e o desenvolvimento de reacções de respeito mútuo**, em especial entre docentes, alunos, encarregados de educação e pessoal não docente;

(...)

Artigo 132º

Direitos e Deveres dos Pais/Encarregados de Educação

(...)

e) Cooperar com os docentes no desempenho da sua missão pedagógica, em especial quando para tal forem solicitados, colaborando no processo de ensino aprendizagem dos seus educandos;

f) **Contribuir para a preservação da disciplina e para a harmonia da comunidade educativa** em especial quando para tal forem solicitados;

g) **Contribuir para o correcto apuramento dos factos em processos disciplinares que incida sobre o seu educando** e sendo aplicada a este medida disciplinar, diligenciar para que a mesma prossiga os objectivos de reforço da sua formação cívica, do desenvolvimento equilibrado da sua personalidade da sua capacidade de

se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa e do seu sentido de responsabilidade;

h) Contribuir para a preservação da segurança e integridade física e moral de todos os que participem na vida da escola;

(...)

Artigo 135º
Deveres dos Alunos

(...)

d) Tratar com respeito e correcção qualquer membro da comunidade educativa;

e) Guardar lealdade para com todos os membros da comunidade educativa;

f) Respeitar as instruções dos professores e do pessoal não docente;

g) Contribuir para a harmonia da convivência escolar e para a plena integração na escola de todos os alunos;

(...)

i) Respeitar a integridade física e moral de todos os membros da comunidade educativa;

j) Prestar auxílio e assistência aos restantes membros da comunidade educativa, de acordo com as circunstâncias de perigo para a integridade física e moral dos mesmos;

(...)

l) Respeitar a propriedade dos bens de todos os membros da comunidade educativa;

(...)

Artigo 136º

Direitos e Deveres dos Membros da Comunidade Educativa

Pessoal Não Docente

1. O pessoal não docente das escolas, em especial os funcionários que auxiliam a acção educativa e os técnicos dos serviços especializados de apoio educativo, devem colaborar no acompanhamento e integração dos alunos na comunidade educativa, incentivando o respeito pelas regras de convivência, promovendo um bom ambiente educativo e contribuindo, em articulação com os docentes, os pais e encarregados de educação, para prevenir e resolver problemas comportamentais e de aprendizagem.

(...)

4. No âmbito das respectivas funções, são deveres profissionais, do pessoal não docente:

- a) Contribuir para a plena formação, realização, **bem-estar e segurança** dos alunos;
- b) Colaborar activamente com todos os intervenientes do processo educativo;
- c) Participar na organização e assegurar a realização e o desenvolvimento regular das actividades desenvolvidas na Escola;

(...)

- e) Cooperar com os restantes intervenientes do processo educativo, na **identificação de situações** de carência ou de **necessidade de intervenção urgente**;

(...)

Documento integral disponível em
<http://www.esec-frei-heitor-pinto.rcts.pt/portal/pdf/reginterno.pdf>

Anexo 2

ENTIDADES QUE GARANTEM A SEGURANÇA NAS ESCOLAS

DESTAQUES

ESCOLAS

PROFESSORES

ALUNOS E FAMÍLIAS

1. Entidades que garantem a segurança nas escolas

1.1 Estruturas nacionais

- a. [Ministério da Educação: Gabinete Coordenador da Segurança Escolar](#)
- b. [Ministério da Administração Interna: Programa Escola Segura](#)
- c. [Ministério da Administração Interna e o Ministério da Educação: Grupo Coordenador do Programa Escola Segura](#)
- d. [Organismo Científico de âmbito nacional: Observatório para a Segurança Escolar](#)

1.2 Estruturas regionais do Ministério da Educação

- a. [Gabinetes de segurança das Direcções Regionais de Educação](#)
- b. [Equipas de zona do Gabinete Coordenador da Segurança Escolar](#)

1.3 Estruturas dos agrupamentos de escolas

1.4 Outras entidades

A escola é parte de uma comunidade e articula-se com as demais autoridades centrais e locais que, a todo e qualquer momento, sejam consideradas as mais adequadas no apoio às situações que envolvam a comunidade escolar. Destas entidades, destacam-se:

- a. [Procuradoria-Geral da República \(PGR\)](#)
- b. [Comissões de Protecção de Crianças e Jovens \(CPCJ\)](#)
- c. [Ministério da Saúde](#)
- d. [Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social](#)

Informação não manipulada, fiel e integralmente retirada do Site do Ministério da Educação:
<http://min-edu.pt/np3/4847.html>

Anexo 3

**MEDIDAS, PROGRAMAS E
PROJECTOS DESTINADOS A
GARANTIR OU REFORÇAR A
SEGURANÇA NAS ESCOLAS**

2. Medidas, programas e projectos destinados a garantir ou reforçar a segurança nas escolas

O Ministério da Educação está empenhado na prevenção e no combate à indisciplina e à violência em meio escolar, bem como na resolução célere e eficaz das situações que possam pôr em causa a segurança e o bem-estar de toda a comunidade escolar. O seu trabalho desenvolve-se nas mais variadas frentes:

2.1 Diplomas de enquadramento

- a. [Estatuto do Aluno](#)
- b. [Regulamento interno da escola](#)

2.2 Formação

A sensibilização e a formação de alunos, professores e assistentes operacionais são muito importantes na detecção de situações de risco, na prevenção e na resolução de situações de indisciplina e insegurança nas escolas. Realizam-se várias acções:

- a. [Formação de alunos](#)
- b. [Formação de professores](#)
- c. [Formação de assistentes operacionais](#)

2.3 Sistema electrónico de registo de ocorrências

2.4 Programa Escola Segura (ME/MAI)

2.5 Projecto escol@segura (ME)

O projecto escol@segura foi criado com o objectivo de equipar as escolas públicas com um sistema electrónico de segurança. Enquadrado pelo Plano Tecnológico da Educação, este projecto inclui:

- a. [Videovigilância](#)
- b. [Cartão do aluno \(ME\)](#)

2.6 Segur@net - Projecto de Segurança na Internet

2.7 Projecto da Comissão Nacional de Protecção de Dados

Informação não manipulada, fiel e integralmente retirada do Site do Ministério da Educação: <http://min-edu.pt/np3/4850.html>

Anexo 4

**PROGRAMA ESCOLA SEGURA
2007/2008**

**RELATÓRIO DE SEGURANÇA
ESCOLAR 2008/2009**



Programas Especiais
ESCOLA SEGURA

ACTIVIDADE DO PROGRAMA NO ANO LECTIVO 2007/2008

Na área de responsabilidade territorial da PSP, a população escolar existente nos estabelecimentos de ensino públicos e privados do primeiro, segundo e terceiro ciclos, ensino secundário e ensino universitário no ano lectivo 2007/2008 foi de **1.079.568** alunos.

	Ano Lectivo 06/07		Ano Lectivo 07/08		Variação	
	Número de Alunos		Número de Alunos		Número de Alunos	
	Público	Privado	Público	Privado	Público	Privado
<i>Básico (1.º Ciclo)</i>	180.897	50.881	214.467	45.668	+ 33.570	-5.213
<i>Básico (2.º Ciclo)</i>	129.895	18.427	131.111	24.848	+ 1.216	+ 6.421
<i>Básico (3.º Ciclo)</i>	126.265	19.224	188.535	27.579	+ 62.270	+ 8.355
<i>Secundário</i>	196.305	28.729	177.575	26.919	-18.730	-1.810
<i>Superior</i>	173.209	55.368	180.546	62.319	+ 7.337	+ 6.951
TOTAL	806.571	172.629	892.235	187.333	+ 85.664	+ 14.704
	979.200		1.079.568		+ 100.368	

A PSP tem 328 elementos policiais afectos ao Programa "Escola Segura" em todo o território nacional, incluindo as regiões autónomas da Madeira e dos Açores, os quais desenvolvem uma acção essencialmente direccionada para a prevenção, vigilância e visibilidade nas áreas escolares. Outra missão importante levada a cabo pelas Equipas da PSP do Programa Escola Segura consiste no desenvolvimento de acções de sensibilização e de formação direccionadas para diversos escalões etários e níveis de ensino, nomeadamente nas seguintes áreas: prevenção criminal, toxic dependência e alcoolismo, segurança rodoviária, auto-protecção, prevenção de riscos e segurança das comunidades escolares. As Equipas da PSP afectas ao Programa Escola Segura constituem, deste modo, o primeiro nível de actuação policial essencialmente numa perspectiva de visibilidade, prevenção da criminalidade, sensibilização e pedagogia.

Em termos de recursos humanos e recursos materiais empenhados em exclusividade no Programa na área de responsabilidade da PSP, referem-se os seguintes:

ANO LECTIVO 2007/2008		TOTAL	
N.º de Escolas		3.023	
N.º de Alunos Abrangidos		1.079.568	
N.º de Professores e Auxiliares de Educação		153.045	
Elementos Policiais afectos ao Programa "Escola Segura"	Femininos	71	328
	Masculinos	257	
Viaturas	Com cores/padrão do Programa "Escola Segura"	130	159
	Sem cores/padrão do Programa "Escola Segura"	29	
Motociclos		25	
Scooters		43	
Telemóveis		85	

Entre 17 de Setembro de 2007 e 26 de Outubro de 2007 e entre 28 de Janeiro de 2008 e 05 de Fevereiro de 2008, a PSP lançou ao nível nacional, incluindo as regiões autónomas da Madeira e dos Açores, respectivamente as operações "Escola Segura 2007/2008" e "Escola Segura – Final do Ano Lectivo 2007/2008", no período de 26 de Maio a 20 de Junho de 2008. Estas Operações Policiais conjugaram uma vertente eminentemente preventiva e pedagógica, consubstanciada na execução de acções de sensibilização pela PSP em parceria com as escolas e autarquias locais, com uma vertente fiscalizadora e dissuasora do cometimento de ilícitos criminais, infracções ao Código de Estrada e ainda à legislação relacionada com o licenciamento e regulação da actividade de estabelecimentos de restauração e de bebidas, situados junto às áreas escolares.

O objectivo principal foi garantir a consolidação de um sentimento de segurança nas áreas escolares na área de responsabilidade da PSP. Foram detidos pela PSP em ambas as operações uns totais de 1058 indivíduos, apreendidas 4506,10 gr de Haxixe, 1121 gr. de heroína, 163,39 gr. de produto estupefaciente diverso.

Foram detectadas 12069 contra-ordenações ao Código de Estrada nas áreas escolares, salientando-se, entre outros, os seguintes resultados: 763 autos por contra-ordenação por condução sem cinto de segurança, 1025 por condução com utilização de telemóvel e 201 autos por contra-ordenação por ausência de sistema de retenção para menores de 12 anos.

Outras Infracções ao CE e Leg. Compl.	
Falta de seguro	283
Falta de Inspeção	553
Cinto de Segurança (não utilização ou inexistente)	763
Uso de telemóvel durante a condução	1025
Não utilização de dispositivo de retenção de criança	201
Condução sem habilitação legal (não detenção)	35
Traços Contínuos	89
Sinal STOP	35
Regra Prioridade/cedência passagem	35
Alteração de características	19
Sonómetros	0
Estacionamento	4164
Estacionamento abusivo	658
Iluminação	95
Outras Infracções ao CE, RTA e Leg. Compl.	4114
TOTAL	12069

Numa componente mais pedagógica e de interacção com as comunidades educativas, no ano lectivo transacto, a PSP promoveu um total de 3.061 acções de sensibilização, formação e demonstrações nas escolas, nas quais participaram um total de **334247** alunos, **136428** pais/encarregados de educação, **16043** professores e **5754** elementos policiais. O quadro anexo resume a actividade dos Comandos da PSP neste âmbito, tendo em muitas destas acções contado com a colaboração, do Corpo de Intervenção, do Grupo Operacional Cinotécnico e do Grupo de Operações Especiais:

Acções de sensibilização/formação/demonstrações/exercícios de prevenção desenvolvidas em colaboração com as escolas e autarquias:					
	N.º de Alunos	N.º de Professores	N.º de Pais	N.º de efectivos Policiais Envolvidos	Total Visitas
AVEIRO	16115	1105	1040	666	300
BEJA	2160	118	85	67	59
BRAGA	2431	240	67	68	2
BRAGANÇA	4367	420	0	85	33
CASTELO BRANCO	2240	206	30	71	30
COIMBRA	4468	321	152	97	70
ÉVORA	12996	658	120	6	1
FARO	12670	613	119	332	133
GUARDA	1937	124	0	41	11
LEIRIA	5086	363	309	260	83
LISBOA	30345	1224	730	610	520
PORTALEGRE	4649	445	624	129	23
PORTO	144577	3587	127114	1157	825
SANTARÉM	6174	1843	1238	113	100
SETÚBAL	21362	1133	192	580	266
VIANA DO CASTELO	1994	23		40	15
VILA REAL	4600	220	423	10	112
VISEU	3630	238	46	78	48
MADEIRA	37859	1999	3610	1161	77
AÇORES	14587	1163	529	183	353
TOTAL	334247	16043	136428	5754	3061

Informação não manipulada, fielmente e integralmente retirada do Site da Polícia de Segurança Pública: <http://www.psp.pt/Pages/programasespeciais/escolasegura.aspx> .

Relatório de Segurança Escolar

18 de Jun de 2010

O relatório realizado pelo Observatório para a Segurança Escolar, relativo a 2008/2009, indica que se mantém a tendência da redução do número global de ocorrências.

http://min-edu.pt/np3content/?newsId=4893&fileName=relatorio_segEscolar_2008_2009.pdf

Anexo 5

RELATÓRIO DA UNICEF (EXCERTOS)

likelihood of dropping out of school, of having no or low qualifications, of being unemployed or low-paid, and of living in poor housing conditions. But and perhaps mistreated at home, miserable and under-achieving at school, and with only an unskilled and low-paid job to look forward to –

Experience of violence

Aggression and violence in all its forms – bullying, fighting, abuse –

Dimension 5: Behaviours and risks

32

INNOCENTI REPORT CARD 7

shadow the lives of many young people, making the time of life that adults like to think of as happy and carefree into a time of anxiety and misery. In particular, exposure to violence in the home – both directly through child abuse and indirectly through witnessing aggression and violence between adults – can be a cause of enduring distress and damage to children of all ages.¹⁴

Unfortunately, exposure to violence is difficult to define and the available indicators are inadequate to the task of reflecting either present misery or future consequence. Figures 5.3a and 5.3b bring together the few data on what children themselves have to say about this issue.

In 18 of the 21 countries surveyed, the proportion of those involved in fighting in the previous 12 months (Figure 5.3a) was over one third, ranging from fewer than 30% in Finland and Germany to more than 45% in the Czech Republic and Hungary. Overall, about 40% of all young people in countries surveyed reported involvement in at least one physical fight during the previous year.

The prevalence of bullying (Figure 5.3b) varies more widely, with about 15% of children reporting being bullied in Sweden and the Czech Republic as opposed to more than 40% in Switzerland, Austria, and Portugal. About a third of young people in the countries surveyed report being bullied at least once during the two months prior to the survey. A similar proportion reported bullying others.

Both of these tables need to be treated with caution. The fact that the children of the Czech Republic simultaneously appear at the top of the 'fighting' table and at the bottom of the 'bullying' league, for example, is not necessarily inconsistent. The distinction between bullying and fighting is, at the margins, an issue of perception, and the subtleties of the distinction may occasionally be eroded in translation. The definition used by the survey quoted, and submitted to interviewees as a preliminary to the question on bullying, illustrates the difficulty: "We say a student is being bullied when another student, or group of students, says or does nasty and unpleasant things to him or her. It is

also bullying when a student is teased repeatedly in a way he or she doesn't like, or when he or she is deliberately left out of things. But it is not bullying when two students of about the same strength quarrel or fight. It is also not bullying when the teasing is done in a friendly and playful way."

Figure 5.3 brings both 'fighting' and 'bullying' indicators into a composite table, but remains an inadequate representation of young people's experience of violence in the countries concerned. What is needed is more information on children's exposure to violence of all kinds in the home. National studies show that children who often witness violence between others in the home are also most likely to be victims of violence themselves, and both forms of exposure represent incalculable levels of current misery and long-term damage to the development and well-being of many millions of children. *Report Card 5* (September 2003) concluded that in some industrialized nations today as many as one child in every 15 is the victim of serious maltreatment and that this is an issue which needs to be dragged out from the shadows of national life and into the daylight of public and political scrutiny.

Figure 5.3 Young people who report not being involved in fighting, or being bullied, as a consequence of tables 5.3a and 5.3b.

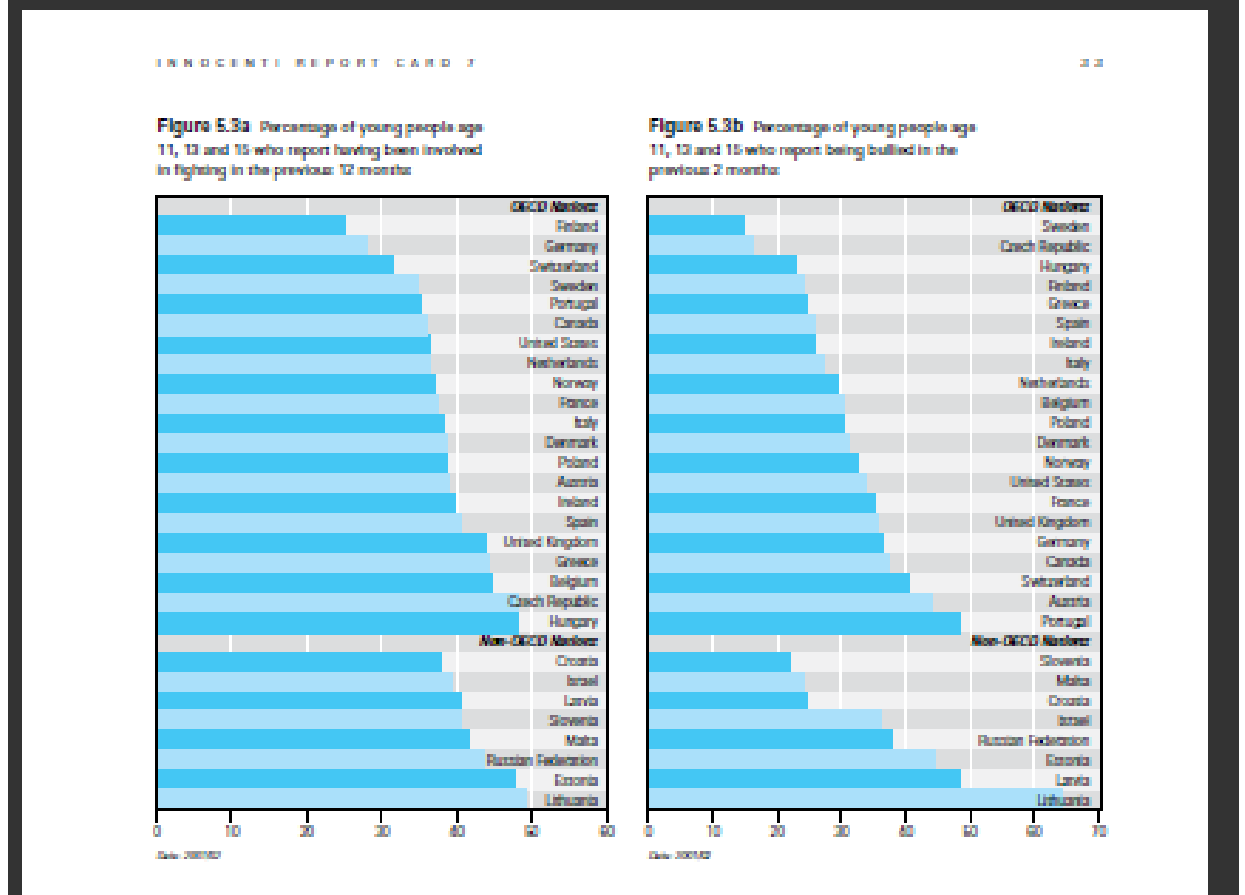
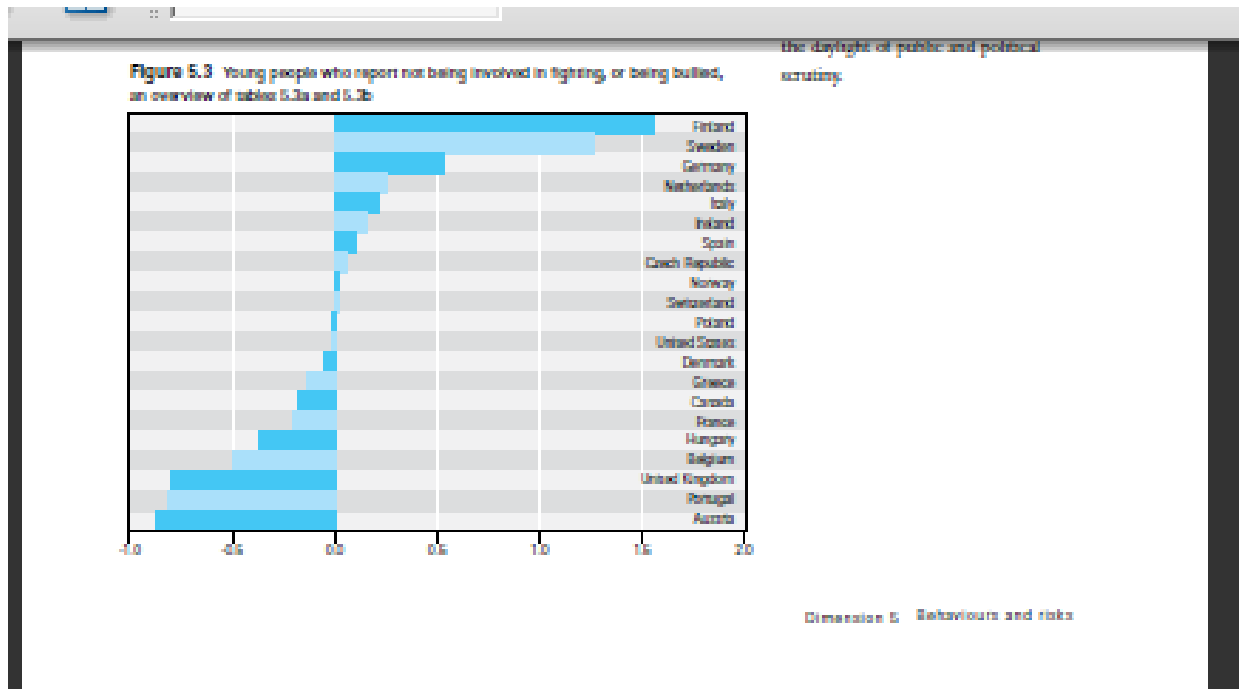
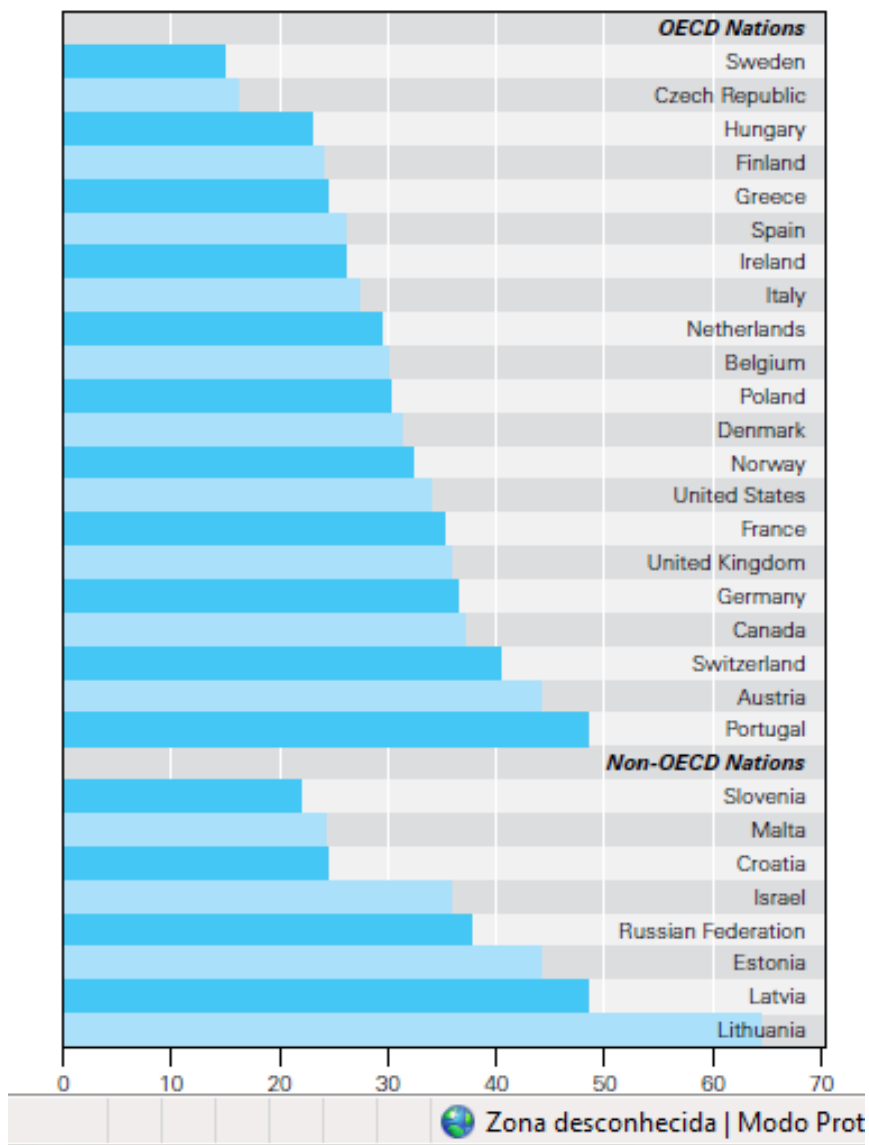


Figure 5.3b Percentage of young people age 11, 13 and 15 who report being bullied in the previous 2 months



Pormenor do gráfico que mostra que quase 50% das crianças de 11, 13 e 15 anos foram vítimas de bullying em Portugal

Consultar págs. 33-35 em http://www.unicef.pt/docs/rc7_aw3.pdf

Anexo 6

**AUTORIZAÇÕES ESCOLA
SECUNDÁRIA FREI HEITOR
PINTO**

QUESTIONÁRIO

**BULLYING NA ESCOLA— O QUE
SABEMOS E PODEMOS FAZER**

Susana Natividade de Almeida Ferrinho
Estrada Municipal 507, nº10 A
Boidobra
6200-275 Covilhã

Covilhã, 1 de Setembro de 2010

Exmo. Senhor Director da Escola Secundária Frei Heitor Pinto,

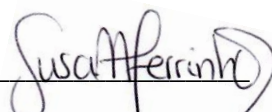
eu, Susana Natividade de Almeida Ferrinho, licenciada pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Ingleses e Alemães, venho na qualidade de aluna de Mestrado em Estudos Didácticos, Culturais, Linguísticos e Literários na Universidade da Beira Interior solicitar autorização para aplicar o questionário em anexo e leccionar uma aula a uma turma de 8º ano.

Uma vez que a dissertação assenta sobretudo numa vertente didáctica, pois são apresentadas algumas estratégias e materiais que podem ser usados na aula de Inglês e no espaço escolar, por forma a prevenir e desencorajar os comportamentos de *bullying*, considero que seria uma mais valia poder aplicar e testar alguns destes materiais, ainda que com as limitações temporais existentes.

De forma a que a dissertação possa ser submetida no período de época especial concedido pela Universidade da Beira Interior até 25 de Outubro de 2010, a leccionação e o referido questionário teria de ser aplicado nas primeiras semanas do ano lectivo 2010-2011 (entre os dias 15 a 30 de Setembro).

Agradeço antecipadamente a atenção dispensada, aguardando na expectativa de uma resposta favorável.

Atenciosamente,



(Susana Ferrinho)

Paula Elyseu Mesquita
Professora Auxiliar, Faculdade de Artes e Letras
Universidade da Beira Interior
pmesquita@ubi.pt

Covilhã, 2 de Setembro de 2010

Exmo. Senhor Director da Escola Secundária Frei Heitor Pinto,

Relativamente ao estudo que neste momento é levado a cabo pela candidata ao grau de Mestre Susana Natividade de Almeida Ferrinho (Estudos Didácticos, Culturais, Linguísticos e Literários) na Universidade da Beira Interior, venho apelar a que lhe sejam facilitadas as condições necessárias à aplicação do questionário apresentado pela mesma nos prazos já explicitados.

Em nome da Universidade da Beira Interior, agradeço desde já a disponibilidade da Escola e dos seus docentes neste âmbito.

Com os meus melhores cumprimentos,



Paula Elyseu Mesquita
Orientadora do Mestrado em Estudos Didácticos, Culturais, Linguísticos e
Literários



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
DEPARTAMENTO DE LETRAS

QUESTIONÁRIO
BULLYING NA ESCOLA— O QUE SABEMOS
E PODEMOS FAZER

Data ___ / ___ / _____

Escola _____

Toda a informação é confidencial e anónima. Não necessitas de te identificar.
Sê sincero(a) - As tuas respostas podem fazer a diferença. Obrigada pela tua colaboração.

Parte I

1. Sou ...
 um rapaz uma rapariga
2. Tenho ____ anos.
3. Frequento o ____ ano.
4. Para mim estar na escola é ... muito bom
 bom
 razoável
 mau
 péssimo
5. O relacionamento com os colegas de turma é ... muito bom
 bom
 razoável
 mau
 péssimo
6. Os colegas de escola tratam-me ... muito bem
 bem
 razoavelmente
 mal
 muito mal
7. Tenho ... muitos ... amigos.
 bastantes
 alguns
 poucos
 muito poucos

Parte II

8. O que é para ti “*Bullying*”?

9. Falas ou ouves falar com frequência sobre *bullying*?

- Sim Não

10. Onde? (podes escolher várias opções)

- Em casa Na Internet
 Na escola Na TV, rádio, jornais, revistas...
 Com os amigos

11. Considera as seguintes situações e decide se elas são *bullying* ou não. Circunda a palavra Sim ou Não de acordo com a tua opinião.

	Bullying?
O Simão e o António recusam falar e conviver com o João, e escrevem bilhetes com mentiras sobre ele que vão passando também pelos colegas de turma.	Sim Não
A Isabel, a Rita e a Raquel não deixam a Patrícia entrar para o seu grupo.	Sim Não
Sempre que a Carolina passa perto da Ana ou das suas amigas é empurrada e apelidada de “gorda”.	Sim Não
Quando o Francisco atravessa o pátio da escola ouvem-se risadas e sussurros.	Sim Não
Um grupo de raparigas espera Sara à porta da casa de banho e não a deixam sair.	Sim Não
O Manuel sabe que o José tem medo de cães por isso assusta-o com o seu doberman à saída da escola, obrigando-o a dar-lhe dinheiro diariamente.	Sim Não
O Tomás vê a sua mochila ser constantemente pontapeada pelo chão da sala de aula.	Sim Não
A Sofia é ameaçada que se continuar a fazer sempre os trabalhos de casa irá “perder” o seu telemóvel.	Sim Não
A Daniela vê frequentemente a sua senha de almoço ser-lhe roubada.	Sim Não
Um grupo de rapazes mais velhos persegue muitas vezes o Pedro, atirando os seus livros ao chão.	Sim Não

Parte III

- 12.** E tu? Alguma vez foste vítima de bullying? (Ninguém saberá a tua identidade)
- Sim Não
- 13.** Se sim, o que te fizeram?
- Empurraram-me e bateram-me.
- Chamaram-me nomes e troçaram de mim.
- Tiraram-me ou estragaram os meus bens pessoais
- Espalharam mentiras sobre mim.
- Outras coisas _____
- 14.** Quem te fez mal?
- a)**
- Um rapaz
- Uma rapariga
- Vários rapazes
- Várias raparigas
- Rapazes e raparigas
- b)**
- Colegas de turma
- Alunos de outras turmas, mas do meu ano
- Alunos mais velhos
- Alunos mais novos
- 15.** Onde ocorreu o *bullying*?
- Nos corredores e escadas da escola
- Na sala de aula
- No pátio, durante o intervalo
- No refeitório
- Noutro lugar (Qual?) _____
- 16.** Disseste a alguém?
- Sim, a um(a) professor(a)
- Sim, ao meu pai e/ou à minha mãe
- Sim, ao(s) meu(s) irmão(s) e/ou irmã(s)
- Sim, a um(a) amigo(a) / familiar / vizinho
- Não disse a ninguém

Parte IV

1. E tu?

Lê todas as perguntas e circula a palavra Sim ou Não.

Gostas de provocar e aborrecer outras pessoas?	Sim	Não
Provocas e atormentas pessoas mais pequenas do que tu?	Sim	Não
Gostas de te apoderar ou de destruir bens de outras pessoas?	Sim	Não
Gostas de te vingar de quem te magoa?	Sim	Não
Achas divertido ver outras pessoas enganar-se ou a passar por situações humilhantes?	Sim	Não
Sentes-te zangado(a) ou revoltado(a) durante muito tempo e com frequência?	Sim	Não
Gostas que os teus colegas pensem que tu és o/a mais “duro/a” da escola?	Sim	Não
Ficas feliz quando os outros são mal sucedidos?	Sim	Não
Sentes inveja quando alguém é bem sucedido?	Sim	Não
Costumas culpar os outros quando a tua vida não corre bem?	Sim	Não
Quando participas num jogo, sentes que tens de ganhar sempre?	Sim	Não
Se perderes um desafio, ficas preocupado com o que outros pensam de ti?	Sim	Não

Agora lê o seguinte texto:

Se respondeste “Sim” a uma ou duas destas perguntas, podes estar a caminho de te tornares um *bully*. Cuidado! Se respondeste “Sim” a três ou mais perguntas, provavelmente já és um *bully* e necessitas de encontrar formas para alterar e melhorar o teu comportamento. As boas notícias são: os *bullies* podem obter ajuda para lidar com os seus sentimentos, para aprender a lidar com as outras pessoas e a fazer amigos. Os pais, os professores, os conselheiros ou psicólogos da escola e outros adultos podem proporcionar este tipo de ajuda. **BASTA PEDIR.**

O questionário chegou ao fim. Mais uma vez agradeço a tua colaboração.

Faz do combate ao *bullying* também a tua bandeira!

SAY NO TO BULLYING!

Nota 1: O questionário foi propositadamente redigido em Português para que os alunos pudessem mais facilmente aderir, compreender e expressar as suas impressões.

Nota 2: A Parte IV é uma adaptação elaborada com base no questionário “Are you a *bully*?” de Allan Beane. (BEANE, Allan L.; *The Bully Free Classroom, Over 100 Tips and Strategies for Teachers K-8*, Free Spirit Publishing, 1999)